



**Universidade Federal da Paraíba – UFPB**  
**Centro de Comunicação, Turismo e Artes – CCTA**  
**Programa de Pós-Graduação em Jornalismo – PPJ**

**Convergência Jornalística: A Produção de Conteúdo no**  
**Núcleo Multiplataforma de Esportes da Rede Paraíba de**  
**Comunicação**

**Mariah de Almeida Araújo**

**João Pessoa – PB**

**Março / 2015**



**Universidade Federal da Paraíba – UFPB**  
**Centro de Comunicação, Turismo e Artes – CCTA**  
**Programa de Pós-Graduação em Jornalismo – PPJ**

## **Convergência Jornalística: A Produção de Conteúdo no Núcleo Multiplataforma de Esportes da Rede Paraíba de Comunicação**

Relatório Final apresentado ao Programa de Pós-graduação em Jornalismo – PPJ, da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Jornalismo, área de concentração produção jornalística, linha de pesquisa processos, práticas e produtos.

**Mariah de Almeida Araújo**

**Orientador: Prof. PhD. Pedro Nunes Filho**

**João Pessoa – PB**  
**Março / 2015**

A663c Araújo, Mariah de Almeida.

Convergência Jornalística: a produção de conteúdo no Núcleo  
Multiplataforma de Esportes da Rede Paraíba de Comunicação / Mariah de Almeida  
Araújo. – João Pessoa, 2015.

136f.

Orientador: Pedro Nunes Filho.

Dissertação (Mestrado) – UFPB/CCTA.

1. Jornalismo. 2. Produção jornalística. 3. Convergência jornalística. 4.  
Multiplataforma. 5. Comunicação.

UFPB/BC

CDU: 0702(043)



**Universidade Federal da Paraíba – UFPB**  
**Centro de Comunicação, Turismo e Artes – CCTA**  
**Programa de Pós-Graduação em Jornalismo – PPJ**

O Relatório Final de Mariah de Almeida Araújo, intitulado **Convergência Jornalística: A Produção de Conteúdo no Núcleo Multiplataforma de Esportes da Rede Paraíba de Comunicação**, foi \_\_\_\_\_ pela banca examinadora.

---

Prof. PhD. Pedro Nunes Filho – UFPB  
Orientador

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Miriam Moema Filgueira Pinheiro – UFRN  
Examinadora

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Carmem Virgínia Montenegro Sá Barreto – UFPB  
Examinadora

João Pessoa, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2015.

Para Tito, que tornou isso possível com amor.  
DEDICO.

## AGRADECIMENTOS

Há duas categorias de pessoas que eu gostaria de agradecer. Àquelas que me ajudaram conscientemente com esse projeto, e aquelas que não sabiam que estavam sendo usadas por Deus com este propósito.

No segundo grupo, a primeira referência que faço é a dois grandes pastores, Sérgio Queiroz e Guilherme Franco, pois graças as suas pregações pude imergir cada vez mais na palavra de Deus, o que me deu grande conforto e entendimento durante todo o processo.

Agradeço também aos meus sobrinhos Maximus e Nabal, pois a felicidade em cada visita me reanimava diante da sensação de impotência. Sou grata também ao meu pai Onaldo e minha irmã Nattascha pela dedicação perseverante de sempre.

Agradeço ao Senhor Jesus, que pegou na minha mão e escreveu comigo cada linha, além de me capacitar com dons para a realização deste produto. E ainda a minha mãe Linda Susan, que me deu muito amor e emprestou sua sabedoria e fé para que eu não desistisse no meio do caminho.

Sou grata ao meu orientador Pedro Nunes, pela confiança em mim depositada. À Virginia Sá, minha grande professora, agradeço pelo tempo e palavras de conforto a mim dirigidos. E ainda a Ricardo Oliveira e Thiago Soares que me deram o empurrão inicial no projeto e seguiram me apoiando.

No capítulo amigos agradeço a minha turma, a primeira do Mestrado Profissional em Jornalismo. Agradeço especialmente a Zuila David, por ter sido minha amiga em todo o processo. Não posso esquecer-me dos grupos de *Whatsapp* e das grandes amigas de João Pessoa, que estiveram presentes virtualmente nas horas de leitura. Peço obrigada ainda a Anielle Chaves, que me incentivou com sua generosidade e a Laerte Cerqueira que me deu aulas intermináveis de ética e competência.

Sou grata também aos amigos que colocaram comigo a mão na massa. Com muito carinho peço obrigada a Alexandre Frazão, Debora Frazão, Giulianna Henrique, Fernando Fernandes, Júnior Max, Lucas Barros, Rafael Alves, Ednayde Lima, Paloma Faustino e Laura Lorenzoni.

Na Rede Paraíba, agradeço a Tatiana Ramos, Cadu Vieira, Expedito Madruga, Kako Marques e Phelipe Caldas.

E finalmente agradeço ao meu esposo Tito, pelo seu amor diário.

## RESUMO

ARAÚJO, Mariah de Almeida. **Convergência Jornalística:** a produção de conteúdo no Núcleo Multiplataforma de Esportes da Rede Paraíba de Comunicação. 2015. 101p. Relatório Final. (Mestrado em Jornalismo) – Universidade Federal da Paraíba – UFPB, João Pessoa, 2015.

O jornalismo, no decorrer dos tempos, sofreu transformações a medida que acompanhou a globalização social, atingindo o limiar de uma nova era caracterizada pelas rápidas mudanças tecnológicas, de hábitos de consumo da informação e suas aplicações em produtos jornalísticos, processos de trabalho e planos de negócios de grupos de mídia. Conseqüentemente, redes de comunicação são impulsionadas por essas transformações culturais e levadas a se adequar às inovações que são características de um processo conhecido como convergência jornalística. Não obstante às questões complexas decorrentes do conceito da temática abordada, e compreendendo a interdependência entre transformações tecnológicas, empresariais e de conteúdo, o objetivo deste trabalho foi, baseado em ampla revisão bibliográfica e observação empírica, experimentar processos de produção de discursos transmidiáticos pela via da elaboração de uma série de reportagens multiplataformas e didáticas, voltada para estudantes de Comunicação Social, que tematizem a produção de conteúdos jornalísticos do Núcleo Integrado de Esportes da Rede Paraíba de Comunicação. Assim, buscou-se fundamentar todo o estudo necessário à realização deste produto em conceitos já existentes, mas que permitiram à autora durante o desenvolvimento das reportagens, obter suas próprias observações da convergência jornalística, a partir de uma metodologia apropriada, que facilitou a organização de cada prática necessária para o desenvolvimento da série de reportagens em torno do tema. Dessa forma, no decorrer da pesquisa, foi possível conceituar, entender e exemplificar cada fase do processo de convergência jornalística, desde o jornalista polifuncional até os métodos de trabalho e narrativas específicas. Além disso, foi feita uma abordagem conceitual a partir de manuais de comunicação das três plataformas abordadas no estudo e para as quais foram produzidas as reportagens- TV, web e impresso - permitindo então, que o resultado final apresentasse um produto onde estão presentes as implicações da convergência jornalística, mas que respeita a linguagem dos meios e aponta os processos e mudanças nas rotinas produtivas dos profissionais que atuam nessa área.

Palavras-chave: Convergência jornalística. Multiplataforma. Comunicação.

## **ABSTRACT**

Araújo, Almeida Mariah. *Convergence Journalism: the production of content in Multiplatform Core of Paraíba Communication Network Sports*. 2015. 101p. Final report. (Masters in Journalism) – Federal University of Paraíba – UFPB, João Pessoa, 2015.

Journalism, throughout the ages, has been transformed as they accompanied the social globalization, reaching the threshold of a new era characterized by rapid technological change, consumption habits of information and its application in journalistic products, work processes and plans media business groups. Consequently, communication networks are driven by these cultural changes and inducted to suit innovations that are characteristic of a process known as journalistic convergence. Despite the complex issues arising from the concept of the selected theme, and understanding the interdependence between technological, business and content changes, the aim of this study was to, based on extensive literature review and empirical observation, experience transmediatic speeches of production processes by means of developing a series of multi-platform and didactic stories, focused on students from Social Communication, that thematize the production of journalistic content of the Núcleo Integrado de Esportes da Rede Paraíba de Comunicação. Thus, it was sought to support the entire study necessary for conducting this product on existing concepts which, nevertheless, allowed the author during the development of reports to get her own observations of journalistic convergence from an appropriate methodology, which facilitated the organization of each practice necessary for the development of the series of articles around the theme. Thus, during the research it was possible to conceptualize, understand and exemplify each stage of the journalistic convergence process, from polyfunctional journalist to the working methods and specific narratives. In addition, a conceptual approach from communication manuals of the three platforms addressed in the study and for which were produced reports - TV, web and printed - allowing so that the end result present a product where the implications of journalistic convergence are present, but respect the language of media and point out the processes and changes in the productive routines of professionals working in this area

**Keywords:** Journalistic convergence. Multiplatform. Communication.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Portal Globoesporte.com Paraíba.....	23
Figura 2 – Reunião do Núcleo Integrado de Esportes da Rede Paraíba de Comunicação .....	39
Figura 3 – Reunião realizada através de videoconferência .....	39
Figura 4 – Esboço .....	70
Figura 5 – Portal Globoesporte.com Paraíba.....	77
Figura 6 – Plano geral.....	80
Figura 7 – Plano médio.....	80
Figura 8 – Detalhe .....	81
Figura 9 – Fotografia de encerramento.....	81
Figura 10 – Fotografia de encerramento.....	82

# SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	09
<b>2</b>	<b>FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b>	17
2.1	DA CONVERGÊNCIA À REDAÇÃO INTEGRADA	17
2.1.1	Convergência	17
2.1.2	Convergência Jornalística e Redação Integrada	18
2.1.3	Narrativa <i>Cross</i> e Transmídia	21
2.1.4	Jornalista Polifuncional	25
2.1.5	Linguagem dos Meios	27
2.2	METODOLOGIA	31
2.3	ANÁLISE E DISCUSSÃO	34
2.3.1	Descrição da Entrevista	36
2.3.2	Produção e Circulação da Notícia Esportiva na Rede Paraíba de Comunicação – Editoria de Esportes	37
2.3.2.1	Núcleo Integrado de Esportes	37
2.3.2.2	Métodos de trabalho	42
2.3.2.3	Linguagem e qualidade	47
2.4	DESENVOLVIMENTO DO PRODUTO JORNALÍSTICO MULTIPLATAFORMA	50
2.4.1	A Série de Reportagens	50
2.4.2	Produção e Reportagem	52
2.4.2.1	Reportagem para TV	58
2.4.2.2	Reportagem para <i>web</i>	63
2.4.2.3	Reportagem para impresso	71
2.4.2.4	Fotorreportagem	76
2.4.3	Aplicabilidade do Produto	83
<b>3</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	85
	<b>REFERÊNCIAS</b>	94
	APÊNDICES	

# 1 INTRODUÇÃO

O surgimento de um ambiente comunicacional com características multiplataforma alterou o modelo que, por muito tempo, orientou os sistemas de comunicação midiática. O habitual modelo “um para muitos” foi gradualmente substituído por um modelo mais aberto denominado “muitos para muitos”. Em tempo, um jornalista – sentado em uma redação, com o celular na mão devidamente conectado a *internet*, cinco monitores de televisão à frente, um computador com muitas janelas abertas em *sites* noticiosos e, de quebra, um fone de ouvido para escutar o rádio, sempre que for preciso –, não consegue, por mais que tente, descobrir qual veículo informou, em primeira mão, a notícia. E não se está falando de veículos concorrentes, mas, apresentando um cenário de um mesmo grupo de mídia em que não se sabe – e na verdade não importa – qual plataforma noticiou o acontecimento.

Foi a pequena janela do ambiente social fechado no *Whatsapp*<sup>1</sup>? Ou aquele *site* com apenas três linhas escritas sobre a notícia? Foi a televisão com o seu “plantão” tão característico? Impossível saber. E, na verdade, o receptor da notícia não tem esse interesse. Trata-se de plataformas diferentes de um mesmo sistema de comunicação. Todas, na maioria das vezes, apresentando a notícia simultaneamente, para qualquer lugar onde o telespectador-leitor-ouvinte-internauta direcionar os sentidos. Afinal, esse contexto de sociabilidade global e tecnologia da informação, onde a cobertura dos acontecimentos pode ocorrer fora das redações, através de postagens nas redes sociais, por exemplo, descaracterizou os veículos tradicionais de comunicação, trazendo a eles características próprias da *internet*, onde postagens escritas, vídeos, comentários e compartilhamentos brotam de forma descentralizada.

Esse cenário complexo, que envolve o jornalismo multiplataforma, está associado às características de um tempo líquido que, no entender de Bauman (2003), é constituído por desintegrações, instabilidades e fortes marcas do efêmero. É a era da convergência, da notícia que caminha por várias plataformas, da redação integrada. Uma era onde as fronteiras físicas, formais e materiais, entre tecnologia e notícia, são dissolvidas, e as informações passeiam pelas mais diversas fontes. A percepção de diferença entre os meios já não é evidente e tecnologias da informação avançadas permitem a produção e multiplicação de conteúdo informativo de maneira simultânea.

Esse modelo comunicacional convergente descrito vem sendo adotado por sistemas e

---

<sup>1</sup>Whatsapp Messenger é um aplicativo de mensagens multiplataforma em ambiente social fechado que permite trocar mensagens pelo celular sem pagar por SMS (WHATSAPP, 2014).

grupos de comunicação para lidar com as novas formas culturais de produzir e consumir conteúdo, formas estas que foram incorporadas aos costumes com os avanços das tecnologias da informação. É um ciclo: a informação tem sido produzida para atender demandas multiplataformas, e as multiplataformas vem sendo produzidas para atender ao público consumidor da informação; e esse ciclo interfere diretamente na práxis jornalística.

Dentro dessa perspectiva, em um novo cenário multiplataforma, a produção jornalística acompanha a dinâmica dos ambientes interativos *online*. E para proporcionar aos antigos receptores da notícia, que hoje são interagentes, informações que caminham do *on* para o *offline*, o jornalismo está em processo contínuo de adaptação. Logo, convergência resultante dessa interdependência entre informação, cognição e interação, de maneira conectada e desconectada, estabelece novos processos no jornalismo. É preciso repensar desde a estrutura das redações e os processos de produção da notícia, até a forma de apresentação e circulação do conteúdo jornalístico.

O presente estudo pretende experimentar processos de produção de discursos transmidiáticos pela via da elaboração de um produto que apresenta reportagens multiplataformas didáticas que tematizam a produção de conteúdos jornalísticos na Rede Paraíba de Comunicação, com a formação de um núcleo integrado de esportes que aglutinou profissionais do Jornal da Paraíba, TV Cabo Branco e Globoesporte.com Paraíba. O grupo de comunicação, com sede em João Pessoa/PB, possui um jornal impresso, duas rádios (Cabo Branco FM e CBN João Pessoa FM), duas emissoras de TV (Paraíba, em Campina Grande, e Cabo Branco, em João Pessoa), além dos portais G1 Paraíba, Globoesporte.com Paraíba e JP Online.

A integração do núcleo de esportes começou a ser introduzida em março de 2011, com o lançamento do Globoesporte.com Paraíba, e seguiu-se com a junção dos profissionais *on* e *offline*, como os jornalistas esportivos da TV Cabo Branco e caderno de esportes do Jornal da Paraíba. A ideia é que, como núcleo de esportes em redação integrada, cada jornalista seja responsável pela cobertura da notícia para as plataformas impressa, digital e TV, dominando cada especificidade de linguagem. De acordo com os editores da Rede Paraíba de Comunicação, Expedito Madruga e Phelipe Caldas, esse investimento na produção de conteúdo em dinâmica multiplataforma tem sido fortalecido desde 2013, com uma metodologia de trabalho que atenda as necessidades de distribuição de conteúdo multiplataforma.

Essas mudanças na editoria de esportes alteraram a forma dos jornalistas esportivos narrarem os acontecimentos, adotando novas rotinas de produção e, conseqüentemente, novas

competências profissionais. Para apresentar essa dinâmica de produção do núcleo de esportes, o presente estudo pretende produzir um produto voltado para estudantes de comunicação, que demonstre como estão sendo desenvolvidas as reportagens em uma redação integrada multiplataforma. O produto final é uma de uma série de reportagens transmidiática, que irá documentar a rotina dos jornalistas integrados. Será apresentado um mesmo tema – a rotina jornalística e produção de conteúdo em ambiência convergente (redação integrada) – em quatro reportagens: reportagem para televisão; reportagem para *web*; reportagem para jornal impresso e uma fotorreportagem.

As reportagens mostrarão uma redação integrada na dimensão de três formatos e para três plataformas: TV, *web* e jornal impresso. Nas matérias serão explorados como os conteúdos são produzidos no aspecto convergente, para quais plataformas é destinado o material e como a linguagem própria de cada plataforma é incorporada. Sendo assim, esse trabalho procura experimentar e conhecer essas dimensões para contribuir com as discussões acerca da produção jornalística para várias plataformas em contexto de convergência.

Esta redação, em particular, trata-se de uma redação emergente, que busca se adequar aos novos caminhos de produção, circulação e consumo de notícias. O produto escolhido objetiva não somente documentar o processo, como permitir a esta pesquisadora, a vivência em uma ambiência multiplataforma, cuja experiência proporcionará a reflexão crítica e a análise do modelo de jornalismo convergente.

O interesse em documentar essa prática de jornalismo convergente surgiu durante o exercício da profissão de jornalista, na TV Cabo Branco, afiliada da Rede Globo, na Paraíba, de onde a autora deste estudo se desligou em 2013.

No cargo de Chefe de Produção e Reportagem, a pesquisadora percebeu que as transformações na maneira de veicular a notícia, estavam acontecendo muito rapidamente. Exemplo disso se dá, quando, em um dado momento, a pesquisadora foi orientada pelo Chefe de Redação, Sérgio Pavanello – por falta de recursos –, a enviar, junto a um repórter que cobriria um treino de futebol para o portal de notícias G1 Paraíba, um cinegrafista e, é claro, um microfone. Dessa forma, o repórter da *web* atuaria como repórter de televisão, já que estaria cobrindo o fato que a emissora também necessitava noticiar.

Foi fácil creditar ao exercício multifuncional do jornalista a falta de equipes de televisão (repórter, cinegrafista, assistente, câmera, bateria, microfone, iluminação e carro) suficientes para cobrir tudo o que se julgasse notícia. Mas, ainda em estudos preliminares, percebeu-se que essa é uma tendência incorporada pelas principais redações do mundo, em busca de soluções econômicas e empresariais para o jornalismo, a exemplo do jornal

americano *New York Times*<sup>2</sup>, do Clarín.com<sup>3</sup>, em Buenos Aires, e no Brasil, do Tribuna do Norte e Extra<sup>4</sup>.

Em 2007, o editor do *New York Times*, um dos jornais de maior prestígio do mundo, afirmou que por problemas econômicos, os dias do jornal impresso estavam contados, ao mencionar não saber se em cinco anos ainda iriam imprimir o *Times*, já que a editoração do folhetim já apresentava prejuízo em torno de US\$ 570 milhões. Acompanhar a audiência na migração para a *web* foi a decisão tomada com grande entusiasmo. Arthur Sulzberger, presidente do grupo, afirmou que “a *internet* é um lugar maravilhoso e nesse terreno está à frente de todos”, baseando-se no fato da edição *online* do jornal ter registrado o acesso de 1,5 milhões de acessos por dia. A solução encontrada pelo jornal para combater os prejuízos econômicos e, até mesmo, reconquistar o leitor, foi “a junção das redações do jornal impresso e do jornal virtual”, em um processo convergente que repensou as relações profissionais, com o público e os publicitários (ESTADÃO, 2007).

Outro exemplo é a convergência entre as redações do impresso e *online* do Clarín, em Buenos Aires, que também acontece desde 2007. Silveira (2009, p. 38) explica que nesse caso, a principal razão para as mudanças terem ocorrido, não foram por questões econômicas, como o caso do *Times*, mas sim, por questões relacionadas às transformações na forma cultural de ler a notícia, incorporadas com o uso da *internet*, já que “os grandes jornais do mundo lançam mudanças operativas que apontam para a transformação de fundo do perfil profissional de seus repórteres e editores, preparando-os para uma realidade de consumo multiplataforma da informação”.

Veículos no Brasil também seguiram a tendência, a exemplo do grupo de mídia Tribuna do Norte, que já em 2008, experimentava a produção de conteúdo multiplataforma, onde, segundo Agnez (2011, p. 86-89), “todas as equipes de reportagem, incluindo chefes e secretários de redação, editores, repórteres e fotógrafos, introduziram em suas atividades a produção de conteúdos para o portal na *internet*”.

Assim, diante de alguns exemplos, percebe-se que este tema é apontado em discussões sobre estratégias, modelos de negócio e processos operativos das empresas de mídia.

As organizações de mídia atribuem à convergência, a responsabilidade de ser o carro chefe renovador na produção jornalística, mesmo que a terminologia – e o que ela significa –,

---

<sup>2</sup>Vídeo sobre a redação integrada do New York Times, visto na íntegra em Cyberjournalist.net (2007).

<sup>3</sup>Matéria sobre o Clarin.com, visto na íntegra em Graber (2009).

<sup>4</sup>Estudo de Mestrado visto na íntegra em Agnez (2011).

ainda esteja em constante transformação. As mudanças que ocorrem no Brasil, relacionadas ao crescimento do acesso a *internet*, afetam diretamente os veículos de comunicação tradicionais, como as emissoras de TV, emissoras de rádio, jornais e revistas, fazendo com que, vários grupos midiáticos, repensem os seus produtos e processos.

Na teoria, a convergência poderia ser um processo natural e pouco traumático, acompanhando as transformações da tecnologia. Mas, na prática, esta integração mostra-se bem mais complexa. Grupos de comunicação regionais, como a Rede Paraíba de Comunicação, com estrutura menor que grandes conglomerados de mídia, têm vivenciado essas transformações no âmbito de convergência jornalística de forma brusca. As razões são diversas, e entre elas, o atraso na renovação tecnológica – em comparação a redes de comunicação em âmbito nacional e internacional –, que causa uma corrida acelerada em busca dos modelos já praticados. É preciso uma adaptação rápida aos novos produtos e modelos de negócio, para atender a um público local que já recebe de grandes conglomerados de mídia, uma produção multiplataforma.

Esse cenário onde a audiência tem nova forma de pensar e entender o mundo, com diferentes habilidades simultâneas, múltipla atenção e curiosidade exacerbada (a partir da facilidade de acesso a informação), torna as transformações necessárias para um ambiente convergente, um desafio para ser alcançado em tempo recorde. Assim, uma editoria de esportes, por ter uma audiência com características de fã (como será visto), mostra-se ideal para a análise de conteúdo convergente. Por estas razões combinadas, foi escolhido para ser estudado o Núcleo Integrado de Esportes do grupo de comunicação acima referido, já que pratica um modelo de redação integrada com a distribuição do conteúdo, em mais de uma plataforma, desde o lançamento do [Globoesporte.com/PB](http://Globoesporte.com/PB). Essa editoria específica, na sua rotina de trabalho exercita o conceito de que o profissional não apura e produz reportagens somente para uma plataforma ou veículo específico, mas para todo o grupo.

Os desafios enfrentados pela empresa de comunicação observada, também são sentidos por outros grupos de mídia, em outras partes do mundo. Os espanhóis Salaverría e Negrodo (2008, p. 45) argumentam a respeito desse desafio que é a integração das mídias, que ultrapassa a junção – em um mesmo *site* –, de textos, vídeos, fotos, áudios e imagens em movimento. As empresas tentam descobrir como adotar uma estrutura adequada para uma nova redação, que pode ser integrada e, além disso, entender qual será a metodologia de trabalho e, por conseguinte, a linguagem específica e correta para cada veículo.

O resultado deste estudo configurado na série de reportagens, ainda pretende demonstrar, através da documentação da prática jornalística em uma redação integrada, os

instrumentos que os jornalistas usam para produzir a informação. Os autores acima citados entendem que todos os fenômenos de convergência, de redações, de mídias, de conteúdos e de profissionais, seriam impossíveis sem uma condição fundamental que envolve esses processos: a convergência tecnológica. Porém, mesmo reconhecendo a importância dos avanços tecnológicos, Salaverria e Negredo (2008) afirmam que é importante ater-se a qualidade do conteúdo desenvolvido. O que reafirma o interesse em apresentar uma discussão acerca de como o conteúdo é produzido.

Ainda segundo os autores, a principal crítica a esse novo modelo de encarar as redações, é de que, ao passo que as empresas reduzem os recursos financeiros – com a convergência jornalística, onde um mesmo jornalista escreve a matéria para a TV, jornal, portal, *tablet*, *smartfone*, etc. –, elas não investem como deveriam nas informações. O produto final pode acabar não tendo a excelência desejável, pode não respeitar as características narrativas de cada veículo. Em resumo, pode ser de má qualidade, por causa da sobrecarga de atribuições que os jornalistas são submetidos (SALAVERRIA & GARCIA ÁVILES, 2008, p.32).

No entanto, na convergência jornalística, entre o quimérico e o possível de ser executado, existe uma longa caminhada. A estrada a ser percorrida até a chegada é permeada pela necessidade de um entendimento do que a tão repetida palavra convergência tem feito com o jornalismo. Assim, Grandim (2011, p. 6), explica que são muitas as realidades do termo. Pode ser “convergência de grupos econômicos; de mídia; de redações no interior de um dado grupo; da forma de recolher e apresentar as notícias; e do próprio produto multimídia – que é novo – posto à disposição do público”. Cada uma destas formas de convergência encaminham consequências para a atividade jornalística, que não cabe abordar neste estudo. A este trabalho interessa, sobretudo, os últimos pontos, ou seja, a maneira como a convergência modifica a atividade jornalística, interferindo no produto final, que é o conteúdo, a informação, a notícia.

Em conformidade com as considerações já feitas, formula-se a seguinte problemática de pesquisa: **Como são produzidos os conteúdos para as diversas plataformas (TV, web, impresso) do núcleo integrado de esportas da Rede Paraíba de Comunicação?**

É interessante sublinhar que o problema norteador da pesquisa será investigado a partir da observação de realidades, que tangem outros aspectos da convergência jornalística, que não só o conteúdo, como a estrutura física, dispositivos tecnológicos, a forma de recolher e apresentar as notícias (métodos de trabalho), e de como a atividade jornalística é reelaborada, revista e refeita em um modelo convergente. Afinal, ao mesmo tempo em que se destaca

como foco principal a observação do conteúdo, não se pode desconsiderar a interdependência entre todas as realidades da convergência citadas por Grandim (2011), por que elas, em sua totalidade, vão interferir, diretamente, no produto final de uma redação convergente, que é o conteúdo apresentado ao público.

O resultado da investigação do problema, e sua reflexão, é uma série de reportagens com narrativa transmidiática (como será visto), cujo objetivo é, além de experimentar o desenvolvimento de um produto jornalístico multiplataforma, transformar essa condição histórica da produção jornalística, em um conteúdo voltado para estudantes de Comunicação Social. Esta série servirá, não somente como ferramenta pedagógica para os estudantes, como também, de arquivo para a Rede Paraíba de Comunicação, além de estudiosos da comunicação e o público em geral. Acreditando-se, inclusive, na possibilidade de favorecer referências para outros estudos sobre as mudanças na produção de conteúdo jornalístico, depois que o modelo de convergência tornou-se sinônimo de modelo de sucesso, em redações de todo o mundo.

Assim, intenciona-se investigar e apresentar, através da série de reportagens, quais as mudanças nas técnicas de produção do conteúdo jornalístico com a implantação da redação integrada; quais as dificuldades encontradas pelos jornalistas na adaptação a uma redação integrada; como acontece a integração física para troca de informações entre os jornalistas que desenvolvem a notícia para plataformas diferentes.

Ou seja, o que se quer apresentar, é um trabalho que busca enfrentar o problema proposto – partindo do campo profissional de atuação da autora –, utilizando, de forma direcionada, o conhecimento bibliográfico existente, para observar e documentar tal problema. Não se trata de repetir análises já existentes, mas de conhecê-las para apresentar um modelo de trabalho praticado, através da série de reportagens, com o qual se pretende gerar discussões aos estudiosos e estudantes de comunicação, que podem referendar, ou não, o conteúdo científico existente em torno do tema.

A série de reportagens que documentará a produção de conteúdo numa redação integrada, além de apresentar de maneira didática a rotina jornalística da redação adotada pela editoria de esportes da Rede Paraíba de Comunicação, pretendeu também propor um auto desafio a pesquisadora, produzindo uma narrativa transmidiática, ou seja, diante de um mesmo tema, desenvolver reportagens para três plataformas, respeitando as linguagens específicas de cada meio.

Diante da possibilidade de transformar a inquietação profissional em pesquisa, e, posteriormente, em conteúdo aplicado nas escolas de comunicação, é crescente ainda, a

intenção, de atuar como multiplicador, repassando os conhecimentos adquiridos, durante o processo de pesquisa e construção do produto, para os demais profissionais no campo de atuação em questão. Mas, antes da produção do produto final resultante deste projeto, cabe ressaltar, numa tentativa de entender o contexto, quais as transformações que os avanços tecnológicos e as redes digitais de informação estão proporcionando à comunicação como um todo, e quais os cenários que vêm se desenhando para o jornalismo em ambientes convergentes. Assim, conceituar essas transformações na forma de consumir informação e sua adaptação aos novos suportes parece ser algo fundamental.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 2.1 DA CONVERGÊNCIA À REDAÇÃO INTEGRADA

#### 2.1.1 Convergência

Por conta da grande força transformadora causada pela convergência é preciso analisar o conceito, suas múltiplas modalidades e consequências na produção jornalística. Por isso, ao propor uma discussão sobre o conteúdo desenvolvido numa redação integrada, em âmbito convergente, torna-se fundamental começar debatendo o termo convergência correlacionando-o ao ambiente midiático e, posteriormente, ao ambiente jornalístico.

Discussões sobre o termo atingem muitas áreas do conhecimento. São extensas as reflexões sobre o conceito e sobre como aplicá-lo em cenários diferentes. O termo tem sido usado de maneira incansável em todos os estudos que envolvem mídias contemporâneas e tecnologias digitais de informação, *cibercultura*, linguagens e narrativas, apenas ficando no campo maior das ciências da comunicação (SAAD, 2007 *apud* RAZÊRA, 2010, p. 1).

Para melhor relatar que tipo de convergência o estudo se refere, Jenkins (2008, p. 27) destaca que, “[...] cultura da convergência, onde as velhas e as novas mídias colidem, onde mídia corporativa e mídia alternativa se cruzam, onde o poder do produtor de mídia e o poder do consumidor interagem de maneiras imprevisíveis”.

A forma como o autor introduz a temática, anexando a palavra cultura ao termo convergência, já se aproxima de uma definição ligada às transformações no conhecimento, hábitos, aptidões, costumes, etc. Mas, essas mudanças culturais giram em torno da digitalização da informação, e, a adoção dessa digitalização pelos conglomerados de mídia. Jenkins (2008) entende convergência como o fluxo de conteúdos através de múltiplas plataformas de mídia, com a cooperação de múltiplos mercados midiáticos, aliados ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação, os quais vão a quase qualquer parte, em busca das experiências de entretenimento que desejam. O autor vai além, afirmando que, convergência é uma palavra que consegue explicar as transformações tecnológicas, mercadológicas, culturais e sociais.

Mesmo diante de um termo que traduz tantas transformações, Jenkins (2008) destaca a circulação do conteúdo e também o consumidor. Por que uma informação só vai transpor mídias por conta do consumidor, ou seja, a convergência depende fortemente de quem

consome conteúdo, e só acontece por que a informação atravessa fronteiras.

Em concordância com as afirmações de Jenkins (2008), este estudo se propôs a seguir a linha de que a convergência não é um termo que define a tecnologia que um dia unirá muitas funções e mídias em um único aparelho. Compreende-se que, ao se estudar sobre convergência, é necessário assumir essa compreensão, que coloca o termo como “transformação cultural”, à medida que os consumidores são incentivados a procurar informações e a fazer ligações com conteúdos midiáticos dispersos. Os consumidores agora participam das mídias, das informações e dos meios em um novo conjunto de regras que está sendo estudado e ainda não entendido completamente (JENKIS, 2008, p. 26-29).

### 2.1.2 Convergência Jornalística e Redação Integrada

Diante da compreensão de transformação cultural na forma de consumir conteúdo, se faz importante entender a convergência no jornalismo.

Alguns pensamentos apocalípticos deram fim aos tradicionais meios de comunicação, com a evolução das tecnologias da informação, mas Jenkins (2008, p. 39-40) nada contra essa corrente, ao afirmar que,

A convergência parece mais plausível como uma forma de entender os últimos dez anos de transformações dos meios de comunicação do que o velho paradigma da revolução digital [que previa a substituição dos meios analógicos pelos digitais]. Os velhos meios de comunicação não estão sendo substituídos. Mais propriamente, suas funções e status estão sendo transformados pela introdução de novas tecnologias.

Dessa forma, os meios tradicionais coexistem com a *web*, coexistindo também, a maneira de fazer jornalismo. Na definição de Salaverría, García Avilés e Masip (2010, p. 59), a convergência jornalística é um processo multidimensional facilitado pela implantação generalizada das tecnologias digitais de telecomunicações. Este processo afeta os aspectos tecnológicos, empresariais, profissionais e de conteúdo, promovendo a integração de ferramentas, espaços, métodos de trabalho e linguagens que antes eram dispersas, e agora, seguem agrupadas, de modo que o conteúdo desenvolvido pelos jornalistas é distribuído através de múltiplas plataformas, com as linguagens próprias de cada meio.

Dailey *et al* (2005, p. 8 *apud* KISCHINHEVSKY, 2009) explica que,

Numa perspectiva “etapista”, a convergência jornalista apresentaria diversos níveis, indo do simples aproveitamento de notícias geradas por uma redação em outras plataformas de difusão do mesmo grupo empresarial, até a formação de uma única

redação, responsável pela produção de conteúdos para diversos canais de distribuição.

O primeiro nível citado pelo autor remete ao começo da adoção das redações convergentes, onde o conteúdo era somente transposto. Aqui no Brasil, segundo Razêra (2010, p. 2), com o surgimento do jornalismo digital, nos anos 90, a convergência jornalística passou a ser considerada algo alcançável, mas ainda, distante do que as redações multiplataformas fora do país estavam vivendo. É tanto que o termo jornalismo digital ou *ciberjornalismo*, dava nome as versões *online* de jornais impressos, diários e de modelo comercial. E estas versões, não apresentavam alterações na linguagem entre um meio e outro, depois de deixar pronto um conteúdo para o impresso, ele era transferido para a *web* (MIELNICZUK, 2002, p. 1- 3).

No entanto, o cenário mudou. Os *sites* de notícias passaram não somente a reproduzir o conteúdo divulgado na sua versão impressa, como exploram de forma mais adequada e criativa os recursos da *internet*. As publicações digitais de conglomerados de mídia disponibilizam informações exclusivas para o modelo *online* e também, adicionais sobre aquele conteúdo da edição impressa, como também, vídeos, animações, fotos, infográficos e outros recursos multimídia. Além disso, o leitor pode acessar bancos de dados com edições passadas, fóruns de discussão, mecanismos de busca, notícias atualizadas a todo o instante e uma série de outros serviços, só possíveis através do suporte digital<sup>5</sup>.

Essas transformações seguem o curso também no jornalismo audiovisual: programas de televisão desenvolvem conteúdos extras para os *sites*, além de incentivarem que o telespectador acompanhe o desenvolvimento da notícia através de outras plataformas.

Na Paraíba, a convergência jornalística nas redações, começou a apontar alguns modelos e reconfigurações, a exemplo da já citada Rede Paraíba de Comunicação, com o seu núcleo de esportes. Sobre esses modelos e reconfigurações Salaverría, García Avilés e Masip (2010, p. 59) classificam a convergência jornalística em quatro aspectos: tecnológico, empresarial, profissional e de conteúdos ou editorial.

Percebe-se, pela experiência profissional e pelo aporte teórico acima citado, que existe interdependência entre esses aspectos, o que não pode ser descartado. No entanto, como já explicado, é preciso fazer um recorte para a produção do produto e para as análises e discussões do presente estudo. Assim, a pesquisa será restrita à "convergência de conteúdos ou editorial".

---

<sup>5</sup>Artigo na íntegra sobre o tema pode ser visto em Manta (1997).

Barbosa (2009a, p. 4262) destrincha cada um dos aspectos citados por Salaverría, García Avilés e Masip (2010). Segundo a autora, o aspecto relacionado à **tecnologia** se refere à infraestrutura técnica (computadores, servidores, câmeras, gravadores, *softwares* inteligentes, sistemas de gestão de conteúdos) para garantir a produção, difusão *cross-media* e a recepção; a **infraestrutura empresarial**, que está relacionada aos próprios grupos de comunicação, sejam multinacionais, nacionais, regionais ou locais; às alianças, fusões, absorções ou novas empresas que resultam dessas fusões; a **infraestrutura profissional**, que ocorre quando, em cooperação de trabalho em uma redação unificada ou em redações independentes de distintos meios, são elaborados conteúdos para mais de um meio, que devem ser adaptados, de acordo com as linguagens específicas de cada um, realizando a distribuição para distintas plataformas. Nesse contexto, o aspecto **conteúdo** significa divulgar a informação em várias frentes, não replicando ou transpondo os mesmos conteúdos para as diversas plataformas (deve escrever a mesma história para mais de um veículo) e, muitas vezes, o convite à audiência, para que participe e migre de um veículo para o outro.

Como já observado, para que a convergência jornalística aconteça existem muitas condições, e a necessidade de muitas ferramentas. Uma das ferramentas necessárias para a convergência de conteúdos é a redação integrada. Esse modelo de redação “única” foi adotado quando se percebeu a necessidade do jornalista “empacotar”, nos *sites*, as informações noticiadas em outros veículos de comunicação do mesmo grupo.

Seibt (2013, p. 10) situa a redação integrada como “novo paradigma da mídia impressa consolidada, diante das consequências que o acontecimento multimidiático impõe às rotinas, linguagens e competências jornalísticas”.

Em tempos convergentes, cada redação adota um modelo a ser seguido. Conhecer outras experimentações ajuda a entender o processo que vem sendo construído no núcleo esportivo estudado. Dessa forma, tomando como referência alguns estudos de Barbosa (2009a), é possível apresentar dois modelos de redação integrada distintos (em seu início). Um deles pode ser comparado à redação integrada da Rede Paraíba de Comunicação: o modelo argentino *La Nacion*, onde a integração efetiva foi planejada para ser implementada numa segunda etapa, depois da implementação da construção do conteúdo multiplataforma. Assim como no núcleo esportivo, nesse modelo, os jornalistas dos veículos *on* e *off-line*, trabalham próximos, mas ainda sem a sinergia que o modelo de redação integrada física exige. Já no também argentino *Clárin*, “o elemento principal da estratégia de convergência é a redação multimídia com a mesa central denominada H, nela ficam posicionados o editor geral, o subeditor geral, os editores-chefes e alguns secretários de redação”. E dali se coordena o

conjunto físico da redação integrada, baseada na cultura convergente de distribuição multiplataforma, polivalência de funções para os jornalistas, e maior nível de interatividade com os leitores e o público (BARBOSA, 2009a, p. 4265).

Compreendendo que as redações podem ser fisicamente, mas também, virtualmente integradas, parte-se agora para a forma como o conteúdo é apresentado à audiência em um ambiente convergente.

### 2.1.3 Narrativas *Cross e Transmidiática*

O papel do consumidor de informação foi resignificado com a convergência. Na concepção desta pesquisadora, como agora ele passou a ser produtor de conteúdo, e vai a qualquer lugar em busca da informação desejada, tende, naturalmente, a achar narrativas que se encerram em um só lugar, incompletas. As organizações de mídia orientam seus processos de produção e distribuição de conteúdo a partir dessa premissa, a começar pelo cruzamento de mídias.

Esse cruzamento de mídias é conhecido como *crossmidia* e, de acordo com Lusvarghi (2007, p. 2), “nada mais é do que a possibilidade de uma mesma campanha, empresa ou produto, utilizar, simultaneamente, diferentes tipos de mídia: impressa, TV, rádio e *internet*”, com o objetivo, segundo Martins e Soares (2012, p. 59), de promover o conteúdo.

O uso simultâneo das mídias tem sido amplamente aplicado no jornalismo, para promover o produto noticioso e, muitas vezes, expandi-lo.

De acordo com Martins e Soares (2012, p. 60),

*A crossmídia no jornalismo pode ser observada quando se guia o espectador de um meio para outro, por motivo: de convergência (acessar numa mídia reportagens expostas inicialmente em outra); de transmídia (quando se é direcionado para outro meio para acessar o desdobramento de determinada temática); de propaganda ou de marketing (no jornalismo, em caso de campanhas e projetos, por exemplo), entre outras razões que surjam.*

A narrativa transmidiática que surge acima, como possibilidade de *crossmidia*, é o mesmo que dizer, em linhas gerais, que o assunto abordado em uma plataforma será desdobrado em outra. Este tipo de narrativa procura expandir o conteúdo, que caminha de uma mídia para outra.

Jenkins (2008, p. 47) afirma que “a narrativa transmidiática refere-se a uma nova estética que surgiu em resposta à convergência das mídias – uma estética que faz novas

exigências aos consumidores e depende da participação ativa de comunidades de conhecimento”. A afirmação do autor, mesmo tendo sido desenvolvida a partir do universo da ficção, aplica-se perfeitamente ao universo do jornalismo esportivo, por este ter uma audiência com atributos de fã. Assim como os fãs de ficção, o público do jornalismo esportivo precisa, para ter uma experiência plena e conhecimento sobre o assunto precisa saber de todos os detalhes e desdobramentos, por exemplo do seu time de futebol (carro chefe das coberturas jornalísticas). Assim assumem “o papel de caçadores e coletores, perseguindo pedaços da história pelos diferentes canais, comparando suas observações com a de outros fãs, em grupos de discussão online” (JENKINS, 2008, p. 49).

Ainda segundo o autor, esse tipo de narrativa não pode ser redundante, ou seja, no exemplo da editoria de esportes estudada, não se deve considerar como narrativa transmídia uma matéria que é “transposta” do portal para o jornal impresso, ou do portal para a TV, sem qualquer acréscimo de conteúdo, ou sem a possibilidade do produto noticioso fazer sentido para o público, tanto se for consumido separadamente, quanto se for consumido simultaneamente. Nas palavras de Jenkins (2008, p. 135),

A história transmidiática se desenrola através de múltiplos suportes midiáticos, com cada novo texto contribuindo de maneira distinta e valiosa para o todo. Na forma ideal de narrativa transmidiática, cada meio faz o que faz de melhor – a fim de que uma história possa ser introduzida num filme, ser expandida pela televisão, romances e quadrinhos; seu universo possa ser explorado em *games* ou experimentado como atração de um parque de diversões. Cada acesso à franquia deve ser autônomo, para que não seja necessário ver o filme para gostar do *game*, e vice-versa. Cada produto determinado é um ponto de acesso à franquia como um todo.

A figura 1, a seguir, ilustra dois momentos de narrativas convergentes no Núcleo Integrado de Esportes da Rede Paraíba de Comunicação: tanto o cruzamento de mídias, quanto uma narrativa com características transmidiáticas, o que corrobora com o uso adequado dos conceitos de Jenkins (2008).

Em 26 de agosto de 2014, o apresentador Kako Marques noticiando a participação do time de futebol americano Botafogo Espectros, na segunda rodada do Campeonato Brasileiro de Futebol Americano, convida o telespectador a complementar a notícia acessando o portal Globoesporte.com Paraíba, ou seja, uma narrativa *transmídia*. Além disso, a própria figura, que se trata de uma captura de tela do portal de notícias esportivas, mostra o programa de TV, Globo Esporte, sendo disponibilizado na página da *web*, apresentando o cruzamento de mídias, ou seja, narrativa *crossmídia*.

**Figura 1 – Portal Globoesporte.com Paraíba**



Fonte: Reprodução Globo Esporte (2014).

Dando continuidade à discussão em torno da apropriação da definição de “narrativa transmidiática” no universo jornalístico, o pesquisador Scolari (2011), apresenta uma técnica para descobrir se o termo pode ser usado no jornalismo. Neste exercício conceitual, deve-se observar duas variáveis:

- 1- A história é contada através de várias mídias e plataformas, ao contrário de relatos monomidiáticos, como os que aconteciam nos meios tradicionais. O autor explica que, nas narrativas transmídia, “a história pode começar em um meio e continuar em outros”, numa narrativa que usa “o melhor de cada meio para contar e se expandir”;
- 2- Os consumidores de conteúdo, que agora são também coprodutores, colaboram na construção da narrativa: “enquanto houver um relatório oficial gerido pelo emissor”, de “cima para baixo”, serão acrescentadas histórias criadas por parte dos coprodutores, de “baixo para cima”. Essa colaboração do fã contribui, ainda mais, para a expansão da narrativa transmídia.

Concluída a experimentação, e percebendo a adequação do jornalismo ao termo, foi possível concordar com o autor quando este afirma que, por preencher as duas condições que definem as características de uma narrativa transmidiática, o termo, como Jenkins (2008) apresentou, pode, indiscutivelmente, ser associado ao jornalismo. Afinal, se está “presenciando uma história contada através de vários meios de comunicação (*web*, RSS, *blogs*, rádio, televisão, jornal impresso, etc.) que, por sua vez é enriquecida com os

contributos dos consumidores (*blogs*, comentários, *tweets*, telefonemas, cartas ao editor, etc.) [tradução nossa]<sup>6</sup>.

Uma vez esclarecido o contexto onde as narrativas *cross e transmidiáticas* estão inseridas no jornalismo, e diante da natureza didática do produto final resultante desta pesquisa, deseja-se abrir um parêntese, e trazer uma perspectiva a luz da educação.

Nesse ponto, Massarolo e Mesquita (2013, p. 34-42) entendem a eficácia desse tipo de narrativa na educação, à medida que as práticas discursivas da transmídia, estimulam o indivíduo a desenvolver sua participação criativa, pois, a história transmidiática envolve na expansão das possibilidades, contidas na informação original.

Ainda abordando a discussão que permeia as *fan fictions*<sup>7</sup>, os pesquisadores contribuíram com a nossa decisão de se fazer um produto didático transmídia, pois afirmam que, a estrutura serializada da narrativa transmidiática, favorece a complementação do conhecimento.

Ao estimular movimentos migratórios das audiências entre diversas plataformas, a narrativa transmídia oferece, em cada mídia, experiências de mundo que sejam únicas e exclusivas, desde que esse mundo, seja estruturado de forma coesa e coerente. As jovens audiências já estão acostumadas a participar do processo criativo de construção dos personagens e de suas histórias, se constituindo no principal motivo da sua migração de uma plataforma para outra. Essas características transformam a narrativa transmídia na nova estética da cultura participatória, pois sua metodologia pressupõe a interatividade e a colaboração (MASSAROLO & MESQUITA, 2013, p. 34).

No ambiente educacional, segundo Massarolo e Mesquita (2013, p. 36), “a migração dos jovens estudantes pelos espaços caracterizados pela mobilidade, interatividade e a colaboração” reforça a importância de implantar técnicas pedagógicas que incentivem o estudante na busca por “algo a mais” do que está presente nas narrativas. Dessa forma, um produto didático *crossmídia* e transmídia, trará contribuições que vão, desde o aprendizado da realidade profissional, até o encorajamento de outras produções jornalísticas que norteiam a temática.

Retomando as discussões em torno dos conceitos, outro ponto que será necessário se posicionar, antes de concluir o tópico, diz respeito à confusão semântica acerca dos termos

---

<sup>6</sup> Do original “*estamos en presencia de una historia que se cuenta a través de varios medios (web, RSS, blogs, radio, televisión, prensa impresa, etc.) y a su vez está enriquecido con los aportes de los usuarios (blogs, comentarios, tweets, llamadas telefónicas, cartas al editor, etc.)*” (JENKINS, 2008).

<sup>7</sup> “Produção dos fãs” (MASSAROLO & MESQUITA, 2014, p. 34).

convergência e transmídia. Alzamora e Tárzia (2012, p. 27) discutem proposições as quais, alguns estudiosos se referem aos dois termos, como se fossem sinônimos um do outro. No entanto concluem que, embora alguns pesquisadores definam os termos de maneira semelhante, as narrativas transmidiáticas devem ser consideradas “um fenômeno integrante de um processo maior de convergência”, o que entra em acordo com o presente estudo.

Assim, ao definir os conceitos que traduzem as narrativas convergentes, foi traçado um paralelo que leva a outra discussão: quem é o jornalista que desenvolve essas narrativas e como ele está inserido no mercado de trabalho?

#### 2.1.4 Jornalista Polifuncional

No cenário convergente, como já exposto, o jornalista é, supostamente capaz, de desenvolver inúmeras atribuições, que, no passado, eram delegadas a mais de um profissional. Segundo Gradim (2011, p. 6),

As tecnologias digitais, e, especialmente as novas mídias, estão simplesmente a acelerar um processo onde as administrações pressentem um aumento das margens de lucro, produzindo o jornalista tipo “MacGyver”, o super-repórter multimídia, e o novo produto que este se prepara para oferecer ao seu público

Ou seja, no pano de fundo da convergência jornalística, está o jornalista, que, na definição de Scolari (2008), denomina-se “polifuncional”. E essa polifunção apresenta duas faces: o profissional tanto precisa lidar com novas ferramentas de trabalho, quanto precisa estar pronto para caminhar entre uma plataforma e outra, desenvolvendo narrativas transmídia. A este último, Barbosa (2009b) chama de *platformagnostic*, isto é, um jornalista capaz de tratar a informação – a notícia – de maneira correta, seja para distribuir no impresso, na *web*, nas plataformas móveis, etc.

No entanto, para alguns autores, como Kishnhevsky (2009), junto à complicada função de *platformagnostic*, vem o papel de equilibrista. É que a convergência jornalística impõe que o jornalista acumule e domine várias ferramentas laborais, como câmera fotográfica e vídeo, microfone, ou qualquer outro equipamento e *software* que torne possível a divulgação da notícia em mais de uma frente.

Ward (2006, p. 28) diz que os jornalistas são “profundamente tradicionais. Eles adquirem certos hábitos e acham difícil muda-los”. Mudar o ofício do jornalista, neste caso, seria tarefa difícil, mas, para executivos de mídia, necessária. O então editor executivo do Globo, Orivaldo Perin, disse, no período de adaptação do jornal à redação integrada, não

saber se a multitarefa (outro termo apontado) era algo “bom ou ruim”, apenas necessária: “Será uma imposição do mercado e quem quiser trabalhar com jornalismo vai ter que se adaptar” (AMADO, CASTRO & OLIVEIRA, 2009).

Segundo Amado, Castro e Oliveira (2009), Perin apresentou um cenário de exigência do mercado de trabalho aparentemente irreversível.

O simples fato de as empresas juntarem as redações do impresso e do *on-line* já sinaliza isso. Querem ter um profissional polivalente. Pagar um salário e ter alguém que faça de tudo. É ruim? Não sei se isso desqualifica. Você vai continuar trabalhando pelo mesmo período que trabalharia no papel. O seu horário básico do trabalho, de oito horas (vale lembrar que jornalismo não tem hora), será preenchido por atividades multimídia. Você vai ser multitarefa.

Canavilhas (2011, p. 15) assinala que, junto com a multifunção também vieram muitas perguntas: “aos profissionais não basta saber o ‘como funciona?’, mas, que precisam também dos ‘para que serve?’, ‘porque se utiliza?’ e ‘em que circunstâncias a sua utilização é a melhor opção’”. O que se quer dizer, é que também se torna obrigatório ao super-repórter, conhecer instrumentos em sua totalidade, e qual desses instrumentos será útil à cobertura de qual plataforma. São muitas decisões em campo, muita atenção voltada para apetrechos que possibilitam uma prática convergente, e, no meio dessa atenção, é preciso, ainda, estar de olho no que é notícia.

Outra discussão também gira em torno do perfil do jornalista pós-convergência: “a produção de significados, atividade essencial do jornalista, estaria minguando por falta de postura e investimentos por parte de *publishers* e editores no desenvolvimento de pessoas” (CORRÊA, 2011, p. 9). Para a autora, o investimento em tecnologia estaria sobrepondo o investimento nos profissionais. Sobre este ponto, Costa (2004) também questiona, ao descrever que,

A dúvida é: quem irá editar esse material? Quanta experiência terá esse jornalista? Qual será seu salário? Quanto tempo de sua vida terá dedicado a assistir a boas peças de teatro, a bons filmes; que bons livros o ajudarão a ampliar o horizonte dos fatos, para que seja um bom mediador a serviço do interesse público?

Costa (2015) anos depois continua com questões semelhantes e atesta que, com o começo da multiplataforma, veio também o fim do jornalismo “puro-sangue”. Para o jornalista, no movimento coordenado dos meios “importa cada vez menos o acontecimento em si, e cada vez se torna mais relevante o processo comunicacional”, isto é, torna-se importante compartilhar a notícia, custe o que custar.

Polifuncional, multifuncional, multitarefa, multiplataforma. Os nomes são muitos, assim como a carga de atribuições e críticas ao modelo. Contudo, neste ponto, vale destacar que a exigência ao jornalista de um maior grau de versatilidade é tendência nas redações.

Sobre como o jornalista percebe a cobrança de novas habilidades, será discutido mais adiante.

### 2.1.5 Linguagem dos Meios

Como já discutido, muitos autores criticam os modelos adotados, por acreditarem que as mudanças acarretadas pelo jornalismo convergente, podem influenciar negativamente o conteúdo. Kischinhevsky (2009, p 57), por exemplo, destaca as mudanças no ofício como prejudiciais a informação, e trata o jornalista como “vítima” da convergência. O autor afirma que essas “novas rotinas de trabalho põem em xeque o papel de mediador do jornalista”.

Além das novas rotinas de trabalho, outro fator que também é citado como passível de comprometer o conteúdo, são as necessidades dos grupos de mídia em marcar território em todas as plataformas. Barbosa, Silva e Nogueira (2013) apresentam um cenário onde, na maioria dos casos, é feita a simples transposição do conteúdo de uma plataforma para outra, sem qualquer acréscimo original de conteúdo, o que não contribui, na visão desta pesquisadora, em nada ao jornalismo, mas, pelo contrário, depõe contra, uma vez que, se o conteúdo é apenas transposto, a comunicação naquela plataforma será ineficaz, pois a linguagem específica daquele meio não foi respeitada. Marcondes Filho (2000, p 157) também tem uma visão pessimista sobre o futuro do jornalismo, a começar pelo empobrecimento na linguagem.

Em contrapartida, Lage (2006, p. 64), apresenta uma visão otimista da convergência de mídias. Ele visualizou um cenário onde, na “compressão de redações em equipes de apuração e produção de mensagens para diferentes mídias”, um jornalista cobriria sozinho um acontecimento, para o rádio, televisão, *internet* e impresso, e enviaria todo esse material a uma base, que processaria essa mensagem na linguagem específica, correta e adequada de cada meio.

Entre o ideal de Lage (2006), e os problemas apontados por Kischinhevsky (2009), existe a realidade e o que está sendo praticado hoje. Alguns grupos de mídia ainda nem começaram a “compressão das redações”, e outros, já estão a todo vapor com esse modelo, como, por exemplo, O Globo, que começou a redação integrada em 2009, trazendo uma visão diferente da de Kischinhevsky (2009), onde, pensar integrado, é a nova “obrigação” do

jornalista, e não pode ser visto com ressalvas. Para o então editor executivo do O Globo, Orivaldo Perin (AMADO, CASTRO & OLIVEIRA, 2009), o jornalista convergente “é um animal construído para esse mundo”, e, “a cabeça do jornalista têm que ser multidirecional. Não pode pensar em um só veículo, uma só mídia. Cada fato que [...] for cobrir tem desdobramentos suficientes para cobrir todas essas mídias e ainda sobrar [...]”. Na visão do editor, ter tantos elementos para contar uma história, a ponto de “sobrar troco”, deixa o jornalismo melhor, apresentando mais lados ao público.

Nessa realidade, o jornalista tem que “ser multidirecional”, multimídia, multitarefa, etc. Entretanto, será que essas linguagens, a linguagem de cada meio, mesmo quando respeitadas e não transpostas, não se misturam um pouco? Sim. O processo de convergência é fator de alteração de linguagens tradicionalmente estabelecidas. Gradim, (2011, p. 12) explica que “os novos meios, até pelo seu potencial interativo, poderão marcar novas configurações nas tradicionais formas de apresentar informação, promovendo a amálgama de estilos”. O que se vê, então, são veículos tradicionais de comunicação, com características próprias da *internet*, por exemplo.

Siqueira (2012, p 174) apresenta a televisão como veículo que, na era da convergência, concorre com a *web* e plataformas móveis. Segundo a autora, por dividir espaço com outras mídias, a televisão tem feito alterações nas suas linguagens, como por exemplo, a utilização de imagens gráficas no vídeo, semelhantes aos ambientes na *web*. A forma como as notícias são exibidas nos telejornais foram alteradas, modificando conceitos tradicionais preestabelecidos.

Destrinchando essas mudanças ocorridas na TV, a autora mostra, por exemplo, que a antiga “nota pelada” tem caído em desuso, em consequência da facilidade de acesso e transmissão de imagens e fotos, e também, interatividade do telespectador. Outra mudança no jornalismo televisivo se refere à reportagem. Hoje uma matéria pode ser construída sem *off*, com imagens feitas “por cidadãos (não jornalistas, coprodutores do conteúdo), com fala dessas pessoas captadas durante o acontecimento, com uso de recursos gráficos, e com as cenas e depoimentos de testemunhas feitas posteriormente pela equipe de jornalistas” (SIQUEIRA, 2012, p. 79-81).

Segundo Siqueira (2012, p. 182), há outros formatos de notícia que também ganharam evidência no cenário convergente, mudando a forma que antes eram feitos. Alguns exemplos disso são o “ao vivo” (hoje, ainda mais usado por conta da tecnologia da informação e da necessidade de imediatividade partindo do público) e as entrevistas (que antes eram feitas no estúdio, hoje são realizadas através da *internet* e transmitidas ao vivo). A maneira de usar a

sonora também mudou, e hoje se vê sendo exibidas à parte, “como uma estrutura da notícia à parte dentro do telejornal”. Na concepção desta pesquisadora, acabaram se tornando um novo formato de notícia presente no telejornalismo, por que assumiram título próprio, estando dissociadas da reportagem.

O jornal impresso também sofre alterações no cenário convergente. Segundo Pacheco (2012, p. 2-4), na era da convergência, alguns dizem que “a *internet* é a melhor coisa que poderia acontecer aos jornais”, dadas as possibilidades de hibridizações dos meios, com a criação de uma “multiplataforma de informação”, que oferece ao público diferentes opções de leitura do noticiário, em “cinco ou cinquenta minutos”. No entanto, a autora destaca que o jornal impresso ainda continua sendo de papel, e deve manter várias de suas características, já que o leitor, quando opta por consumi-lo, não quer ler um jornal que parece a impressão de uma página da *web*. Ele quer ler um jornal com todas as suas características de linguagem, diagramação, etc., afinal, ele desenvolveu técnicas que o permitem “navegar” no mesmo.

Benetti e Storch (2012, p. 2005-2010), acreditam que a principal mudança da linguagem do jornalismo impresso em tempos de convergência, se refere à aproximação com a *web*. A necessidade do entrecruzamento dos dois suportes, impresso e *online* podem dar ao leitor um jornalismo impresso resignificado, mas, não nulo das suas principais características.

Em seu estudo, que analisou a edição nº 2.167, de 2 de junho de 2010, da revista Veja, as autoras perceberam o corrente uso de infográficos semelhantes aos encontrados na *web*, e também, a inserção de *QR code*<sup>8</sup>, e até, uma explicação didática ao leitor de como consumir a revista, como exemplos dessa nova linguagem do jornalismo impresso (BENETTI & STORCH, 2012, p. 209-2012).

E se o jornalismo impresso quer se assemelhar a *web*, no *webjornalismo* se faz exatamente o contrário. Marcondes Filho (2000, p. 157) não vê isto como uma vantagem e, na verdade, critica o jornalismo na *web*. A visão do autor é pessimista e vê a linguagem empobrecendo. Ele cita Lamié (1999, p. 24 *apud* MARCONDES FILHO, 2000), para justificar sua incredulidade diante de um jornalismo de qualidade na *web*: “a qualidade da informação é reduzida ao essencial”.

Destarte, Ward (2007) explica que o jornalismo na *web* é apenas diferente. Ele deu o lugar das notícias e reportagens especiais ao “conteúdo útil”, num jornalismo de *deadlines*

---

<sup>8</sup> *QR code* é um “código de barras bidimensional”, é uma tecnologia similar aos códigos de barras convencionais. Sua vantagem reside em que os códigos deste formato são lidos com mais rapidez, mesmo com imagens de baixa resolução (em câmeras digitais de celulares aptos, por exemplo). A tecnologia permite acesso ao conteúdo *online*, no computador ou no celular, e pode ser impressa em panfletos, revistas ou mesmo *outdoors* (BENETTI & STORCH, 2012, p. 2010).

contínuos, que não pode deixar a qualidade de lado, e nem as habilidades básicas do fazer jornalístico, que continuam presentes na *web*.

Gradim (2011, p. 12) explica que, a convergência não mudou apenas a linguagem dos meios tradicionais de comunicação, ela tem transformado também a *web*.

Simultaneamente, a escrita para a *web* vai acompanhar estas mutações, privilegiando textos ainda mais curtos e diretos; palavras sublinhadas ou destacadas com cores, e o *hiperlink*, para facilitar o varrimento; enumerações; subtítulos eminentemente informativos; uma combinação dos aspectos visuais da televisão com as características que tornam um texto *scannable*; a possibilidade de deambular e ser surpreendido; uma ideia por parágrafo e o recurso a uma ou várias pirâmides invertidas; uma escrita semelhante à de televisão e não redundante relativamente aos restantes elementos que compõem a peça (*links* para outros textos, fotos, áudio e vídeo) (GRADIM, 2011, p. 12).

Os objetivos dos *webjornalistas* são de, cada vez mais, pouparem esforços cognitivos dos leitores e diminuir possíveis causadores de dispersão de tarefas. Além disso, não se focará apenas na leitura rápida, as reportagens devem ter vários *links* de aprofundamento do tema, algo que os meios tradicionais não conseguem fazer. Gradim (2011, p. 12) lembra que “tudo isso deve ser somado às técnicas tradicionais de pesquisar e verificar notícias, e ao rigoroso controlo ético dos factos apresentados, pois, mesmo no futuro, os valores da fiabilidade e credibilidade continuarão em alta”.

Como já foi percebido, a convergência trouxe transformações em cada meio. No entanto, esta novidade introduzida pelo jornalismo multimídia, mesmo contaminando a linguagem dos outros meios, não pode interferir na eficácia da comunicação, devendo, na verdade, facilitá-la. E, para que o jornalista continue cumprindo seu papel de mediador, numa sociedade que, mesmo interagente e colaborativa, canalizou “a informação para fontes primárias a que o cidadão comum não tem acesso” (LAGE, 2006, p. 66), é preciso deter-se a técnicas básicas de jornalismo e suas linguagens. Não se acredita em um futuro onde existirá uma hegemonia entre as práticas e linguagens jornalísticas, que possam ser utilizadas em todos os meios, por isso, na produção do conteúdo, o qual resultará essa pesquisa (nossa série de reportagens), foram utilizados como aporte teórico, manuais tradicionais de jornalismo, de cada um dos veículos. Esse embasamento teórico, e a descrição de cada formato específico de linguagem, serão abordados em seguida, onde será tratado sobre o desenvolvimento do produto.

## 2.2 METODOLOGIA

O presente estudo caracteriza-se enquanto um estudo exploratório de natureza teórico-aplicada, que une estudos de bibliografias sobre convergência jornalística, redações integradas e linguagens jornalísticas ao acompanhamento das rotinas produtivas jornalísticas da editoria de esportes da Rede Paraíba de Comunicação.

A referida rede engloba o telejornal Globo Esporte, da TV Cabo Branco, além do portal de notícias esportivas Globoesporte.com Paraíba e o Caderno de Esportes do Jornal da Paraíba, associando-os à elaboração de um produto que irá documentar essas práticas.

Strelow (2010, p. 14) explica que, como o jornalismo é multifacetado, necessita de muitas ferramentas qualificadas para sua análise. Sendo assim, a metodologia mais adequada para as pesquisas, está relacionada não apenas ao veículo em si, mas também ao perfil do próprio pesquisador.

Santaella (2001, p. 134) complementa, ao afirmar que,

Em razão disso, a falta de metodologias hegemônicas acaba por acentuar a necessidade de orientadores competentes no acompanhamento da pesquisa e o desenvolvimento da capacidade criativa de escolhas e julgamentos, da ousadia na aplicação de metodologias mistas, integradas, complexas, metodologias estas que vem acentuando como uma tendência, especialmente na área de comunicação, tendo em vista seu perfil interdisciplinar.

Assim, diante das observações dos autores acima citados, serão adotadas como técnicas de investigação, a observação direta assistemática da produção de conteúdo multiplataforma, e ainda, a aplicação de entrevistas em profundidade.

Para coletar dados nesse tipo de pesquisa, de natureza teórico-aplicada, foram utilizadas entrevistas semiestruturadas e videografações direcionadas aos profissionais. Estes tipos de entrevista contribuem, de maneira efetiva, na investigação dos aspectos afetivos e valorativos dos informantes, que determinam significados pessoais de suas atitudes e comportamentos. Também se escolheu esse método, por entender que quando existe familiaridade ou proximidade social entre pesquisador e pesquisado, como é o caso em questão, os entrevistados ficam mais à vontade, e se sentem mais seguros para colaborar.

A metodologia utilizada também abarca o *newsmaking*, que segundo Hohlfeldt (2010, p. 206-207), acontece quando o pesquisador junta-se a equipe pesquisada, sem interferir e sem fazer parte dela, pois está ali de maneira provisória. Destarte, a observação direta, de forma sistemática, permite colher os dados diretamente pelo pesquisador, junto aos pesquisados,

observando e registrando os acontecimentos. Além disso, esse tipo de pesquisa dá ênfase à produção de informações, o que entra em acordo com o estudo.

Para dar andamento ao estudo, três visitas informais aconteceram à Rede Paraíba de Comunicação nos meses de julho, setembro e outubro de 2013, onde foi possível solicitar autorização para o acompanhamento das produções de conteúdo jornalístico multiplataforma, além de possibilitar as primeiras conversas com os integrantes da editoria de esportes da rede.

Nas primeiras observações *in loco*, foi possível perceber que a convergência de conteúdos entre as plataformas analisadas (impresso, *web* e TV) da Rede Paraíba de Comunicação, estava em processo de construção e, em alguns momentos, disponibilizavam seus conteúdos em forma de transposição, já que, ainda não desenvolveram estratégias para dar continuidade ao conteúdo (narrativas que se complementem) e adequação da linguagem entre uma plataforma e outra. Além disso, foi percebido que o *site* na *web* é o principal incentivador da convergência de conteúdo, por ser o lugar de atualização contínua da notícia – o primeiro onde a notícia é publicada –, e as outras plataformas (impresso, *web* e TV) o utilizam como ponto de partida e critério para a publicação dos assuntos. Também foi constatado, de maneira empírica, que é no *site* que os conteúdos das outras plataformas podem ser disponibilizados – por exemplo, a digitalização do impresso, vídeos do conteúdo exibido na TV, etc.

Posteriormente, em visita no dia 23 de abril de 2014, foi realizada a observação sistemática da rotina jornalística. Nesse período, a principal mudança constatada em relação à primeira visita, está diretamente relacionada à adequação da linguagem e até na mudança de foco da reportagem, enquanto ela caminha de um veículo para o outro. Percebeu-se assim, uma maior preocupação quanto a construção do texto *off* para televisão e as reportagens para o portal [Globoesporte.com](http://Globoesporte.com), além do Jornal da Paraíba. Até o discurso dos jornalistas mudou, mostrando, aparentemente, maior conhecimento do funcionamento de uma redação integrada multiplataforma, como também, uma maneira mais sistemática de trabalho.

Nas primeiras horas da manhã, foi possível acompanhar a participação do repórter Plínio Almeida, no programa televisivo “Bom Dia Paraíba”, trazendo as principais informações relacionadas ao esporte no Estado. As notícias foram produzidas utilizando como fonte um texto pré-elaborado pelo editor de esportes Expedito Madruga, como também, através de notícias disponibilizadas no portal [Globoesporte.com](http://Globoesporte.com).

Em seguida, o apresentador do programa de televisão “Globo Esporte”, iniciou o processo de edição de texto da atração. Dessa forma, foi possível acompanhar a produção das cabeças do telejornal, além da edição das reportagens disponíveis para aquele dia. Para aquele

programa não foi feito o uso da citação do Globoesporte.com.

No período da tarde, a equipe acompanhou o produtor-repórter Lucas Barros – ainda na época, estagiário – para a cobertura de um treino de futebol da equipe do Botafogo da Paraíba. No processo, o estudante de jornalismo fez uso do celular, para checar informações pela *internet*; câmera fotográfica, para fazer as fotos que seriam utilizadas no Globoesporte.com; além do microfone da TV Cabo Branco, para fazer as sonoras. Nessa tarde, com o auxílio do cinegrafista e assistente da emissora de televisão, ele desenvolveu aquela notícia para a TV, *web* e jornal impresso. Retornando a redação, inicialmente foi escrita a reportagem para o portal e, em seguida, adaptou-se para o jornal impresso. Posteriormente, a notícia foi encaminhada para o editor Phelipe Caldas, que fez a revisão e adequação do texto para publicação. Somente após esta etapa, foi escrito o *off* para a reportagem que seria veiculada na televisão e, finalmente, encaminhada para o editor Expedito Madruga, responsável por fazer a edição do texto. Com o texto editado, foi a vez do repórter Hildebrando Neto, dar voz a reportagem, gravando a narração do texto em *off* produzido. No dia seguinte, a reportagem foi para a ilha de edição com o editor de texto Kako Marques e o editor de imagem Luciano Santos, somente então, pôde ir ao ar no telejornal Globo Esporte.

A partir daí, a pesquisa bibliográfica seguiu, aliada a leitura sobre linguagem na convergência de redações, em busca de manuais de jornalismo, que pudessem definir a linguagem geral da práxis; de TV; de impresso; de *web*; e de jornalismo esportivo.

A próxima etapa foi à pesquisa exploratória na referida Rede de Comunicação, junto à pesquisa sobre a rotina produtiva, com entrevistas e observação dos conteúdos produzidos para as diferentes plataformas, ocorridas em março de 2014. Em conjunto com a pesquisa, foi iniciada a série de reportagens proposta, que mostrará uma redação integrada na dimensão para três plataformas: jornal impresso, TV, *web*.

A primeira parte do produto que foi desenvolvida foi à reportagem para televisão. O processo começou em junho de 2014 e foi concluído em 29 de agosto do mesmo ano, como será detalhado a seguir, neste estudo. Em seguida, foi produzida a reportagem para *internet*, durante o mês de novembro de 2014. A partir daí, foi escrita a reportagem para impresso, em dezembro de 2014, e a fotorreportagem foi produzida em janeiro de 2015, com o acréscimo de novas fotografias.

A produção do conteúdo do produto acima citado foi desenvolvida pela pesquisadora, levando em consideração as suas experiências profissionais, necessitando, porém, da contratação de alguns técnicos, como cinegrafistas, editores, *designers* e diagramadores, para

a construção com qualidade, da série de reportagens que atenderá ao objetivo deste trabalho.

### 2.3 ANÁLISE E DISCUSSÃO

Neste capítulo será feita uma apresentação panorâmica sobre as mudanças acarretadas pela adoção do modelo de convergência jornalística escolhido pelo núcleo de esportes da Rede Paraíba de Comunicação, relatando as experiências de redação integrada entre as plataformas da notícia impressa, televisão e *web*. As informações foram obtidas com base na observação das rotinas produtivas, e também, explicações dos profissionais dos veículos, feitas durante entrevistas semiestruturadas.

Para Barbosa, (2009c, p. 4263), o que caracteriza a convergência jornalística é

A integração entre meios distintos; a produção de conteúdos dentro do ciclo contínuo 24/7; reorganização das redações; jornalistas que são *platformagnostic*, isto é, capazes de tratar a informação – a notícia – de maneira correta, seja para distribuir no impresso, na *web*, nas plataformas móveis, etc.; a introdução de novas funções, além de habilidades multitarefas para os jornalistas; comunidade/audiência ativa atuando segundo o modelo Pro-Am (profissionais em parceria com amadores); emprego efetivo da interatividade, do hipertexto e da hipermídia para a criação de narrativas jornalísticas originais.

A partir da definição da autora e da observação da rotina jornalística em ambiência convergente, percebeu-se que, para analisar a produção de conteúdo multiplataforma, seria necessário dividir a temática em três pontos que correlacionam a redação integrada à maneira como o conteúdo, foco deste estudo, é produzido e distribuído. Os três pontos possibilitarão a apresentação de um painel sobre o modelo de convergência jornalística, adotado pelo grupo de comunicação estudado.

- 1) Núcleo Integrado de Esportes – será discutido o que motivou a criação do núcleo, com o entendimento do que é convergência jornalística;
- 2) Métodos de trabalho – será debatido neste tópico, como os métodos de trabalho adotados influenciam no conteúdo apresentado ao público;
- 3) Linguagem e qualidade – procurou-se perceber, através das entrevistas, a forma como o conteúdo é divulgado, e de que maneira esse caminho adotado pode refletir na qualidade do conteúdo.

Os pontos centrais acima citados foram utilizados para anotações no caderno de campo, como norteadores na construção das questões feitas nas entrevistas, e também, na

divisão da análise, como será observado a seguir. O texto analítico mesclará os dados coletados nas entrevistas com as observações feitas no caderno de campo. Estas notas contêm as principais impressões que foram obtidas a partir do que não foi dito nas entrevistas, no entanto, estavam presente nos comportamentos e comentários informais.

Oliveira (2012, p. 176) destaca que, nesse processo, mais do que dados coletados nas entrevistas, cadernos de campo e corpo teórico, também devem ser valorizados nas análises, dessa forma

Os momentos de compartilhamento, estranhamento, aproximação e significações, ocorridas nas interações entre pesquisadora e pesquisados, tendo o relativismo como ferramenta metodológica e possibilitadora de compreensão, do ponto de vista dos interlocutores, a partir de suas realidades.

Ressalta-se o fato, pois as discussões que se seguem estão fundamentadas nas análises, as quais são fruto do olhar desta pesquisadora sobre o tema, mas, que levam em conta as questões teórico-aplicadas da natureza deste relatório. Assim, as entrevistas semiestruturadas foram utilizadas para recolher dados sobre como os integrantes do Núcleo Integrado de Esportes percebem o cenário convergente.

Contextualizando o campo, três das quatro entrevistas foram realizadas, na sede da Rede Paraíba de Comunicação, nas dependências do estúdio de gravação e na redação do Globoesporte.com Paraíba. A entrevista com o repórter foi feita no Estádio Almeidão, durante reportagem externa.

Quatro profissionais se dispuseram a participar das entrevistas, solicitando que questões salariais não fossem abordadas nas conversas, o que foi atendido por esta pesquisadora. Foram eles: o coordenador do Núcleo Integrado de Esportes e editor Expedito Madruga, o editor Phelipe Caldas, o apresentador Kako Marques e o produtor-repórter Lucas Barros. Cada um tem vínculo empregatício com um único veículo de comunicação do grupo (a exceção de Expedito Madruga, que tem vínculo ao Jornal da Paraíba e TV Cabo Branco), mas, todos fazem parte do Núcleo Integrado de Esportes.

Dessa forma, foi planejada a duração de 30 minutos para cada entrevista, sendo elas gravadas em vídeo, já que, quando questionados sobre a gravação em vídeo, e sobre um possível incômodo, nenhum dos interlocutores se opôs.

As entrevistas de Expedito Madruga, Kako Marques e Lucas Barros tiveram duração menor do que o proposto, com 23 minutos, 27 minutos e 19 minutos, respectivamente. Já a entrevista com Phelipe Caldas foi a de maior duração, com 42 minutos. Os entrevistados

foram questionados em 26 de agosto de 2014, na Rede Paraíba de Comunicação. Foram elaboradas as mesmas perguntas para serem feitas a todos os entrevistados, e outras foram feitas fora do roteiro a cada um deles, de acordo com a percepção da entrevistadora em como o jornalista reagia às temáticas.

### **2.3.1 Descrição da Entrevista**

#### **1) Núcleo Integrado de Esportes**

Para o 1º objetivo foram delineadas três questões encadeadas e sequenciais, para obter respostas sobre o processo de implantação da redação integrada.

- a) O que é convergência jornalística?
- b) Como começou o Núcleo Integrado de Esportes da Rede Paraíba de Comunicação?
- c) Como funciona a redação integrada? Tem o mesmo espaço físico?

#### **2) Métodos de trabalho**

Estabeleceram-se, para o segundo objetivo, três questões, também encadeadas, sobre métodos de trabalho, na intenção de entender a rotina de uma redação convergente e como esta rotina afeta o conteúdo apresentado ao público.

- a) Como é feita a apuração?
- b) Quais as técnicas para escrever os textos para cada veículo? Como o jornalista lida com a multifunção?
- c) Escolha das plataformas. Como são tratadas as notícias em tantas plataformas diferentes?

Nesse ponto foram incluídas questões extras:

A Expedito Madruga:

- d) Como é feita a reunião de pauta no núcleo?

E a Phelipe Caldas:

- e) Como o repórter lida com tantos instrumentos de trabalho como, microfone, câmera fotográfica, celular, etc.?
- f) Como o jornalismo é afetado pelas mudanças na tecnologia e redes sociais?
- g) O jornalista recém-formado tem mais facilidade em lidar com a convergência do que o jornalista antigo ?

### 3) Linguagem e qualidade

Foram estabelecidas para o terceiro objetivo três perguntas, encadeadas e sequenciais, mas, afigurando-se, porventura, restritivas ao objetivo em vista, o qual é, discutir a qualidade da informação veiculada.

- a) Qual a importância de adaptar a linguagem para cada meio, escrevendo um texto específico para cada veículo?
- b) Consegue manter a qualidade?
- c) Quais os problemas que existem atualmente no Núcleo de Esportes?

Foram incluídas as perguntas extras:

A Expedito Madruga:

- d) Existe a transposição das matérias?

A Kako Marques:

- e) Em que ocasiões vocês utilizam a narrativa crossmídia-transmídia?
- f) Você acredita que o telespectador com características de fã migra para *internet* ou jornal?

## 2.3.2 Produção e Circulação da Notícia Esportiva na Rede Paraíba de Comunicação – Núcleo Integrado de Esportes

Diante das respostas obtidas, escritos do caderno de campo e revisão bibliográfica, serão analisados nos tópicos seguintes, acerca do modelo de convergência experimentado pela editoria de esportes de cada um dos veículos, e qual o impacto deste, na visão dos jornalistas, sobre o conteúdo. A análise será visualizada em um quadro, o qual trata do problema da pesquisa, traçando informações e interpretações dos sujeitos entrevistados sobre o tema.

### 2.3.2.1 Núcleo Integrado de Esportes

Oficialmente, a criação do Núcleo Integrado de Esportes da Rede Paraíba de Comunicação teve início junto com o lançamento do Globoesporte.com Paraíba, em 26 de agosto de 2011. No entanto, é importante destacar que houve grande demora entre a criação e a real efetivação da redação convergente. Alguns dos interlocutores observam que o modelo só foi de fato concretizado em 2013.

Nós completamos três anos de existência no Globoesporte.com, são três anos que esse núcleo integrado existe, mas eu posso dizer com garantias, que três anos atrás o núcleo estava muito mais no papel do que na prática, por que era um projeto que estava sendo iniciado. Em três anos nós avançamos muito já. [...] A capacidade das pessoas que compõem o núcleo em enxergar isso está muito mais ampla; hoje, todos se dedicam ao modelo e se interessam por ele (CALDAS, 2014).

Agnez (2011, p. 141) concluiu, diante de estudos envolvendo as redações integradas da Tribuna do Norte (Rio Grande do Norte) e Extra (Rio de Janeiro), que esse processo de adaptação para um modelo integrado é demorado, pois vai além de possibilidades das tecnologias da informação. Na concepção da autora, para que a convergência jornalística “deslanche” é preciso uma mudança cultural entre os profissionais, não adianta apenas entrega-los aparatos tecnológicos, pois “ter um equipamento disponível não significa se tornar multimídia. O envolvimento dos profissionais é fundamental para que o processo passe a ser incorporado pela cultura profissional e leve a alterações de rotinas e procedimentos”. O entrevistado Expedito Madruga também aponta o envolvimento da equipe ao longo dos anos como razão para os avanços na redação integrada.

Há três anos nós tínhamos uma equipe que não entendia muito bem o processo. Hoje, com quinze pessoas, temos uma equipe bem mais azeitada e bem mais capacitada para fazer tudo. [...] A gente pretende chegar mais perto dessa realidade (o interlocutor se refere à convergência jornalística), permanecendo com os nossos e encontrando pessoas que queiram e possam servir a todas as mídias. O segredo do sucesso dessa maneira de fazer jornalismo está no jornalista (MADRUGA, 2014).

Ainda sobre a morosidade do processo, é necessário destacar a informação de que a primeira reunião de avaliação sobre o núcleo, com a presença de todos os integrantes (incluindo os de Campina Grande), só aconteceu em 23 de agosto de 2014, três anos depois do lançamento. A figura 1, a seguir, mostra uma das fotografias feitas durante a reunião, cedida por um dos jornalistas que compõem o Núcleo, Cadu Vieira.

**Figura 2 – Reunião do Núcleo Integrado de Esportes da Rede Paraíba de Comunicação**



Fonte: Cedida do acervo de Cadu Vieira (2014).

Depois desse primeiro momento, as reuniões do Núcleo, para discutir métodos e processos, se tornaram rotineiras e sistemáticas. Na figura 2, a seguir, cedida por Lucas Barros, foi ilustrada uma das reuniões realizadas através de videoconferência, ocorrida no dia 24 de fevereiro de 2015. Essas reuniões de avaliação acontecem com mais frequência e coadunam com a relação apresentada por Agnez (2011) de conexão entre envolvimento e avanço das redações integradas.

**Figura 3 – Reunião realizada através de videoconferência**



Fonte: Cedida do acervo de Lucas Barros (2015).

Diante da percepção de que o interesse dos interlocutores em torno do método de trabalho convergente adotado é fator de sucesso da implantação do mesmo, procurou-se analisar o entendimento dos jornalistas a respeito das características que permeiam a convergência jornalística.

Alguns autores, como os já citados Salaverria, Garcia Àviles e Masip (2010, p. 59), dividem a convergência jornalística em aspectos tecnológicos, empresariais, profissionais e de conteúdo. Assim como eles, Verweij (2009, p. 75) também aponta diferentes ângulos, quando

Do ponto de vista técnico, refere-se à digitalização de informações; a partir da perspectiva de negócios destaca cooperação e fusões entre diversas empresas de mídia, bem como, a viabilidade de reutilização de conteúdo em diversas maneiras. [...] E o processo de convergência teve efeitos significativos e consequências nos hábitos de trabalho e funções dos jornalistas<sup>9</sup> [tradução nossa].

Esse ângulo profissional que destaca os efeitos significativos nas funções e hábitos dos jornalistas é, para os interlocutores, a principal característica do significado de convergência jornalística. Em um primeiro momento, quando a discussão girou apenas em torno do conceito, os jornalistas transparecem a percepção de convergência, ligada apenas a questões profissionais e de conteúdo.

Madruga (2014) afirma que, “é o jornalismo integrado. A integração não é fusão. É um trabalho diário de ter respeito ao público, de fazer um conteúdo que seja aproveitado em várias frentes”.

Barros (2014) coloca que, “acho que é o que eu faço, escrever para mais de um veículo da casa”.

Marques (2014) defende que se trata de “trabalhar em várias frentes ao mesmo tempo”.

Essa visão em relação às características da convergência jornalística, e a natureza das respostas (discursos curtos, pouco a vontade com a temática, como se pisassem em terreno ainda desconhecido), mostra um jornalista que ainda percebe a convergência na modalidade “*soft*”, conforme os dizeres de Gradim (2011, p 6). A autora explica que a convergência consiste, “na versão *soft*, em fornecer promoção cruzada das diferentes notícias em vários meios pertencentes ao mesmo grupo”. Já “na versão *hard*, trata-se de uma gestão totalmente nova de recursos humanos, e da tentativa de rentabilizar o trabalho de investigação do *staff*

---

<sup>9</sup> Do original: From the technical perspective it refers to the digitalization of information; from the business perspective it highlights cooperation and mergers between various media companies, and the viability of reusing content in many different ways. [...] And the process of convergence has had significant effects and consequences of the working habits and roles of journalists (VERWEIJ, 2009, p. 75).

das redações dos jornais”.

O que se quer dizer com isso, é que, até este ponto, a forma de encarar a convergência jornalística pelos profissionais do Núcleo Integrado de Esportes, ainda não compreende a sua amplitude, e deixa de lado questões empresariais e tecnológicas. Eles só apresentam razões editoriais e jornalísticas para a criação do Núcleo (a possibilidade de ter maior cobertura, as chances de aprender a trabalhar com vários veículos, a melhoria do conteúdo veiculado pelo grupo de mídia, etc.), e parecem desconhecer outros aspectos que podem ter sido decisórios, como, redução de custos, busca pela audiência, concorrência, etc. Embora timidamente, ao longo da entrevista, e incentivados por esta pesquisadora, eles reconheceram a interdependência entre essas questões.

Outro tema abordado com os interlocutores diz respeito à redação integrada (parte das ferramentas necessárias à convergência jornalística) e de que forma ela funciona. No Núcleo Integrado de Esportes, a redação não é fisicamente integrada. Os jornalistas não ficam todos no mesmo espaço, e sim, divididos entre três redações: a do Globoesporte.com Paraíba, TV Cabo Branco em João Pessoa, e a redação da TV Paraíba em Campina Grande.

Nós tivemos uma oportunidade de integrar TV e portal, e também o jornal, de trabalharmos juntos, dentro do mesmo nicho. Mas, encontramos dificuldades logísticas [...], aí decidimos voltar a ficar em redações separadas. Mas a redação da TV não é tão longe do portal. Nós continuamos ainda tendo a preocupação de ir ao portal, ver a apuração, ver a matéria que está sendo feita. Mas, independente disso, as pautas são trabalhadas ainda de forma comum. Nós temos relatórios diários e trocamos essas informações [...] (MADRUGA, 2014).

Segundo palavras de Orivaldo Perin, então editor-executivo do Globo, em entrevista concedida a Amado, Castro e Oliveira (2009a), “para ter sucesso na integração de redações é preciso integrar fisicamente”. Perin baseia a afirmação na experiência do início da integração, que era só de fluxo de informações, mas, em endereços separados. Segundo Perin “era um casamento com camas separadas, e isso não dá certo”; mesmo com algumas áreas mais sensibilizadas, a edição *online* era “muito pouco, perto das necessidades que essa realidade está impondo”.

A fala de Perin (AMADO, CASTRO & OLIVEIRA, 2009) também entende a redação integrada física como uma “evolução” no jornalismo, discurso que é repetido pelo coordenador do Núcleo de Esportes, Expedito Madruga, quase cinco anos depois (em 2014, quando as entrevistas foram realizadas por esta pesquisadora). O interlocutor, assim como Orivaldo Perin, acredita que a redação única é o “futuro” e possa vir a ser a solução para problemas com o fluxo de dados, fotos, vídeo e até a própria informação jornalística.

No entanto, nas observações de campo, percebeu-se que outros integrantes do Núcleo, como Phelipe Caldas e Lucas Barros, não pensam dessa forma. Eles encaram como “futuro”, a atual experiência e o modelo que eles estão implantando, o qual consiste em uma redação integrada fluida, que não tem sede fixa, mas que existe e se fortalece, ao passo que a cultura de trabalho multimídia é encorajada e aceita. A maneira como eles se relacionam, trocam ideias, informações e apurações (através de *e-mails*, conversas no *Whatsapp* e algumas caminhadas entre uma redação e outra) é vista como uma característica normal da convergência jornalística, tornando os hábitos profissionais convergentes muito mais virtuais do que físicos.

### 2.3.2.2 Métodos de trabalho

Verweij (2009, p. 76) afirma que, poucas pessoas sabem realmente com o que uma redação convergente deve ser parecida. Para ele, alguns têm oferecido suposições que traduzem essa redação como um espaço físico único; ou uma estrutura organizacional renovada; ou a produção de fluxo de notícias em várias frentes; ou os equipamentos tecnológicos, e até mesmo, as atitudes dos jornalistas diante das mudanças. No entanto, o autor acredita que o jornalista “tem que ter a mente multimídia” para trabalhar nesse ambiente de cooperação e compartilhamento de recursos, e captação de notícias, por que a convergência jornalística “exige uma atitude ou mentalidade específica”.

Essa atitude específica acaba alterando alguns processos tradicionais do jornalismo, como a reunião de pauta (reunião entre jornalistas onde são lançadas as principais notícias, onde são discutidas as prioridades e onde é feito o planejamento da cobertura jornalística). Na ambiência convergente da Rede Paraíba de Comunicação, quem espera uma reunião tradicional, com jornalistas sentados ao redor de uma grande mesa, vai se decepcionar. Os integrantes do Núcleo de Esportes, até este ponto, dispensam reuniões físicas e valorizam interações *online*, através de dispositivos de comunicação móveis (como o celular e *notebook*) e redes sociais digitais.

Relatórios disponibilizados em grupos de redes sociais e enviados por *e-mail* são discutidos mais de uma vez ao dia, sem horário fixo.

Substituímos a reunião de pauta física que hoje se torna virtual. É mais fácil você hoje marcar as coisas pelo Whatsapp do que uma reunião física. [...] Hoje a gente trabalha muito a questão das pautas em relatórios. Temos isso, podemos fazer aquilo e nesse horário. A gente consegue trabalhar mais em relatórios, até através de redes sociais e aí, nós vamos nos falando (MADRUGA, 2014).

Outra característica do processo jornalístico que sofre mudanças com a convergência é a apuração<sup>10</sup>. E não é necessário se limitar as possibilidades de pesquisa e consulta *online* de dados. Mas, na verdade, será apresentada a forma de apuração do jornalista responsável por tratar e distribuir a informação de maneira correta para o impresso, *web*, e TV. Já que, fora da redação, o jornalista realiza uma única apuração, que serve de base para a produção do texto de cada reportagem.

De acordo com Madruga (2014), “uma única apuração é feita. Mas que cabe ao jornalista responsável guardar uma coisa diferente para cada veículo”.

O fato de existir apenas uma apuração não é visto com preocupação pelos jornalistas, e sim, como uma vantagem. Eles descartam que a “apuração única” possa distraí-los na observação de detalhes da notícia. Além disso, os interlocutores acreditam que a apuração única favorece a ampliação da cobertura jornalística.

Em termos de vantagens, com uma única apuração nós acabamos com a situação que tinha antigamente de uma mesma empresa levar quatro funcionários para a mesma cobertura. Você tinha o repórter da internet, o repórter do jornal e o repórter de TV, cobrindo a mesmíssima coisa, que de repente, poderia estar um deles em outro local. Hoje nós conseguimos cobrir mais notícias simultaneamente, por que, em vez de descolar tanta gente no mesmo local, nós conseguimos dividir, cada um vai pra um lugar e nós temos tudo do que era preciso ser coberto naquele dia (CALDAS, 2014).

É importante ressaltar que nos dois momentos que a equipe dessa pesquisa acompanhou Lucas Barros na execução de reportagens multiplataformas, percebeu-se que as sonoras feitas para a TV são revisitadas, várias vezes, na hora de escrever a reportagem para os outros veículos. Essas revisitações parecem demonstrar certa insegurança quanto à memória das anotações feitas pelo jornalista, em meio ao ritmo frenético da execução de multitarefas, entre uma sonora e outra, entre uma foto e outra.

Depois de apresentar o processo de apuração, é interessante pontuar que dois processos de trabalho específicos foram discutidos com os interlocutores e também observados: (1) como se dá o processo de definição da plataforma que a notícia vai circular, e (2) como o repórter que executa a matéria desenvolve o texto de cada uma.

O primeiro ponto a destacar, é como acontece a decisão onde a notícia vai ser distribuída. A visão dos interlocutores sobre esse processo é igual. O fator norteador de escolha da plataforma está associado à factualidade (acontecimento que tem necessidade urgente de veiculação) da informação. Percebeu-se que é considerado ideal pela equipe, que a

---

<sup>10</sup> "Apuração quer dizer, em jornalismo, o completo levantamento dos dados de um acontecimento que servem de substrato para se escrever a notícia" (SANTI, 2011, p. 144).

matéria seja veiculada em todas as plataformas do grupo de comunicação, para que elas atinjam todo o tipo de público.

Madruga (2014) afirma que “se eu tenho um furo de notícia e eu sei que ele não é perecível, essa notícia vai para a TV Cabo Branco e, na mesma hora, ela vai estar no portal com mais alguns detalhes”.

O ideal é que a informação flua em todos os veículos [...]. Se a notícia for factual o portal dá primeiro, a TV então dá a matéria no próximo telejornal e o Jornal da Paraíba no dia seguinte. Aí não tem jeito, um fura o outro, mesmo sendo veículos da mesma casa [...], se é uma matéria especial, mais bem trabalhada, que é uma coisa só nossa, produzida por nós e que a concorrência não tem acesso, a gente às vezes adia a publicação no Globoesporte.com e na TV, para dar junto com o jornal, e assim não tem dica para a concorrência (CALDAS, 2014).

Hoje, “o repórter não deve mais se especializar em uma única área de cobertura para determinada mídia, mas sim, estar pronto para veicular sua apuração em diversos formatos e linguagem” (KISCHINHEVSKY, 2009, p. 58). Esse papel de *platformagnostic* é a segunda metodologia de prática jornalística que se buscou analisar neste estudo: como o repórter faz o seu trabalho, e também, como lida com o acúmulo de instrumentos laborais e funções. Mas, antes de apresentar os processos, pretende-se discutir a respeito da prática jornalística redefinida a partir da convergência.

Essa reforma nas práticas jornalísticas, causada pela convergência, muitas vezes não é vista com bons olhos, como atesta Lawson-Borges (2008, p. 9), ao afirmar que, “a convergência não é bem recebida, porque muitos jornalistas, executivos de mídia e acadêmicos enxergam o processo como uma ameaça aos valores do jornalismo tradicional e as práticas utilizadas para reunir notícias, informação e entretenimento”<sup>11</sup> [tradução nossa].

Essa possível ameaça aos valores do jornalismo e a sua presumível decadência são creditadas, muitas vezes, a multifunção. Autores como Kischinhevsky (2010, p. 31), Salaverría e Garcia Áviles (2008, p. 44-45), criticam esse modelo multitarefa e afirmam que o jornalista inserido nesse cenário pode comprometer a qualidade da informação, por estar sobrecarregado e não ser remunerado a contento.

No entanto, percebe-se que, nesse grupo de jornalistas estudado, a satisfação com o modelo adotado sobrepõe sentimentos negativos com relação à multifuncionalidade do jornalista convergente. Os quatro interlocutores nas entrevistas, apresentaram impressões

---

<sup>11</sup> No original [...] “Convergence is not well received because many journalists, media executives, and scholars view the process as a threat to traditional journalism values and to the practices used to gather news, information, and entertainment” (LAWSON-BORDERS, 2008, p. 9).

positivas quanto às novas rotinas de trabalho, o qual impõe que eles exerçam mais de uma habilidade no fazer jornalístico. As mudanças no ofício são traduzidas em expressões como “futuro”, “tendência” e “melhora”. Apenas um dos entrevistados, Lucas Barros, usou os termos “complicado” e “cansativo”, mas que, em seguida, no seu discurso, essas palavras foram acompanhadas por “prazerosa”, que corrobora com a afirmação de satisfação quanto a esse aspecto, mesmo diante do questionamento de vários autores sobre essa perspectiva multitarefa.

Eu acho que é importante a gente pensar nisso como futuro [...]. A gente pretende chegar mais perto dessa realidade [aqui o interlocutor refere-se às transformações culturais na maneira do público consumir o conteúdo] e, com mais gente, e com pessoas que possam servir a todas as mídias aqui da Rede Paraíba (MADRUGA, 2014).

Quem não tiver pronto para todas essas plataformas vai perder espaço, não tem jeito. A tendência é essa. Eu gosto de brincar que eu trabalhei em todas as editorias possíveis e imagináveis antes de trabalhar no esporte [...], da mesma forma, eu falo com relação às mídias, você pode ser uma pessoa que goste de TV, mas talvez não tenha a oportunidade de trabalhar com isso [...], você corre o risco de perder espaço no mercado (CALDAS, 2014).

Barros (2014) afirma que, “tem hora que eu acho um pouco complicado, por que a gente vai se dividir em muitos [...], tem hora assim que é meio cansativo, mas é uma coisa prazerosa”.

Contudo, o tema “salário” ter sido excluído das entrevistas, tornou possível perceber preocupação com questões empregatícias. Enfatiza-se que, descartou-se, sem insistência, o tema, para não prejudicar o andamento da pesquisa, focado na rotina jornalística de produção de conteúdo multiplataforma, embora concorde-se, que este assunto não deve ser relegado e pode ser relevante para outras pesquisas.

Nas primeiras anotações do caderno de campo, aferiu-se que o ambiente onde as entrevistas foram realizadas pode ter favorecido a avaliação positiva da multifuncionalidade. No entanto, destaca-se que, mesmo diante das primeiras impressões que se obteve, que apontaram para esse caminho, em outro momento, durante a execução da fotorreportagem, percebeu-se um entusiasmo genuíno dos profissionais analisados, com relação ao trabalho que fazem nessa ambiência convergente. O que se pode constatar é que, a satisfação de estarem fazendo algo novo no mercado, construído por eles, dá uma satisfação de estarem fazendo algo relevante para o mercado de trabalho paraibano.

Até o momento da pesquisa, apenas um repórter usa a aptidão e tem a incumbência de adaptar conteúdo para diferentes plataformas, escrevendo-o a partir de uma única apuração:

Lucas Barros. A outros repórteres do núcleo, é exigido apenas que a apuração seja distribuída para os colegas responsáveis pelas outras plataformas. E, muitos deles, consideram um “favor” fazer entrevistas para televisão. É interessante apontar ainda que, os repórteres da televisão que estão fora do núcleo, mas, que algumas vezes são escalados para fazer reportagens para a editoria de esportes, não realizam reportagens para outros veículos, e nem compartilham a apuração.

Kischinhevsky (2010, p. 31) aponta a “visibilidade” do jornalista como argumento principal no discurso de chefes e subalternos, que defendem a lógica multifuncional da convergência, alegando que seus trabalhos ganham maior repercussão. Esse argumento foi utilizado por Barros (2014), quando questionado a respeito da multifunção.

Hoje eu acho uma experiência única. [...] Como aqui, a TV Cabo Branco é uma emissora da Paraíba, no Globoesporte.com eu tenho a oportunidade de leitores de outros estados estarem acompanhando também o meu material. Um exemplo, uma matéria sobre vôlei de praia que eu faço para a TV, pode ser que ela não seja exibida em todo o Brasil, mas, a partir do momento que eu a faço para o Globoesporte.com, a abrangência é muito maior, e leitores de vários Estados vão poder acompanhar aquela reportagem.

Moretzsohn (2015) critica a maneira que as questões profissionais são encaradas na convergência jornalística. O aspecto profissional negativo que a autora destaca, diz respeito às demissões. A autora cita o caso do jornal O Globo, que lançou mão dos argumentos, “medida de otimização após a revisão de processos” e necessidade de “um modelo de convergência”, para justificar as 12 demissões de jornalistas sêniores. Madruga (2014), editor do núcleo, não concorda com essa visão, que associa a convergência jornalística a uma possível redução de quadro de funcionários por parte das empresas.

A gente ouve muita critica. Ouve critica principalmente do ponto de vista: “ah, mas vocês estão tirando o emprego de um outro profissional”. Eu não veja dessa forma. Há três ou quatro anos nós tínhamos aqui, três ou quatro pessoas fazendo esporte em toda a Rede Paraíba. Hoje, só nesse núcleo integrado, nós temos 15 pessoas. São todas pessoas condicionadas e capacitadas para fazer qualquer tipo de atividade. Ninguém está tirando o espaço de ninguém, pelo contrário.

Especificamente sobre o método de execução de tratamento da informação – cobertura de acontecimentos – de maneira correta, distribuindo-a para a TV, impresso e *web*, o jornalista Barros (2014) desenvolveu uma técnica em que é necessário um intervalo de tempo entre a produção do texto de uma plataforma para outra. Ele afirmou que a reportagem da *web* precisa ser “esquecida” para que a outra seja escrita.

Eu geralmente deixo para fazer o texto para TV horas depois. Não é uma coisa

muito apropriada não. Mas eu faço o do site primeiro, por conta da correria, porque eu tenho que publicar. [...] Eu prefiro fazer depois, quando minha mente vai estar mais descansada. Esquecer um pouco daquele texto do site, pra ouvir tudo de novo e refazer o texto pra TV (BARROS, 2014).

Como assinalado no discurso acima, e também observado no caderno de campo, o critério que o jornalista usa para escolher qual reportagem vai ser escrita primeiro é a urgência que a plataforma exige. Se os editores optaram pela divulgação inicial no portal de notícias, a reportagem é escrita para o portal. Se a reportagem é especial para televisão, o jornalista se debruça inicialmente sobre o texto *off*, e, da mesma forma, com o jornal impresso.

### 2.3.2.3 Linguagem e qualidade

As proposições sobre convergência jornalísticas que foram discutidas até aqui, defendem que a convergência afetou o jornalismo em sua totalidade e, em vista disso, o impacto sobre o modo de produção jornalística exigiu a redefinição dos produtos resultantes deste processo.

Essas redefinições a respeito da linguagem dos meios e as características que elas têm assumido na esfera convergente, já foram discutidas anteriormente neste estudo, e também se iniciou o debate quanto à qualidade da informação. Agora, dar-se-á continuidade às análises sobre linguagem e qualidade, observando a percepção que os integrantes do núcleo têm sobre como a convergência jornalística, os aparatos tecnológicos e o tratamento multimídia, dado a notícia, podem transfigurar o conteúdo, até interferindo na qualidade do mesmo.

Marcondes Filho (2000, p. 147) questiona que,

Sob as novas condições, a prática de produzir e divulgar notícias (o nome “jornalismo” vai se tornando cada vez mais incerto), operando sobre o princípio da rapidez, da redução e racionalização linguística, da volaticidade, não deixa de colocar velhos problemas: até que ponto as notícias produzidas ainda não confiáveis? Até que ponto pode-se colocar a mesma credibilidade que se tinha em relação aos antigos jornais, historicamente constituídos, socialmente muito mais enraizados? [...].

Caldas (2014) relata que,

Não acho que perde a qualidade, nem a credibilidade. O que pega é a forma de produzir a informação. Mas, nós temos, digamos assim, especialistas em cada veículo. Temos alguns aqui que tem a formação mais específica em TV, outros aqui, que são da escola do jornal, e também quem nasceu no portal. E esses estão sempre dialogando. Por isso que eu digo, se a gente não souber [o interlocutor se refere à habilidade de escrever o texto da reportagem para plataformas distintas], pergunta.

Daí (eu) acho que a notícia não perde a qualidade, por que o diálogo não é só entre mídias, é entre colegas.

Duas características importantes do jornalista convergente são consideradas quando a qualidade da informação é discutida. A habilidade de escrever para mais de um veículo, e a habilidade de “equilibrar” equipamentos de trabalho e desempenhar funções que, anteriormente, no modelo tradicional do jornalismo, eram atribuídas a mais de uma pessoa (fazer fotos, vídeos, entrevistas para TV, etc.) (KISCHINHEVSKY, 2009, p. 57). Assim, o repórter ideal para a convergência jornalística “tem que ser muito hábil com os equipamentos e muito atento também em tudo que acontece, para não perder nenhuma nuance dos acontecimentos” (AGNEZ, 2011, p. 138).

Essas habilidades são relevantes, por que, no exercício “polifuncional” do jornalista, o produto final pode acabar não tendo a qualidade desejável, pode não respeitar as características narrativas de cada veículo, o que pode levar a má qualidade do trabalho por causa da sobrecarga de atribuições (SALAVERRIA & GARCIA ÁVILES, 2008, p.32).

Como já apresentado anteriormente, os integrantes da equipe que foram entrevistados, defendem as exigências multitarefas. Eles também julgam que essa experiência com vários equipamentos laborais não interfere na qualidade do conteúdo apresentado à audiência.

Eu acho que o jornalista tem que lidar com as tecnologias e as transformações dela da melhor maneira possível e isso não pode atrapalhar a qualidade. Quem não estiver pronto para todas essas mudanças vai perder espaço, não tem jeito [...]. Esses diferentes equipamentos hoje são o dia a dia do jornalista, você tem que se acostumar com a máquina fotográfica, celular, gravador, microfone, bateria e até o bloquinho e a caneta. Faz parte. É objeto de trabalho. Se você se estranhar com esse tipo de equipamento você não pode ser jornalista. Tá no seu dia a dia (CALDAS, 2014).

A alegação de Phelipe Caldas é, ainda, segundo Marcondes Filho (2000, p. 146), o argumento utilizado pelos tecnicistas, de que não há saída para a questão das ferramentas tecnológicas atuais. “Ou elas ou nada”.

A outra competência, ou ausência, que é relacionada à qualidade informativa do noticiário, é a capacidade do jornalista em desenvolver um texto jornalístico para cada plataforma da redação integrada, sobre um mesmo acontecimento. Se o jornalista não consegue “contar a história” de forma adequada para cada veículo, a compreensão da informação pode ser comprometida, tendo em vista que, cada meio requer uma linguagem específica, para que a comunicação seja eficaz. Dessa forma, os interlocutores afirmam que os jornalistas que compõem a equipe do Núcleo Integrado de Esportes, compreendem a

importância de textos apropriados a cada veículo, sem a transposição do conteúdo.

Existe um entendimento muito grande entre o que é jornal, o que é TV e o que é portal [...]. A gente precisa respeitar quem assina o jornal. Eu não posso colocar no jornal a mesma matéria que está no portal, eu não posso colocar a mesma matéria que ele viu na TV. [...] É um trabalho diário de você separar, de você ter um respeito a quem tá do outro lado (MADRUGA, 2014).

O espaço é totalmente diferente em cada um, então sempre estamos adequando as matérias para outro veículo, no nosso núcleo não existe essa de ctrl+c, ctrl+v. Já fizemos texto para internet, enormes, e tivemos a missão de diminuir para o jornal, ou transformar numa notinha para a TV (CALDAS, 2014).

É interessante observar nessa discussão de linguagem, o percurso que a narrativa jornalística faz em multiplataformas. Em algumas ocasiões, o assunto abordado em uma plataforma é tão interessante, que precisa ser desdobrado em outra, fazendo uso da narrativa transmidiática. Já em outros momentos, diante de uma menor repercussão da notícia, os editores decidem não expandir o conteúdo, e sim, promovê-lo, configurando-se o uso da narrativa crossmidiática.

A matéria é exibida na TV, mas eu não tenho tempo para usar todas as entrevistas naquele VT, então eu encaminho o telespectador para web, onde ele pode ver entrevistas inéditas e outros pontos de vista, já que não existe a limitação do espaço. Por conta do imediatismo da internet, muitas vezes é difícil você ter uma equipe [o interlocutor se refere à equipe de TV] no local onde o fato aconteceu. Na internet não, você precisa de uma foto, um texto e às vezes tem até um vídeo de celular. Então se a apuração do Globoesporte.com for bem-feita, você acaba sendo ajudado, por que tem uma notícia, ilustra essa notícia na TV com um *print* da matéria do portal, e ainda divulga o endereço do portal (MARQUES, 2014).

Marcondes Filho (2000, p. 37) destaca que, em meio à transformação do fazer jornalístico, deve-se dar atenção a “valores decisivos” do jornalismo, como: trabalho atento, cuidadoso, criterioso e ético. Segundo o autor, estes valores podem ser “soterrados” com a informatização e a operação em tempo real.

Os interlocutores afirmam que tais valores são revistos e considerados na sistemática de trabalho convergente no Núcleo Integrado de Esportes. No entanto, eles admitem ainda não terem chegado a um modelo padrão de sistemática de trabalho, execução de processos e apresentação do conteúdo. Eles afirmam estar em um processo contínuo de adaptação, e, não encaram o Núcleo Integrado de Esportes como uma fórmula a ser seguida, apenas observada.

Caldas (2014) descreve não querer “nunca chegar para você e dizer que nós chegamos a um modelo ideal e definitivo. Sempre que nós percebemos que existe algo que pode ser melhorado, ele vai ser melhorado. Não tem essa de padrão definitivo e definido de integração

do jornalismo”.

## 2.4 DESENVOLVIMENTO DO PRODUTO JORNALÍSTICO MULTIPLATAFORMA

### 2.4.1 A Série de Reportagens

As reportagens apresentadas neste estudo mostrarão a rotina da produção jornalística do Núcleo Integrado de Esportes da Rede Paraíba de Comunicação, através de uma narrativa que ultrapassa o simples cruzamento de mídias, intencionando expandir o tema, apresentando angulações diferentes, que podem ser consumidas simultaneamente, como também, em separado.

Essa narrativa transmidiática, tendência no jornalismo convergente de qualidade, e que também contribui com processo educativo (conforme explicado anteriormente, na abordagem sobre “narrativas cros e transmidiáticas”), foi utilizada, conforme especificações de Pernisa Júnior (2010, p. 8), onde, “cada matéria menor deve ter uma angulação precisa e bem desenvolvida, que se liga às outras, de modo a criar uma estrutura maior, que pode, ou não, ser vista pelo usuário, conforme o seu interesse”.

A história contada dessa forma assumiria o termo “mônana aberta”, que, de acordo com Pernisa Júnior (2010, p. 8), é

Onde cada veículo seria como a matéria menor feita na estrutura para a *web* e se ligaria a outros, formando a rede contextualizada de material para a consulta do usuário em diversos meios. O mais importante é que cada meio tenha como desenvolver seu potencial em estruturas menores, mas bem precisas, onde o ideal seja a rede e não unicamente aquela matéria produzida para determinado veículo.

Dessa forma, para o autor, a contextualização seria alcançada por meio de uma relação entre as várias plataformas que tratem daquele tema geral e, porque cada uma destas plataformas apresentará a matéria com o que tem de mais relevante para o seu aprofundamento, espaço e linguagem.

Dessa forma, a partir do tema geral (como são produzidos os conteúdos noticiosos do núcleo), serão explorados os produtos jornalísticos esportivos produzidos no aspecto convergente: como é feita a distribuição entre as diferentes plataformas, como a redação integrada funciona e como a linguagem própria de cada plataforma é incorporada. O trabalho procura explorar essas dimensões e contribuir com as discussões acerca da produção jornalística convergente.

Diante da narrativa transmidiática, onde o conteúdo atravessará as mídias com desdobramentos em cada uma delas, mas mantendo a característica de entendimento em leituras individuais, será elaborado, então, um roteiro dos aspectos iguais e diferentes que cada reportagem da série pode abordar:

- **A reportagem para televisão** – Busca a apresentação do conteúdo de forma didática, utilizando uma linguagem explicativa, com recursos visuais que destrinchem o texto. Os aspectos relacionados à integração física da redação, instrumentos de trabalho, metodologia de trabalho, erros e acertos relacionados à distribuição entre as diferentes plataformas, e como a linguagem própria de cada plataforma é incorporada, serão abordados através do conteúdo em *off* – construído a partir da pesquisa bibliográfica, exploratória e produção de pauta – e sonoras dos principais personagens do núcleo esportivo que vivenciam a dinâmica multiplataforma. A reportagem especial, com 8 minutos de duração, abarca os conceitos de convergência jornalística, o funcionamento no núcleo de esportes da Rede Paraíba de Comunicação, além de reflexões acerca da multifuncionalidade dos profissionais e narrativas transmidiáticas.
- **A reportagem para o impresso** – A reportagem criada para impresso trará, além de conceitos sobre convergência, estudos relacionados à recepção da informação, e ainda, entrevistas e citações de profissionais que estão diretamente ligados à produção de conteúdo convergente em ambiência multiplataforma. A reportagem também discutirá o que se espera dos novos profissionais de jornalismo que estão deixando as universidades para um mercado de trabalho com exigências multifuncionais, com entrevistas de um jornalista recém-formado, e professores de diferentes universidades do Estado da Paraíba, sobre a formação acadêmica atual, em comparação com as competências exigidas pelo mercado de trabalho convergente.
- **A reportagem para internet** – Aprofundará a temática, já que não tem limitação de espaço, como o jornal impresso ou televisivo. O conceito de convergência será apresentado, através de depoimentos relacionados à prática diária do jornalismo convergente da Rede Paraíba de Comunicação. Um infográfico também foi produzido para aproximar o leitor da temática, dando uma definição visual do exposto. O texto girará em torno ainda de discussões relacionadas à prática polifuncional, a apresentação da notícia para o público e a rotina do Núcleo de Esportes da Rede Paraíba de Comunicação.
- **A fotorreportagem** – Mostrará os bastidores de uma reportagem produzida em

conteúdo convergente.

#### 2.4.2 Produção e Reportagem

A ideia do produto que será resultado deste estudo começou a ser desenvolvida a partir do segundo semestre de 2013, onde foi possível aliar o conhecimento e as discussões, proporcionados pelas disciplinas ministradas no curso, às visitas realizadas a Rede Paraíba de Comunicação. No afunilamento das questões relacionadas à convergência jornalística, optou-se por direcionar as observações ao conteúdo desenvolvido, mesmo admitindo a interdependência entre os aspectos profissionais, empresariais e tecnológicos.

Em princípio, pretendeu-se desenvolver um aplicativo que proporcionasse o aglutinamento das informações e conteúdos produzidos pelos jornalistas integrados. Assim, seria feita uma tentativa de interferir com um aspecto tecnológico, na forma de produzir o conteúdo multiplataforma. Esse aplicativo seria um facilitador da prática jornalística em ambiência convergente, uma vez que, se pretendia apontar soluções para a dispersão das sonoras, entrevistas e fotos feitas pelos profissionais – atualmente, na ausência de uma redação integrada física, o jornalista multiplataforma descarrega as sonoras em um computador (ilha de edição), as fotografias em outro (redação do Globoesporte.com Paraíba), e escreve o texto em outro (redação da TV Cabo Branco). No entanto, o desenvolvimento dessa ferramenta ultrapassava os conhecimentos profissionais desta pesquisadora, que desconhece totalmente as competências profissionais necessárias para a produção deste aplicativo, e, por isso, precisaria ser desenvolvido completamente por outros profissionais, sendo-lhe creditada, apenas a ideia. Assim, partiu-se para a busca de um produto que contemplasse as competências profissionais da pesquisadora, como graduada nos cursos de radialismo, jornalismo e com larga experiência profissional em audiovisual e produção de conteúdo para *web*, e, só assim, este produto começou a ser desenhado.

Dois inquietações surgiram ao decidir por essa temática: 1º) os estudantes de jornalismo estão preparados para enfrentar a convergência jornalística?; 2º) como a informação apurada pelo jornalista se transforma em reportagens diferentes (linguagem, desdobramento), mas, iguais no tema? Para atender as duas problemáticas que rondavam a temática desde o princípio, resolveu-se, a partir de constantes discussões com o professor e orientador desta pesquisa, Pedro Nunes, e com a ajuda da professora Virgínia Sá Barreto, que o produto final teria que contemplar as inquietações acima descritas. Assim, o produto final definido, mostrará como o conteúdo jornalístico é desenvolvido em uma redação integrada

multiplataforma, e dará aos estudantes de jornalismo uma noção do que é uma redação integrada, o que os profissionais que já atuam nesse tipo de modelo convergente esperam da nova geração de jornalistas, e o que eles devem buscar na preparação profissional para o mercado de trabalho em transformação. Além disso, será desenvolvido o produto, aproveitando as competências acadêmicas e profissionais desta pesquisadora, que também viverá a experiência de desenvolver um mesmo conteúdo para diferentes plataformas, com a linguagem adequada de cada meio, e com diferenças entre as abordagens.

Essa possibilidade, de experimentar o exercício polifuncional, configurado com as redações convergentes, e assim, poder analisar os desafios, a partir da vivência, aumentou a atração pelo objeto de estudo e estimulou o interesse em pesquisar mais a fundo o que os estudiosos têm discutido a respeito, o que entra em concordância com a proposta de um “Mestrado Profissional em Jornalismo”<sup>12</sup>, de utilizar, de forma direcionada e verticalizada, o conhecimento bibliográfico existente, para observar o problema, não somente repetindo soluções já existentes, mas, conhecendo-as e vivenciando-as, para poder analisá-las e contribuir com o mercado de trabalho.

Os questionamentos sobre as razões para adotar o modelo de redação integrada, a qualidade do conteúdo apresentado, a audiência, e como todo o processo funcionava, foi feito ainda durante o período em que era funcionária da rede de comunicação, até março de 2013, quando desempenhava a função de Chefe de Produção e Reportagem. As transformações tecnológicas e as formas de absorvê-las pelo jornalismo praticado, inquietavam o meu eu profissional. Até então, não havia compreensão de um desenho fixo do que podia e não podia ser feito, em termos de desenvolvimento do conteúdo jornalístico, aproveitando a tecnologia e a *internet*.

À medida que as fontes paralelas, como por exemplo, as redes sociais, foram sendo desenvolvidas, ou o uso da *internet* 3G pelos repórteres, através dos seus *smartphones*, foi-se descobrindo novas formas de levar a notícia até a audiência. Um bom exemplo que pode ser transmitido, a partir da experiência desta pesquisadora nas redações, e pode ser aqui ressaltado, foi que, antes dos repórteres fazerem uso da *internet* 3G, através de seus

---

<sup>12</sup>Mestrado Profissional é uma modalidade de formação que, a partir de uma visão horizontal do conhecimento consolidado em um campo disciplinar (com as evidentes relações inter e multidisciplinares), busca enfrentar um problema proposto pelo campo profissional de atuação do aluno, utilizando de forma direcionada, verticalizada, o conhecimento disciplinar existente para equacionar tal problema. Não se trata de repetir soluções já existentes, mas de conhecê-las (horizontalidade) para propor a solução nova (GAZZOLA, 2014).

*smartphones* e *tablets*, para se escrever uma nota<sup>13</sup> para o telejornal – baseado nas informações dadas pelo repórter que estava no lugar que o fato acontecia (uma votação na Assembléia Legislativa, por exemplo) – era necessária uma ligação para o celular do repórter, e, somente depois da apuração dos fatos com o repórter, escrevia-se o texto. Com o acesso as tecnologias de informação já citadas, o repórter passou a enviar o texto escrito via *e-mail* ou através do aplicativo de troca de mensagens, *Whatsapp*, tornando mais rápida a transmissão da notícia para o telespectador.

Outros pesquisadores também fizeram essa correlação direta do desenvolvimento tecnológico com a integração de redações. Salaverría e Garcia Áviles (2008, p. 32-35), afirmam que, por conta da substituição gradual das ferramentas analógicas pelas digitais, dois processos de convergência estão em andamento: o processo de convergência de conteúdo no jornalismo que está sendo construído, e também, processos paralelos de convergência entre as próprias tecnologias da informação, e as próprias tecnologias criadas especificamente para esses meios.

No entanto, muita coisa mudou desde a ideia da série de reportagens, até que de fato pudesse ser concretizada, afinal, como já dito, as transformações nesse tipo de redação acontecem muito rapidamente. Transformações estas que não cessam em parte, por que estão diretamente associadas às revoluções tecnológicas. Assim, Hannah (2013 *apud* JENKINS, 2008) explica que essas revoluções estão em constante mudança e não podem ser subestimadas. Dessa forma, percebe-se que o desenvolvimento tecnológico e o acesso a ele, contribuíram diretamente para que a redação integrada fosse transformada, ao longo do seu surgimento.

Outros dois fatores relacionados às tecnologias digitais de informação chamaram a atenção durante o processo de produção das reportagens: 1º) o lançamento do portal de notícias **Globoesporte.com Paraíba**, que oferece conteúdo esportivo local em formato de texto, áudio e vídeo e “reúne as matérias das TVs Cabo Branco e Paraíba, realizando uma integração harmônica e forte entre televisão e *internet*” (JORNAL DA PARAÍBA, 2014); 2º) a larga utilização de aplicativos de comunicação, como o *Whatsapp* a partir de 2014, que passou a ser usado no Brasil por 38 milhões de pessoas, e tem uma média mundial de aquisição de 30 milhões a cada dois meses (G1, 2014; GOMES, 2014).

Esses dois fatores, mesmo entendendo que são fugazes, devem ser ressaltados, já que, o lançamento do **Globoesporte.com Paraíba** foi o ponto de partida para a redação integrada, e

---

<sup>13</sup>A nota é entendida como o relato mais sintético e objetivo de um fato (PORCELLO; VIZEU & COUTINHO, 2012 *apud* SIQUEIRA, 2012, p. 174).

o uso do *Whatsapp* em maior escala, acrescentou à reunião de pauta, e à apuração de novos elementos. Em conversa por telefone, dois dos 15 jornalistas integrantes do núcleo de esportes, admitiram usar, a partir de 2014, a ferramenta para definir, em conjunto, qual informação é notícia e para quais plataformas irão às reportagens. Ou seja, a redação integrada, nesse núcleo, só surgiu por conta da criação deste portal na *internet*, e as reuniões de pauta, não necessariamente, precisam ser físicas, graças, em parte, a um aplicativo de celular. Essas constatações são apenas dois aspectos que referendam as definições de Salaverría, García Avilés e Masip (2010), de que a convergência jornalística é um processo multidimensional facilitado pela implantação generalizada das tecnologias digitais de telecomunicações. Percebe-se então, que estes aspectos precisavam ser abordados nas reportagens. Dessa forma, foi constatado também que, no começo da observação direta e apuração para a pauta, e, não esquecendo da interdependência entre as questões tecnológicas, empresariais, profissionais e de conteúdo, uma outra questão precisava ser tocada na série de reportagens: os aparatos tecnológicos.

Se antes o jornalista carregava gravador, bloco e caneta, hoje ele segue agrupando seus antigos objetos de trabalho aos novos: câmera fotográfica, de vídeo, *smartphone*, *tablets*, computadores portáteis, microfone, etc. As habilidades no exercício da profissão, que exige equilibrar outros instrumentos, acabam por levar a outro ponto que pode interferir na produção do conteúdo: a polivalência do jornalista.

No entanto, a essência da prática jornalística não mudou. Conforme Schiaretta (2006), continua sendo preciso apurar, escrever um bom texto, passar corretamente a informação, ser ético, rápido e objetivo. Porém, o autor destaca que o jornalista de multiplataformas precisa de habilidades novas que vão além da capacidade de comunicar. É preciso conhecer as linguagens dos meios para qual vai desenvolver a notícia, entender a convergência, e ainda, saber tratar imagens, fazer fotos, gravar e editar vídeos, gerar áudio, usar as redes sociais, os aplicativos, etc.

Sobre isso, os autores Salaverría e Garcia Avilés (2008, p. 44-45) explicam que, não basta aplicar as inovações tecnológicas ou dar aos jornalistas ferramentas modernas para que aconteça a integração de uma redação. É preciso capacitar e remunerar esses profissionais a contento.

Para entender o profissional inserido em tantas mudanças, Kischinhevsky (2009, p. 63) investigou os aspectos do exercício da profissão do jornalista em um cenário de grupos midiáticos que concorrem, buscando se reposicionar e maximizar seus lucros com o surgimento de múltiplas plataformas de distribuição de conteúdos. Ele cruzou dados sobre o

mercado de trabalho jornalístico brasileiro e resultados de entrevistas realizadas com profissionais da imprensa no Rio de Janeiro, e redações de outros países. Neste, e em outros estudos que se seguiram o autor percebeu que,

O jornalista, hoje, precisa ser um profissional *multiskilled*, ou seja, desenvolver múltiplas habilidades. Deve apurar, numa única saída da redação, dados que permitam a produção de textos para veiculação em *sites* e/ou impressos, além de captar imagens e áudio, editando-as e apresentando-as na *internet* ou em programas informativos televisivos e/ou radiofônicos. “Visibilidade” tornou-se palavra recorrente no discurso de chefes e subalternos que defendem a nova lógica, alegando que seus trabalhos ganham maior repercussão. Sem embargo, os abusos à legislação trabalhista, com jornadas extenuantes e acúmulo de funções, tornaram-se uma preocupação para representantes da categoria, a ponto de o Sindicato dos Jornalistas do Rio reivindicar, na campanha de 2009, “multissalário” para os repórteres que dão conta da chamada “multifunção” (HASSAN, 2000 *apud* KISCHINHEVSKY, 2010, p. 31).

Todo esse questionamento em torno da polifunção dos autores acima citados, só é interessante na construção das reportagens que resultarão no produto final deste estudo, já que pode interferir diretamente na produção do conteúdo. E essa interferência pode ser negativa (as jornadas extenuantes, o pouco tempo para redistribuir a notícia em outra linguagem) ou positiva. Becker e Teixeira (2009a, p. 233) ao citar Salaverria (2005, p. 517) e Canavilhas (2001, p. 4-5) discutem que,

A qualidade dos conteúdos informativos, como explica Salaverria, não depende do uso da hipertextualidade, da interatividade e da multimídia. Um conteúdo de um site jornalístico pode ser excelente sem recorrer a essas possibilidades, até porque um texto com infinitas de recursos pode carecer de valor informativo. Mas, o jornalismo, com base na convergência entre texto, som e imagem em movimento, pode resultar em práticas mais inovadoras do que o atual jornalismo televisivo e praticado na web, proporcionando notícias mais críticas e criativas porque a quebra da leitura linear permite um jornalismo mais participativo.

Os editores, Expedito Madruga e Phelipe Caldas, além do apresentador, Kako Marques, e dos repórteres produtores, Lucas Barros e Renata Vasconcelos, acreditam nessa vertente positiva do trabalho multifuncional. Sabe-se que é difícil aferir o grau de satisfação dos jornalistas multitarefas, quando os questionamentos sobre esse exercício são feitos dentro do ambiente de trabalho, ou em uma gravação no mesmo local. De qualquer forma, mesmo questionando se existe 100% de sinceridade nos depoimentos coletados, percebe-se que, diferente das críticas dos autores sobre o multiexercício da função de jornalista, os jornalistas entrevistados, estão satisfeitos com a forma de exigência do mercado para fornecer produtividade máxima. Apenas um deles, durante as entrevistas, confessou sentir insegurança quanto à qualidade do conteúdo produzido, por não dominar as especificidades de todos os

meios. No entanto, Lucas Barros apontou as dificuldades em se adaptar ao novo modelo no início da redação integrada, apenas no início. Hoje, ele completou o discurso dizendo encarar essas produções multiplataformas com naturalidade. Lucas Barros começou no grupo ainda durante a graduação, como estagiário, e hoje faz parte da equipe como funcionário, onde seu crescimento profissional se deu junto às transformações que ocorreram no núcleo de esportes. Sendo assim, discutir qual jornalista – o recém-formado, ou o mais antigo – tem mais facilidade para fazer reportagens adequadas para meios distintos, também fará parte do conteúdo que será desenvolvido.

Foi necessário compreender ainda, na coleta de informações sobre a redação integrada do núcleo de esportes, que outro aspecto precisava ser apresentado nas reportagens: o modo como o programa de TV, Globo Esporte, organiza sua linguagem na televisão, interagindo com o conteúdo da *internet*.

Essa é uma característica própria da convergência jornalística, as linguagens *trans* e *crossmidiáticas*, e não poderiam ficar de fora do produto. A convergência, memória e hipermídia são percebidas mais facilmente pela audiência quando o apresentador do programa de TV, Globo Esporte, dá uma notícia e depois chama no telão a imagem do portal Globoesporte.com Paraíba. Em alguns casos, ele praticamente só diz a manchete e incentiva o telespectador a migrar para o conteúdo *online*, promovendo o portal (narrativa *crossmídia*), enquanto que em outros, ele destrincha melhor a informação e aponta outros elementos que só estão disponíveis na *web* (narrativa *transmídia*).

Kako Marques, apresentador do Globo Esporte e coeditor do programa, explicou que o uso desse recurso em um programa televisivo para um público segmentado, torna-se uma rotina natural, já que, quando o telespectador tem ares de fã e necessita de reportagens com informações mais detalhadas do que o normal, ele quer saber os detalhes de uma contratação de um técnico de futebol, ou dispensa de um jogador, por exemplo.

Martins e Soares (2012, p. 56) confirmam o exposto, ao relatar que,

[...] a convergência, a memória e a hipermídia, bem como as narrativas *trans* e *crossmidiáticas*, são percebidas de forma mais expressiva nos espaços do Globo Esporte do que em outros programas jornalísticos, sobretudo os que abordam diversas editorias. Como o programa televisivo e os endereços *online* são para um público segmentado, há exigência de matérias com informações mais específicas e complexas. Dessa forma, os conteúdos do portal e do *site* tendem a interligar mais assuntos – por meio da linguagem hipermediática e da memória – do que os disponibilizados em *sites* e portais sem editoria específica.

Depois da apuração e dos destaques de alguns aspectos que não poderiam ficar de

fora, partiu-se para o desenvolvimento do produto. A primeira reportagem a ser desenvolvida da série nomeada de “Muitos veículos, um jornalista”, foi para a TV.

Segue-se descrevendo, neste relatório, o processo de produção. Mas, antes de iniciar o relato, é importante destacar que, foi compreendido, ao longo da pesquisa, que as formas de fazer jornalismo para cada plataforma (aqui estudados TV, jornal impresso e *web*) estão se adaptando a convergência jornalística, mas mantêm as características essenciais de cada veículo, características estas que foram constituídas ao longo da história do jornalismo. Por essa razão, será utilizado como embasamento teórico no detalhamento dos processos de produção do produto: manuais de jornalismo, percepções desta pesquisadora e novas discussões sobre os atuais modelos de jornalismo.

#### 2.4.2.1 Reportagem para TV

O ponto de partida, após a apuração, está diretamente relacionado à logística da produção. Por se tratar de um produto audiovisual, alguns equipamentos precisavam ser adquiridos. O primeiro deles foi uma câmera seminova da marca Canon, modelo VIXIA HF R20 Full HD Camcorder, com 8GB de memória interna, pelo valor de R\$ 800,00 (oitocentos reais). Além de um cartão de memória de 32 GB, no valor de R\$ 68,00 (sessenta e oito reais).

A opção da compra se deu após a consulta à profissionais que captavam as imagens com equipamento próprio, já que o serviço foi orçado junto a dois deles, pelo valor de R\$ 1.200 (hum mil e duzentos reais).

No que se refere ao microfone, tripé e iluminação, a própria TV Cabo Branco se dispôs a emprestar o equipamento durante a gravação da reportagem, com autorização da Diretora de Jornalismo, Tatiana Ramos.

Foram contratados, então, os serviços do cinegrafista da TV Cabo Branco e da Faculdade de Ciências Médicas, Alexandre Frazão, pelo valor de R\$ 700,00 (setecentos reais), para captação das imagens relativas ao VT para televisão. Sendo que, o mesmo se responsabilizou ainda, pelo transporte do equipamento entre uma locação e outra.

A reportagem foi programada em duas etapas: (1) a partir da ideia de explicar a convergência jornalística de forma leve e didática, onde foi planejado e criado um texto para televisão, a fim de ser coberto com vários recursos de imagens – animação, gráfico, imagens estáticas e em movimento. O texto, com duração de dois minutos, foi construído seguindo os modelos de construção de *off* para televisão, explicitados por Paternostro (2006, p. 77), onde este discute características do meio, que devem ser consideradas ao escrever um texto, e,

devidamente adequado por esta pesquisadora para essa produção:

- **Informação visual** – A TV possui uma linguagem onde o signo mais acessível é a compreensão humana. Sendo assim, mostra o que o telespectador vê. Ela entende, se informa e amplia o seu conhecimento. Logo, foi criado um texto que explica o conteúdo associado às imagens;
- **Instantaneidade** – A informação é captada de uma só vez, no momento em que é transmitida. Sendo assim, foi produzido um texto claro e objetivo, acompanhado de imagens que remetam ao entendimento do público;
- **Alcance** – Uma informação na TV pode ser vista e ouvida de várias maneiras diferentes. Dessa forma, será desenvolvida uma reportagem que possibilite sua veiculação desde TV's educativas universitárias, até salas de aula;
- **Envolvimento** – Por meio de uma forma pessoal de contar a informação, o telespectador é transportado para dentro da história. Procurou-se assim, desenvolver uma narrativa que envolvesse o público alvo, formado por estudantes de graduação em Jornalismo, composto em sua maioria por jovens entre 18 e 22 anos<sup>14</sup>;
- **Superficialidade** – A TV tem um *timing*, um ritmo que torna suas informações superficiais. No entanto, há outros veículos jornalísticos com maior densidade. Respeitando o *timing* da televisão, optou-se por produzir um conteúdo mais denso nas reportagens que serão impressas e dispostas na *web*.

Para sobrepor com imagens da primeira parte do “texto escrito para ser falado”, (2) foram produzidas imagens em animação, atreladas a imagens estáticas. Recursos estes que precisam transmitir informação e emoção, e, segundo Paternostro (2006, p. 85), trazer ainda, características de ambientes de *internet* e celular, afinal, a televisão tem buscado se aliar as suas maiores concorrentes: a *internet* e as plataformas móveis. Neste aspecto, Siqueira (2012, p. 174) também discute a linguagem adequada à inovação digital ao afirmar que,

A televisão, tanto na Europa quanto no Brasil, enfrenta a concorrência da *internet* e das plataformas móveis, como o celular. Ao mesmo tempo em que passa a dividir espaço com outras mídias, tenta se aliar a elas, criando imagens gráficas e de vídeo que são semelhantes aos ambientes da *internet* e do celular.

Tendo domínio mínimo dos programas de animação como Adobe Illustrator, Adobe Photoshop e AfterEffects, e de edição, como o Final Cut, a própria pesquisadora desenvolveu o

---

<sup>14</sup>Definição da profissão de jornalista disponível em FENAJ (2012).

conteúdo para acompanhar o texto em *off*. Para realizar este trabalho, foram percorridas algumas etapas:

- 1) Etapa de construção da reportagem;
- 2) Etapa de coleta de referências, estudos de estética para definir uma que se adequasse à proposta do vídeo;
- 3) Desenvolvimento e produção de vetores para serem utilizados no VT. Sendo que, para esses vetores foram utilizados desenhos já disponíveis em bancos de imagens, como rascunhos, além de dois programas, Adobe Illustrator para vetorizar os desenhos e colorir os mesmos e Adobe Photoshop para finalizar os vetores;
- 4) Coleta de imagens para serem utilizadas como suporte para o vídeo. Onde foram utilizadas imagens de elementos como TV e jornais, personalidades importantes no contexto;
- 5) Animação dos elementos, utilizando o programa Adobe AfterEffects, para "dar vida" aos elementos, onde foram realizadas todas as animações e efeitos de pós produção, como: ajuste de cor, contraste e outros efeitos;
- 6) Com o auxílio do programa Final Cut, foi realizada a edição do áudio principal do vídeo, contendo o *off* que foi gravado utilizando a câmera Canon VIXIA HF R20 Full HD. Com o áudio já cortado e ajustado, o mesmo foi inserido no Adobe Aftereffects e sincronizado com a animação;
- 7) Finalizando o VT, foi utilizada uma trilha branca para compor o BG sonoro, dando mais dinamismo à composição.

Todo esse processo foi desenvolvido na empresa Lead! TV, com autorização da gestora, Marcelle Mosso, entre os dias 24 de junho e 29 de julho de 2014, utilizando-se de dois computadores, sendo um deles um Mac Book com o programa Final Cut, e um Notebook com os programas Adobe Illustrator, Adobe Photoshop e After Effects.

No dia 1º de agosto de 2014, o resultado de parte da reportagem foi apresentado ao professor Pedro Nunes, orientador deste estudo, e, diante de suas observações, percebeu-se a necessidade de se fazer alguns ajustes com um profissional de Motion Design devidamente qualificado, que pudesse dar um tratamento profissional ao produto. Foi então contratado o profissional Júnior Max, pelo valor de R\$ 1.500,00 (hum mil e quinhentos reais).

Em seguida, passou-se para a produção da reportagem, de acordo com a experiência e formação profissional desta pesquisadora, além da ética jornalística, e em concordância com o Manual de Jornalismo da EBC (2013, p. 36), afirma que,

O mais alto valor de qualquer empresa de comunicação é a credibilidade. Por isso, a precisão e a objetividade devem ser obstinação. O rigor com a exatidão de dados e informações é obrigatório. O repórter deve pesquisar ou se servir de pesquisas da produção sobre o fato antes de sair para a cobertura. Deve tomar conhecimento do que de mais importante tiver sido publicado a respeito e pedir orientação aos editores e pauteiros.

A Rede Paraíba de comunicação, através da Diretora de Jornalismo da TV Cabo Branco e TV Paraíba, Tatiana Ramos, autorizou as gravações para o dia 26 de agosto de 2014. Dessa forma, foi iniciado o agendamento das entrevistas com alguns personagens que compõem o núcleo de esportes, solicitação de autorização para acompanhar a equipe de reportagem durante a cobertura do treino do time de futebol profissional Botafogo da Paraíba; apuração do conteúdo e encaminhamento da pauta.

A equipe chegou à sede da Rede Paraíba de Comunicação, no bairro de Tambiá, em João Pessoa/PB, às 10h da manhã do dia 26 de agosto de 2014. Em um primeiro momento, foi feita a escolha dos cenários para a gravação das entrevistas e, em seguida, discutiu-se com os entrevistados sobre o conteúdo da reportagem, sem antever qualquer questão que seria feita. As gravações tiveram início às 12h30, quando o editor de texto, Expedito Madruga, se preparava para ir para o *Switcher*<sup>15</sup> editar o Globo Esporte ao vivo. Foi possível ainda, acompanhar os bastidores da apresentação de Kako Marques, e, ao término do programa, os dois foram convidados para realizar as sonoras que, de acordo com Siqueira (2012, p. 178), “são as falas dos entrevistados”.

Após essa primeira etapa, foi feito um pequeno intervalo para alimentação e avaliação do material, com retorno às gravações somente às 14h, quando, após conversa com o editor de texto do Globo Esporte.com Paraíba, Phelipe Caldas, foram gravadas as sonoras.

Em seguida, deu-se a saída de uma equipe de reportagem do núcleo de esportes para gravação de uma cobertura jornalística. A reportagem em questão seria a reapresentação do Botafogo. O repórter-produtor, Lucas Barros, deixou a emissora acompanhado por um cinegrafista e um assistente, munidos das seguintes ferramentas de trabalho: bloco de notas, caneta, microfone, câmera fotográfica e celular.

A produção dessa parte da reportagem foi mais densa, já que se desejava não somente acompanhar a rotina de um jornalista multifuncional com o mínimo de interferência possível, mas também, realizar as sonoras que explicitassem como ele produz o conteúdo para mais de uma plataforma. Teve-se êxito, pois, ao chegar ao local da pauta, os jogadores de futebol

---

<sup>15</sup>Local onde ficam os editores, operadores de áudio, diretores de corte. É também a mesa de corte que seleciona imagem de várias fontes, sejam elas câmeras, VTs, telecine, etc. (TUDO SOBRE TV, 2014).

ainda não estavam prontos para receber a imprensa, o que possibilitou que fossem realizadas as entrevistas, sem prejudicar o jornalista que estava fazendo a cobertura.

Retornando a Rede Paraíba, foi possível observar a metodologia de um repórter em ambiência convergente. Como ele procede para desenvolver o conteúdo integrado; qual reportagem ele escreve primeiro; como aproveita a apuração e as sonoras realizadas; em que momento escolhe a melhor foto para o portal e os melhores trechos de sonoras para a TV.

No dia seguinte foram finalizadas as imagens necessárias para cobrir a reportagem, com todos os elementos que ajudarão o público alvo a entender uma redação integrada multiplataforma. Para entender a importância dessa etapa para a reportagem, diversas conversas e orientações foram passadas ao cinegrafista Alexandre Frazão, para que ele produzisse “imagens boas, fortes e contundentes. Característica fundamental para a reportagem de TV” (PATERNOSTRO, 2006, p. 73)

Partiu-se então para a produção do texto *off* que, com clareza, encaminhe o conteúdo que será necessário transmitir. Manuais de telejornalismo contemplam orientações para a produção desse texto afirmando que “na televisão, não dá pra voltar atrás e ler de novo ou ouvir de novo. É importante pois, que o texto seja claro, direto, simples, enfim, tenha as virtudes da linguagem coloquial. A conversa com o telespectador” (REDE GLOBO DE TELEVISÃO, 1988).

Nesse contexto, Paternostro (2006, p. 73) afirma que, “se a imagem mostra, só a palavra esclarece”. Dessa forma, no texto em *off*, o repórter pode substituir a fala dos entrevistados como resultado do trabalho final de edição das reportagens, por um texto, o que foi adotado nessa produção (CARMO ROLDÃO, 2003, p. 5).

Com o otimismo de ser capaz de entregar e apresentar o primeiro produto da série de reportagens, objetivada nesse estudo, aos professores convidados a Banca de Qualificação, deu-se início ao processo de edição, entre os dias 27 de agosto e 5 de setembro de 2014.

De acordo com Paternostro (2006, p. 45), “editar é uma arte, e o tempo certo de cada reportagem depende da importância jornalística do assunto e da força das imagens”. Dessa forma, a autora citada anteriormente afirma que, editar é contar a história que foi apurada, o que é confirmado pelo Manual de Jornalismo da EBC (2013, p. 46), ao descrever que,

O editor é responsável pelo que publica. Seu trabalho não se resume em cortar, gravar, tornar mais claro, escrever melhor, apanhar erros. Cabe ao editor zelar pelos parâmetros de qualidade de áudio e vídeo, fotos, textos, gráficos e combinações de plataformas, podendo compensar a redução da qualidade pela relevância das imagens e áudios. Na esteira da produção, essa é a última etapa para se evitar o automatismo, fazer escolhas a serviço do cidadão, com o objetivo de dar-lhe uma

abordagem diferente dos procedimentos rotineiros, visando a prover-lhe de elementos que subsidiem seu discernimento e senso crítico.

Entende-se a responsabilidade crítica do editor e, mesmo tendo sido responsável pela apuração (como produtora) e pela produção do conteúdo (como repórter), foi possível escolher o melhor material em texto e imagem para que o resultado do produto fosse satisfatório e atendesse aos altos parâmetros de qualidade deste Programa de Mestrado. Dessa forma, foram utilizadas outras duas habilidades profissionais para o processo: a edição de texto (conteúdo) e a edição de imagem, através da ferramenta de edição de vídeo Final Cut Pro.

Com a reportagem para a televisão enfim finalizada, deu-se início a produção da reportagem para *web*.

#### 2.4.2.2 Reportagem para *web*

Na produção de uma reportagem para *web* surge, a princípio, a necessidade de compreender o *ciberespaço*. De acordo Nunes (2009), a terminologia compreende um “espaço híbrido de informações sígnicas que se enlaçam de forma recorrente, remetendo infinitamente para novas informações, dada a sua natureza pluritextual e sonoro-visual”. Este espaço oferece um diálogo entre diferentes mídias e linguagens, criando “um amplo tecido fragmentário” com elementos que se ligam através de escolhas deliberadas dos usuários, “onde a noção de tempo anula a noção de espaço geográfico” (NUNES, 2009, p. 219- 221).

Dessa forma, será associada, aqui, a definição de *ciberespaço à web – interface da internet* que permite as pessoas trocarem dados, textos, fotos, sons e gráficos por meio da *internet* (WARD, 2007) – por se tratar de um espaço desterritorializante, virtual. Mesmo compreendendo que alguns pesquisadores dissociam o termo da *internet*, como Canabarro e Borne (2013, p. 1), que afirmam que,

O ciberespaço é “um domínio operacional marcado pelo uso da eletroeletrônica e do espectro eletromagnético com a finalidade de criação, armazenamento, modificação e/ou troca de informações através de redes interconectadas e interdependentes” [...]. Neste sentido, as redes de telégrafo, rádio amador, telefonia fixa/móvel e televisão via satélite, os sistemas de controle de tráfego aéreo e de navegação marítima, por exemplo, configuram o ciberespaço desde muito antes da invenção da *internet*. Cada um desses sistemas técnico-tecnológicos opera segundo padrões tecnológicos e arranjos de governança distintos [...].

Mesmo compreendendo as discussões em torno das definições dos termos ligados à

*internet*, muitas vezes, que se misturam e são usados como sinônimos, é possível entender como o *ciberespaço* atual – e não o exemplificado por Canabarro e Borne (2013) – é provocado pela existência da *internet*, e se mantém no mundo virtual, mesmo quando os computadores são desligados. Nesse universo fluido e suas possibilidades, brotam ideias de simultaneidade, interação e, é claro, convergência, sendo esta a razão da indispensabilidade de conhecer a definição do termo *ciberespaço*.

A mudança na maneira com a qual se comunica e vive-se no *ciberespaço* (com acesso onipresente a informação digitalizada) é fator transformador no ofício do jornalista e, por essa razão, é preciso adaptar a maneira de fazer jornalismo, ao fato de agora a informação produzida ser também acompanhada em escala global. Tudo agora está *online*, e, segundo Ward (2007), o termo é genérico para descrever acesso, recuperação ou disseminação de informação digital.

Ward (2007, p. 5) mostra que o jornalista tem sido atormentado por uma pergunta recorrente no fazer do jornalismo *online*: como esse meio pode ser explorado para se conseguir um melhor resultado? Dessa forma,

Para o profissional, essa é uma pergunta complexa. Jornalistas de mídia impressa, rádio e televisão têm usado os valores jornalísticos básicos, conhecimentos e habilidades em seus diferentes meios de comunicação. Como fazer o mesmo para o meio *online*, tendo em vista sua extensão e alcance como um meio de comunicação?

O primeiro pensamento para responder a problemática feita pelos jornalistas, e levantada pelo autor, está diretamente relacionado com as possibilidades que o meio dá ao jornalista. O desafio de conseguir maior eficiência numa reportagem *online*, remeteu rapidamente a oportunidade do uso de *hiperlinks*, resgate de memória, textos, áudios, fotos e vídeos, além de ser possível fazer uso das linguagens *trans e crossmidiáticas*. Neste aspecto, Canavilhas (2006, p. 7) explica que essa é a grande vantagem das edições *online*, com seu espaço infinito, onde, “em lugar de uma notícia fechada entre quatro margens de uma página, o jornalista pode oferecer novos horizontes imediatos de leitura”, usando elementos multimídia.

A partir desse entendimento de extensão física da *web* e possibilidades no webjornalismo, seguiu-se a produção da reportagem propriamente dita. Onde, de acordo com Ward (2007), as etapas necessárias no processo do jornalismo para *web* – que são as mesmas aplicadas em qualquer veículo –, são:

- **Identificar** temas que podem ser de interesse do público leitor – as exigências do mercado convergente para jornalistas em formação;

- **Obter informações** para o desenvolvimento da ideia inicial – apuração de informações no Núcleo de Esportes da Rede Paraíba de comunicação, além de levantamento teórico sobre o tema e entrevistas com estudantes de jornalismo, bem como, professores e recém-formados;
- **Selecionar**, entre o material coletado, as informações de maior interesse para o público – diante da gama de informações obtidas sobre a temática, foi necessário um afinamento do conteúdo, levando para o público apenas as informações de maior valor;
- **Apresentar** a matéria com total exatidão e veracidade, com estilo e inteligência, a fim de informar – busca constante de informações da fonte, entrevistas diversas, além de pesquisas relacionadas à profissionais responsáveis por *layouts* e diagramação.

Com o assunto de interesse do público já constatado, seguiu-se o processo de coleta de informações. Em ambiência convergente, a apuração é feita em um único momento, sendo aproveitada para a produção de mais de uma reportagem, para mais de um veículo. Dessa forma, para começar a escrever a matéria para *web*, foi necessário repetir a “fórmula” praticada no grupo de mídia analisado: assim como é feito no núcleo de esportes da Rede Paraíba de Comunicação, uma única apuração serve para o desenvolvimento das quatro reportagens (TV, *web*, impresso e fotorreportagem). Portanto, antes de começar a produção, foram revistos depoimentos gravados em vídeo (para a reportagem da TV), além de anotações e conversas em redes sociais (a exemplo do Facebook e Whatsapp) feitas no processo de pesquisa exploratória e produção da série.

Partiu-se então para o processo de seleção e produção da reportagem. Neste ponto, apoiados em Ward (2007) e Canavilhas (2006), na construção da reportagem para *web*.

Ward (2007) explica que duas coisas preenchem a mente de um jornalista enquanto ele está escrevendo: as ideias e a linguagem. Para o autor, as ideias “moldam a estrutura da reportagem” e a linguagem “molda a estrutura da frase e do parágrafo”. Assim, para conseguir fazer o casamento entre ideia e linguagem, é preciso percorrer um caminho depois da apuração feita. A princípio, identificar os elementos de maior interesse; em seguida, estruturar a reportagem de maneira que esses elementos principais sejam transmitidos e, aí sim, apresenta-los de maneira que se faça o uso completo das mídias que eles estão inseridos, sem esquecer, de usar palavras de fácil acesso, facilitando o entendimento e interesse por parte do leitor (WARD, 2007, p. 111-114).

Canavilhas (2006, p. 13), por sua vez, ajuda a complementar este pensamento

afirmando, a respeito da quantidade de informações disponibilizada na *web*, que, “no *webjornalismo*, a quantidade (e variedade) de informação disponibilizada é a variável de referência, com a notícia a desenvolver-se de um nível com menos informação para sucessivos níveis de informação mais aprofundados e variados sobre o tema em análise”.

Dessa forma, levando em consideração as afirmações acima, sobre a estrutura ideal para uma reportagem na *web*, perceberam-se duas coisas no processo de seleção para a reportagem: (1) tratar o tema com uma linguagem clara e com pouca técnica, seria um desafio; (2) diante do espaço proporcionado pelo *webjornalismo* seria possível abarcar diversos assuntos relacionados à convergência jornalística, que vão desde a rotina dos jornalistas, à qualidade da informação e como o furo é tratado. Assim fez-se a opção de aproximar o leitor da história, humanizando as técnicas jornalísticas convergentes, através de exemplos de rotina jornalística, e também, através de rotinas pessoais, familiares, entre outras rotinas conhecidas, como a do malabarista no circo, ou o pai zeloso.

Enfim, é chegada a hora de compartilhar com o público. E, tão logo será discutido sobre técnicas para este fim, mas, sem deixar de lado a necessidade de entender as transformações culturais que o fazer jornalístico foram submetidas com a *internet*.

Acredita-se, como já indicado em outros trechos deste relatório, que escrever jornalismo na *web* requer mais do que técnicas jornalísticas e maneiras de usar as palavras. Destarte, Ingram (2013), analisando o discurso de Katharine Viner, subeditora do jornal britânico *The Guardian*, assinala que esse tipo de jornalismo pode ser considerado “aberto”, por que considera a audiência, aceitando que ela não recebe mais passivamente as informações. Ainda segundo o autor, esse panorama de mídia, muito se parece com a maneira antiga da sociedade comunicar fatos e checá-los antes do advento dos grandes jornais: em cafés, batendo um papo. Entretanto, agora o papo é digital.

Atualmente, já está claro que o jornalismo *online* não é uma atualização, mas sim, transformação – parafraseando o título do artigo de Ingram (2013) – é preciso ater-se, então, às técnicas necessárias para que o público tenha interesse no texto. Mas, qual técnica deve ser usada para o jornalismo aberto? Canavilhas (2006) explica que a pirâmide invertida<sup>16</sup>, reverenciada nas disciplinas de técnicas para redação jornalística no passado, deve ser deixada de lado no fazer do *webjornalismo*.

---

<sup>16</sup> “A técnica da pirâmide invertida pode resumir-se em poucas palavras: a redação de uma notícia começa pelos dados mais importantes – a resposta às perguntas O quê, quem, onde, como, quando e por quê – seguido de informações complementares organizadas em blocos decrescentes de interesse” (CANAVILHAS, 2006, p. 5).

Apesar da eficácia na transmissão rápida e sucinta de notícias, a aplicação desta técnica tende a transformar o trabalho jornalístico numa rotina, deixando pouco campo à criatividade e tornando a leitura das notícias pouco atrativa, pelo que a importância desta técnica tem sido objeto de muitas polémicas (CANAVILHAS, 2006, p-5).

Segundo Ávila (2008, p. 14-15 *apud* FRANCO, 2008), há uma nova maneira de fazer jornalismo escrito para *internet*, “exige palavras curtas, conhecidas e precisas. É uma necessidade para os textos da rede, que inevitavelmente termina sendo uma necessidade para todos os meios de comunicação”. A redação na *internet* obriga o jornalista a economizar palavras, escrevendo frases curtas “sem excesso de incisos e nem de circunstâncias”.

Por entender-se que existe uma maneira diferenciada de escrever para *web*, conforme apontado por Ávila (2008 *apud* FRANCO, 2008), e também, por não querer-se aqui, repetir o diagnóstico recorrente, que diz que reportagens de *web* são meras repetições e transposições de reportagens originalmente feitas para impresso – como apontado por FRANCO (2008) e também por BARBOSA, SILVA e NOGUEIRA (2013) – optou-se por escrever antes da reportagem do impresso a reportagem para *web*, atendendo as características, e também, com estrutura específica do *webjornalismo*.

Para tanto, decidiu-se continuar, observando as análises de Canavilhas (2006) sobre a estrutura de redação que deve ser seguida, quando o autor explica que, essa construção da notícia precisa ter seis camadas, que ele chama de “pirâmide deitada”. Serão descritas, a seguir, as etapas sugeridas pelo autor, exemplificando com a forma que a reportagem foi construída.

**A primeira camada deve conter o resumo do assunto** – na reportagem desenvolvida, a descrição do trabalho do jornalista Lucas Barros segue como exemplo da definição de convergência jornalística, assunto principal; **a segunda camada deve vir com versões alargadas de alguns dos elementos dominantes** – na reportagem, foi apresentado ao leitor, como Lucas Barros desenvolve suas reportagens convergentes; **o terceiro nível de informação, deve apresentar mais documentação, de vários tipos, sobre o assunto em análise** – na reportagem apresentou-se a cronologia de implantação de convergência jornalística na Rede Paraíba de Comunicação, além da opinião dos editores Phelipe Caldas e Expedito Madruga que desenvolvem esse trabalho; **o quarto nível de enquadramento, deve conter referências a outras investigações no campo de investigação** – na reportagem, apresentou-se outro enquadramento, com as informações dadas por Kako Marques, no que diz respeito às linguagens *crossmídia e transmídia*; **o quinto nível pedagógico, deve ter propostas para discussão do tema nas aulas** – na reportagem, foi sugerido que as

discussões sejam ampliadas para estudantes de jornalismo e professores; por fim, **a sexta e última camada, deve vir com as reações dos leitores e suas discussões com o autor.**

Outro ponto fundamental ao escrever uma reportagem para *web* é entender a *internet* como meio de publicação de notícias. O desafio de escrever de forma adequada, respeitando as linguagens próprias de cada meio e, ainda assim, contando a mesma história, provocou a pesquisadora a buscar pelo aprofundamento em técnicas e características de cada plataforma contemplada. O jornalismo *online*, por exemplo, apresenta particularidades específicas explicitadas por Ward (2007, p. 21-26) que foram consideradas na produção do texto de quatro laudas:

1. **Imediatismo** – Na *web* existe o potencial de atualizar a notícia. Em um único lugar é possível divulgar inúmeras atualizações simultâneas, minuto a minuto – assim como o autor, foi destacada aqui a palavra potencial, já que, nem todas as reportagens precisam ser atualizadas somente por que existe o potencial de atualização. Esse é o caso da reportagem “Entre malabares, liquidificadores e mimos”;
2. **Paginação múltipla** – Um *website* pode ter centenas de páginas separadas ligadas entre si, mas também, capazes de serem lidas e reconhecidas de forma isolada – dessa forma, a reportagem produzida para esta pesquisa, pode ser inserida no próprio *site* estudado;
3. **Multimídia** – Os *websites* podem oferecer texto, áudio, gráficos, animações, imagens fixas e vídeo. Assim, a multimídia pode oferecer texturas múltiplas para o jornalismo, já que, o leitor pode ver um depoimento de um entrevistado, enquanto lê o relatório do jornalista – na reportagem, buscou-se disponibilizar as fotos feitas para a fotorreportagem, além do vídeo produzido para a televisão;
4. **Arquivamento** – Possibilidade de explorar um *website* com muitos recursos de conteúdo, onde os arquivos são particularmente mais eficazes nos *sites* noticiosos. Quando a notícia deixa de ser factual, ela pode ser consultada para completar uma notícia, tornando-se fonte de busca – no texto “Entre malabares, liquidificadores e mimos”, *links* com as reportagens feitas por Lucas Barros em aspecto convergente foram disponibilizados para o leitor;
5. **Construção não linear** – As pessoas não precisam ir da informação 1, para a 2 e assim por diante. É uma rede, não uma linha – dessa forma, o público pode ver primeiro o infográfico sobre convergência, depois o vídeo, e assim se interessar pelo texto, ou pode fazer tudo ao contrário, de acordo com o que despertar-lhe

interesse;

6. **Consumo de conteúdo** – Diferente dos meios tradicionais, o padrão de consumo é controlado pelo público, não pelo provedor, por isso, é preciso repensar o texto de forma que ele possa ser lido isoladamente, ou de forma que juntos, ofereçam uma cobertura total – o texto foi produzido em subtítulos, para que o leitor faça a opção de continuar a navegação ou não, e, além disso, começar a leitura de qualquer parte;
7. **Interatividade** – Esse consumo controlado é um elemento de interatividade, que permite ao consumidor interagir com o produto. Os níveis são:
  - 1) Consumidor interagindo com o provedor: leitores que enviam *e-mails* – foi disponibilizado ao final do texto o *e-mail* da pesquisadora para sugestões e dúvidas;
  - 2) Consumidor interagindo com o consumidor – como exemplo, os fóruns de mensagens;
  - 3) Consumidor que pode se tornar provedor – vozes fora da redação se tornando confiáveis para a produção da notícia;
8. **Lincagem** – Possibilidade de, através de *links*, direcionar o leitor a fonte principal da notícia.

Diante do exposto, foi sentida a necessidade de se deter às características multimídia e arquivamento da *web*. A oportunidade de poder divulgar as outras reportagens produzidas para esta série em um único lugar foi recebida com grande entusiasmo, diante do acesso fácil e potencial didático da *internet*. Por conta desta característica do jornalismo *online*, é possível proporcionar aos estudantes de jornalismo, que a reportagem apresentada seja complementada através de vídeo e fotos sobre o tema. **O primeiro passo** foi disponibilizar a reportagem produzida para exibição na televisão; **o passo dois**, a fotorreportagem através de slide show. Já a característica de arquivamento, facilita na construção da reportagem, com a visualização do produto final desenvolvido por um jornalista convergente, Lucas Barros. Assim, o leitor pode clicar no *link* e ver o resultado final da prática convergente explicada e exemplificada no texto da matéria.

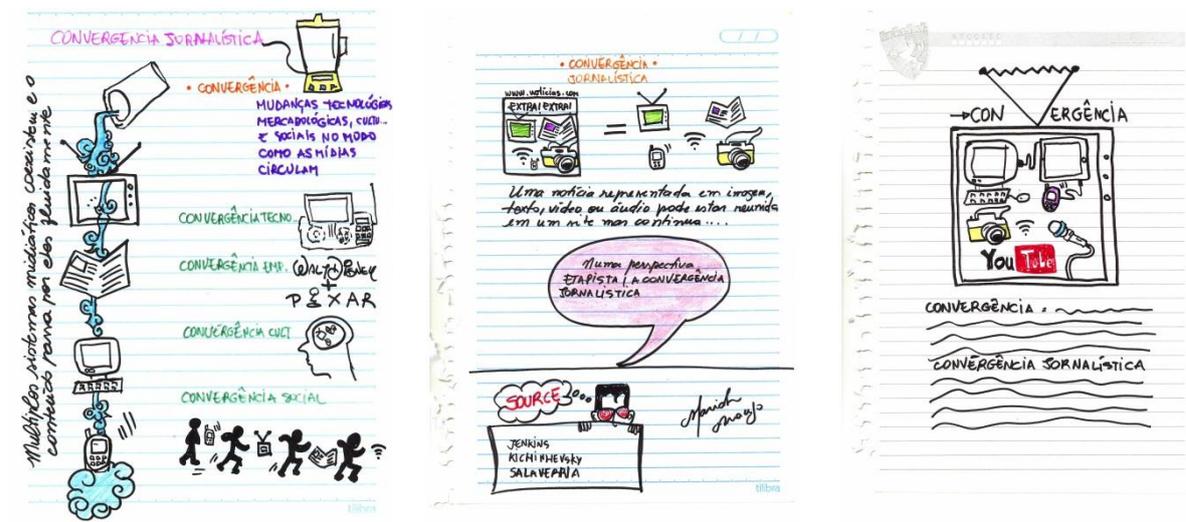
Ainda sobre a forma de apresentação, se faz necessário acrescentar e destacar a infografia como um modelo narrativo apropriado à estética do *webjornalismo*, e, por isso, foi usado no produto jornalístico que está sendo relatado.

O infográfico existe desde que se decidiu informar, através de uma imagem alusiva, a notícia. No jornalismo impresso é usado para dar maior clareza a uma informação densa no texto. Já na *web*, ele aparece de duas maneiras, “como informação complementar de uma

notícia, geralmente servindo de ilustração para o texto, ou como a própria notícia, a informação principal, o que ainda ocorre em poucos casos” (RIBAS, 2004, p. 2).

Na reportagem “Entre malabares, liquidificadores e mimos”, construída como parte da série de reportagens a que resulta esta pesquisa, optou-se por desenvolver um infográfico que traduzisse em imagens o texto descritivo, com definições acadêmicas, de maneira leve e atraente. Um esboço foi desenvolvido para a apresentação ao *designer* contratado, conforme apresentado nas figuras abaixo,

Figura 4 – Esboços



Fonte: Autoria própria (2015).

Segundo Ribas (2004), a estrutura ideal básica de um infográfico deve conter título, corpo e fonte, e responder as questões básicas de construção da notícia, além de conter elementos de narração. O título precisa informar o que tem no quadro, no caso desse produto jornalístico “Convergência Jornalística”; e o texto deve ser explicativo. No infográfico, foram escritas as definições necessárias para compreensão da notícia; o corpo é a própria informação visual – os desenhos que fazem alusão à convergência; a fonte que garante a veracidade da informação –, como o público é composto de estudantes de comunicação, a fonte é de pesquisadores do tema (LETURIA, 1998; BORRÀS & CARITÀ, 2000 *apud* RIBAS, 2004, p. 3).

Uma vez produzido o texto, e o infográfico roteirizado, e, nesse processo, fazendo a utilização de recursos de *hiperlink* e memória, se fez necessário à contratação de um técnico que fizesse a diagramação do conteúdo, além da produção do infográfico necessário para compor a reportagem. Diante da demanda e pesquisa orçamentária, Júlio César, Diretor de

Arte da Agência de Propaganda TagZag, em João Pessoa, foi contratado para desenvolver o *layout* técnico da reportagem, afinado a direção e esboço realizados por esta pesquisadora. O processo foi feito durante o mês de dezembro de 2014, e foi discutido através de *e-mails* e conversas informais via *Whatsapp*, tendo um custo de R\$ 500,00 (quinhentos reais).

Com a reportagem escrita, editada e diagramada, partiu-se então para a produção da reportagem para impresso.

#### 2.4.2.3 Reportagem para impresso

O título da reportagem para jornal impresso, “A TV não está morta”, apresenta o tom objetivado na construção desta matéria. A ideia é seguir na discussão sobre o conteúdo das notícias em redações convergentes, mas, destacando que os meios de comunicação tradicionais sobrevivem ao interesse e acesso crescente à *internet*, e, conseqüentemente, diante dessa permanência, a figura do jornalista se faz importante, no entanto, “reciclada”.

A decisão de abordar subtemas ainda não explorados foi mais fácil, dessa vez, por conta das descobertas durante a execução da reportagem para *web*. Dessa forma, percebeu-se que, tratar de um jornalista que precisa se atualizar para o mercado, trouxe a tona outra questão que ainda não tinha sido abordada nas reportagens anteriores: como as escolas de comunicação encaram as novas exigências de um mercado de trabalho convergente – o que também atende as inquietações que motivaram esta pesquisa.

Voltando ao título da matéria, optou-se por explicar para o público as mudanças que a *internet* e as tecnologias causaram na forma de manter-se informado – discutido por teóricos, já apresentados aqui – de maneira prática, humanizando a rotina da audiência através da personagem, e embasando essas práticas com dois estudos divulgados sobre hábitos de consumo de mídia da população brasileira: TNS Brasil (2014) e IBOPE (2014).

A pesquisa da TSN Brasil mostra que no mundo, 76% dos internautas assistem exclusivamente à TV na hora do jantar, sem usar outros dispositivos. No entanto, se forem observados os outros momentos do dia, a TV convive com outras atividades simultaneamente, é a chamada audiência “multitelas”, e o Brasil segue no mesmo fluxo. O outro estudo utilizado na matéria mostra que, o brasileiro está bem mais conectado, todavia, quando o assunto é credibilidade, ele confia mais nos veículos tradicionais de comunicação. 58% dos entrevistados confiam muito nos jornais, 54% na TV e 52% no rádio.

Estas pesquisas se tornaram relevantes para apresentar ao estudante de jornalismo, um cenário em que a profissão não está desacreditada pelo público, mas, por conta da forma que

esse mesmo público consome notícia, tudo precisa ser ajustado, adequado. Ou seja, com os meios de comunicação de massa tradicionais funcionando a todo vapor, o jornalista precisa reciclar conhecimentos, e até assumir novas funções.

Essa discussão acerca da ressignificação da profissão de jornalista é apontada na matéria, explicando inicialmente, o que está acontecendo culturalmente com a forma de consumir conteúdo – assim, mais uma vez, como na reportagem para TV e *web*, está se definindo convergência –, e, posteriormente, levar-se-á o debate a outros pontos ainda não abordados, levantando como o jornalista antigo lida com as mudanças na profissão, como o jornalista recém-formado se adapta, e como os professores do ensino superior entendem essa maneira de trabalhar.

Durante o curso da produção dessa matéria, foi essencial seguir com a metodologia de legitimar a forma da escrita, através da fundamentação teórica procedente de manuais de jornalismo.

Para escrever sobre um tema tão específico, voltado para um público também segmentado, é preciso compreender duas coisas no universo jornalístico impresso: o que é informação jornalística e o que é a reportagem especializada.

A primeira questão é respondida em uma definição objetiva de Lage (2001, p. 112), que explica que a informação jornalística, onde o gênero reportagem está inserido, vai além da notícia: “é a exposição que combina o interesse no assunto com o maior número possível de dados, formando um todo compreensível e abrangente”.

Dessa forma, entende-se que, para atender a essa proposição, era necessário:

- Mostrar ao leitor dados relacionados ao tema – Nesse caso, foram apresentadas as pesquisas TNS e IBOPE, além de definições de convergência;
- Mergulhar o público em mais de um aspecto do universo da convergência – Foram apresentados personagens em todos os níveis da temática: a) Tereza Rosália, que consome jornalismo convergente; b) Phelipe Caldas e Lucas Barros que fazem jornalismo em ambiência multiplataforma; c) Agda Aquino e Marcelo Rodrigo, professores de dois tipos de instituição (pública e privada), que preparam estudantes para o mercado de trabalho convergente.

A reportagem, gênero do jornalismo impresso, que tem o propósito de informar o leitor sobre algum tipo de acontecimento, “procura tratar o assunto de forma exaustiva, segundo o ponto de vista adotado e em profundidade” (SIMÃO, 2009), e pode ser voltada para um público específico. Segue-se então com as definições de Lage (2001) acerca da

segunda questão a ser levada em consideração nesse momento, que é a reportagem especializada.

Diferente da notícia que é uma apresentação do rompimento ou mudança na ocorrência normal dos fatos, a informação jornalística tem espaço privilegiado na reportagem especializada, que se destina a um público mais ou menos heterogêneo. Ou seja, nesses casos, é possível aproveitar um espaço maior, dar explicações mais trabalhadas e, até mesmo, usar termos conhecidos apenas por aquele público. Uma comunidade específica (nesse caso estudantes de jornalismo) tem interesse não só no acontecimento jornalístico (as pesquisas, por exemplo), mas também, nos aspectos mais técnicos relacionados à notícia, como as técnicas de trabalho, que estão presentes nas explicações de Phelipe Caldas, sobre as competências que o jornalista adaptado para o ambiente multiplataforma precisa ter, e de Lucas Barros, sobre como aprendeu a desenvolver essas técnicas (LAGE, 2001, p. 113).

Seguindo um modelo etapista, para que seja possível visualizar melhor a produção da reportagem “A TV não está morta”, é preciso considerar a pauta. Lage (2001) atribui dois significados no universo jornalístico: ao planejamento de uma edição, ou, a cada item desse planejamento, atribuindo a informação e a notícia ao repórter. No caso do estudo em questão, utilizou-se a pauta nos seus dois sentidos, tanto para planejar toda a série de reportagens, compreendendo sua relevância, quanto para levantar todas as informações relacionadas ao tema, a abordagem que seria dada, os profissionais que deveriam ser entrevistados, etc. (LAGE, 2001, p. 35-47).

Este processo, como já apontado, misturou-se, de certa forma, à pesquisa exploratória, como observação direta e indireta. Também se observa que o processo de apuração e pesquisa foi semelhante à construção das demais reportagens, tendo em vista que, a apuração foi feita de maneira única para o desenvolvimento das quatro reportagens.

Durante a definição da pauta, e do que seria abordado, também se fez necessário levar em consideração a questão “espaço”, que no jornal é finito, mesmo considerando-se uma reportagem especializada, como apontado por Canavilhas (2006, p. 7), ao afirmar que,

Nas edições em papel o espaço é finito e, como tal, toda a organização informativa segue um modelo que procura rentabilizar a mancha disponível. O jornalista recorre a técnicas que procuram encontrar o equilíbrio perfeito entre o que se pretende dizer e o espaço disponível para o fazer, pelo que o recurso à pirâmide invertida faz todo o sentido. O editor pode sempre cortar um dos últimos parágrafos sem correr o risco de cortar o sentido à notícia.

A técnica da “pirâmide invertida” citada acima se refere à estrutura da informação

numa sequencia “que coloca a principal informação no primeiro parágrafo e cada parágrafo seguinte vai perdendo cada vez mais a sua relevância” (SIMÃO, 2009). Na reportagem, foi destacado no início, que os brasileiros ainda consideram os meios tradicionais de comunicação, mesmo com a *internet* crescendo em larga escala. Seguindo a construção da pirâmide invertida, no caso do produto apresentado, mesclou-se a notícia (pesquisas apresentadas) com entrevistas, que também foram tratadas como notícia, e, “neste caso, o procedimento é o mesmo quando se faz o resumo noticioso de um documento” (LAGE, 2001, p. 84), selecionam-se das proposições mais relevantes para as menos relevantes ao que se quer passar, como tema central da reportagem, intercalando as informações ambientais (quem, que, quando, onde, por que, para que e circunstâncias eventuais), procurando alternar o discurso direto e indireto.

Assim, as entrevistas usadas para compor a matéria também foram consideradas em ordem de relevância (a primeira fala de Phelipe Caldas, sobre como o jornalista deve se portar nesse ambiente transformado), já que o assunto principal trouxe a tona, a permanência do interesse da audiência em veículos tradicionais, que remete também ao fato de, os jornalistas ainda serem considerados, quando o assunto é informação, mesmo que acontecimentos sejam divulgados por pessoas que estão na *web*, mas não são jornalistas.

Simão (2009) apresenta outras etapas que se seguem a apuração e pauta:

- Um roteiro com as pessoas que serão entrevistadas deve ser definido – nessa reportagem, mesmo com a apuração já feita e grande parte das entrevistas, se fez necessário ainda, aprofundar a temática, através de conversas com dois professores de escolas de comunicação em João Pessoa (contexto onde o projeto está inserido), que se deram através de duas redes sociais digitais: Skype e *messenger* do Facebook, diante do fato da pesquisadora residir em Recife/PE, dificultando o diálogo presencial;
- Todos os documentos e material devem ser atentamente analisados – fez-se a análise dos dados e gráficos disponibilizados nos *sites* pelas fontes das pesquisas, TNS e Secretaria de Comunicação da Presidência da República, além de rever as gravações dos depoimentos dos entrevistados;
- Guardar sempre os contatos de quem foi entrevistado, pois pode ser necessária uma nova abordagem – todos os entrevistados foram contatados em mais de um momento.

Segundo Simão (2009), a estrutura da reportagem tem três partes distintas: o título, o *lead* e o corpo da matéria. Dessa forma, o título tem o objetivo de chamar atenção à notícia, e ainda assim, resumi-la. Acredita-se que o título “A TV não está morta. Nem o rádio, nem o

jornal e nem o jornalista”, atinge o objetivo, por chamar atenção, ao remeter ao título do longa “Deus não está morto” (2014), e também, por resumir o que será tratado na reportagem.

É preciso ainda considerar o *lead*, citado acima. Neste ponto, Erbolato (1991) enumera os *leads* em 12 tipos: **clássico**, integral, com a noção completa do acontecimento; **simples**, referindo-se apenas a um acontecimento principal; **composto**, com vários acontecimentos importantes logo na abertura; suspense ou **dramático**, que provoca emoção ao leitor; **flash**, que é uma nota breve sobre um fato; **resumo**, que se assemelha muito ao clássico; **citação**, que como o nome já diz, transcreve um pronunciamento; **contraste**, criando contraponto, revelando acontecimentos antagônicos; **chavão**, com *slogan*; **documentário**, conta a história utilizando elementos que podem servir de documento histórico; **pessoal**, que fala diretamente a quem lê; e **não noticioso**, sendo feita a narração de um fato que vai levar o leitor ao ponto central da história. Sendo esse último, o utilizado na reportagem para impresso que está sendo apresentada como parte do produto final deste estudo. Assim, observe: “Tereza Rosália parou na banca, comprou o jornal e sentou no banco da praça”, foi narrado um fato cotidiano, para que o leitor seja inserido no aspecto principal da história, que são os meios de comunicação tradicionais, convivendo, simultaneamente, com a *internet* e suas tecnologias.

No corpo da reportagem, além do fato que motivou aquela discussão, toda uma ambiência e narrativa deve ser criada para envolver o leitor. Assim, Simão (2007, p. 29) relata que, “ao contrário de uma notícia que deve ser somente informativa, uma reportagem exige uma linguagem mais descritiva e narrativa”. Por isso, mais do que contar a história da personagem Tereza Rosália, intencionou-se conduzir o leitor a uma redação integrada, multiplataforma e ambientá-lo com profissionais que fazem jornalismo convergente. Para encerrar a narrativa, foi trazida ao texto, a opinião de professores universitários, que observaram o mercado de trabalho e puderam acrescentar um olhar ainda não discutido em torno da temática.

Assim como na reportagem para *web*, após a finalização do texto, foi preciso contratar um especialista que fizesse a diagramação do conteúdo, além da produção do *box* utilizado para compor a reportagem. Dessa forma, foi contratado o mesmo profissional que desenvolveu a reportagem da *web*, para fazer a diagramação da reportagem impressa, Julio César, Diretor de Arte da Agência de Propaganda TagZag em João Pessoa. O processo foi feito durante o mês de janeiro de 2015, e foi discutido através de *e-mails* e conversas informais via *Whatsapp*.

Com a reportagem escrita, editada e diagramada, partiu-se então para a produção da fotorreportagem.

#### 2.4.2.4 Fotorreportagem

Como já discutido, os consumidores nunca tiveram tanta escolha de mídia, canais e dispositivos para ter acesso à informação, quanto nos dias de hoje.

Nesse contexto, Longhi (2010, p. 2) afirma que,

A figura do consumidor é reconceitualizada com a convergência; a partir dele, agora também um criador de conteúdo, as organizações de mídia orientam seus modos de produzir, disponibilizar e veicular a notícia, e esse é um dos impactos da convergência sobre o produto noticioso.

Entende-se então que, quando a autora se refere a produto noticioso, compreende todos os gêneros jornalísticos, afinal, a presença de narrativas jornalísticas multimídia também mudou a forma de se fazer fotorreportagem, gênero em destaque nesse tópico. A reportagem em fotografias, especificamente, ganhou destaque com as transformações da convergência jornalística, uma vez que, a principal plataforma de veiculação do jornalismo convergente, a *web*, proporciona a possibilidade de exibir várias fotografias sem limitação de espaço ou perda de qualidade.

Essas narrativas com imagens, hoje usadas à exaustão nos *sites* noticiosos, reúnem características que foram desenvolvidas ao longo da história do fotojornalismo. A fotorreportagem surgiu das teorias de fotojornalismo no impresso e é, segundo SOUSA (2002, p. 127), “um gênero fotojornalístico em que uma série de imagens se integram num conjunto que procura constituir um relato compreensivo e desenvolvido de um tema. Nesse relato, as imagens devem mostrar as diversas facetas do assunto a que se reportam”.

Nesse aspecto, SOUSA (2002, p. 127) afirma que, a fotorreportagem pode ser uma única foto registrando um acontecimento, ou várias fotos, que também pode ser chamado de foto-relato.

Essas características tradicionais do gênero, com estruturas previamente estabelecidas, são reconhecidas e ressignificadas na atual prática do fotojornalismo na *web*. Dessa forma, Longhi (2010, p. 6) afirma que esses procedimentos congregam com os novos modos de apresentação e “são reconhecidos por autores e público receptor e respondem, ainda, a necessidades de comunicação específicas do *webjornalismo*”.

Dessa forma, a estrutura já existente das *picture stories* (outro termo que corresponde a fotorreportagem), hoje pode ser apresentada, não somente com as fotos diagramadas em sequência, como se costuma fazer para impressão, mas também, através de *slideshows* em

páginas na *web*, como demonstrado na figura a seguir.

**Figura 5 – Portal Globoesporte.com Paraíba**



Fonte: Reprodução Globo Esporte (2014)<sup>17</sup>.

O *slideshow*, representado na figura, e comumente usado em *websites*, é uma forma de apresentação das histórias fotográficas na *web*. Para Longhi (2010), o *slideshow* remodelou a forma de se fazer fotorreportagem, o que criou um novo gênero herdeiro do jornalismo impresso, com tratamento mais aprofundado, e tendo um único núcleo temático que pode ser chamado de intermídia. Segundo a autora (2010, p. 6),

Tal mescla de linguagens, proporcionada pelo ambiente hipermediático da *web*, faz com que as fronteiras anteriormente registradas entre esses modos de representação tornem-se difusas, e aponta para o surgimento de uma nova linguagem, que pode ser definida como intermídia.

Por conta desse grande destaque do fotojornalismo no jornalismo convergente, foi desenvolvida uma fotorreportagem que documentasse a rotina de um jornalista realizando uma matéria para mais de uma plataforma de comunicação. Para Sousa (2002), o passo seguinte à escolha da temática requer o aprofundamento no assunto, “o que se joga nesta fase é, sobretudo, a capacidade de entendimento do que está em causa”. Esse entendimento e preparação foram sendo proporcionados, durante todo o processo de construção desse projeto, desde a pesquisa bibliográfica, até toda a apuração feita para discutir em teoria e prática.

<sup>1714</sup>No Globoesporte.com pb, a fotorreportagem é apresentada no formato *slideshow*, e também conta com algumas fotos principais diagramadas em meio a reportagem (GLOBO ESPORTE, 2014).

As imagens do jornalista Lucas Barros, integrante do Núcleo de Esportes da Rede Paraíba de Comunicação, foram captadas em dois dias diferentes. Na primeira vez, ele produzia as reportagens sobre a reapresentação do Botafogo da Paraíba, no dia 26 de agosto de 2014, acompanhada por esta pesquisadora e também usada na produção das outras matérias que compõem a série de reportagens sobre a convergência jornalística, processo já citado anteriormente neste relatório. No segundo momento, em 14 de janeiro de 2015, o jornalista Lucas Barros conduzia uma reportagem sobre o goleiro paraibano de futsal João Neto.

Como o primeiro dia de captação da fotorreportagem já foi mencionado anteriormente faz-se necessário relatar o segundo dia de captação das imagens, quando a equipe acompanhou o jornalista Lucas Barros em uma reportagem que já foi planejada com a proposta de ser veiculada em mais de uma plataforma de circulação. A matéria faz parte do quadro “Expresso Paraíba”, que mostra paraibanos que fazem sucesso fora do Estado. A equipe da pesquisa chegou à sede da Rede Paraíba de Comunicação, no bairro de Tambiá, em João Pessoa/PB, às 09h da manhã, onde juntou-se a equipe de reportagem e partiu para o endereço da pauta, no bairro do Jardim Luna, também na capital. O repórter-produtor, seguiu para a produção dessa reportagem com cinegrafista e assistente, munidos de seus devidos instrumentos de trabalho: câmera fotográfica, celular, microfone, caneta e bloco de notas.

Em duas horas, Lucas Barros montou o cenário para as entrevistas, deu palpites na iluminação, aqueceu as entrevistas com os personagens, observou na videocâmera o enquadramento, tirou fotos e entrevistou 3 pessoas. É importante perceber que essa reportagem foi feita em um ritmo diferente da anterior, que foi possível documentar nessa pesquisa. Por ter sido planejada, e por não ser um “factual”, ela pôde ser mais bem desenvolvida, tanto na produção e desdobramento, quanto na captação. Phelipe Caldas, editor do Núcleo de Esportes, explicou que algumas reportagens conseguem ser feitas dessa forma, com tempo, planejamento e muita pesquisa. Ele também afirmou que, quando uma reportagem é especial como esta, “mais bem trabalhada”, todo um “segredo” é feito em torno da matéria para não dar dica à concorrência.

De volta a sede da Rede Paraíba, foi possível observar o produtor-repórter fazer os primeiros esboços da matéria que seria veiculada na *web*, quando, a partir daí, ele separou as melhores sonoras feitas, e começou a escrever o *off*, que só seria finalizado dias depois com imagens do goleiro João Neto cedidas pela afilada da Rede Globo no Paraná, RPC.

Aqui se faz importante destacar o tempo usado para a produção dessa reportagem. Como afirmado por Phelipe Caldas, esse tipo de reportagem especial foi feito em um tempo

diferente do jornalismo diário movido pelas notícias factuais. O que remete diretamente a produção dessa série de reportagens em ambiência convergente.

Já sabia-se, em princípio, desde as primeiras discussões em sala de aula, quanto no processo de orientação com o professor Pedro Nunes, que o desafio de produzir a série estava diretamente ligado à transformação da linguagem e complementação de conteúdo, que no dia a dia de uma redação é feito em questão de horas, e, por esta pesquisadora seria desenvolvido em meses. Sendo assim, dificilmente como pesquisadora, seria possível vivenciar a experiência de um jornalista convergente com as mesmas pressões de tempo de quem atua no mercado de trabalho com essas características. No entanto, acompanhar o processo de produção dessa reportagem específica do quadro “Expresso Paraíba”, mostrou outro lado de uma redação integrada, onde as reportagens podem ser trabalhadas com tempo, afinco, e respeitando as linguagens dos meios, adequando a cada plataforma, o que precisa e quer ser dito, escrevendo e reescrevendo as reportagens, afinando o texto, as imagens, etc.

Diante das análises já elaboradas e das críticas feitas a esse modelo empresarial, profissional e de conteúdo imposto pela convergência jornalística, percebe-se com surpresa o entusiasmo de Lucas Barros em fazer uma reportagem especial que será distribuída em mais de um veículo. De fato, o jornalista que acabou se tornando o personagem principal dessa pesquisa, por sempre estar fora das redações produzindo esse “novo” jornalismo, mostra grande entusiasmo em torno da prática, que para muitos, pode ser apenas uma característica dos profissionais recém-formados, mas que também, foi percebido nos outros jornalistas que estão se reciclando, como Phelipe Caldas, Expedito Madruga e Kako Marques.

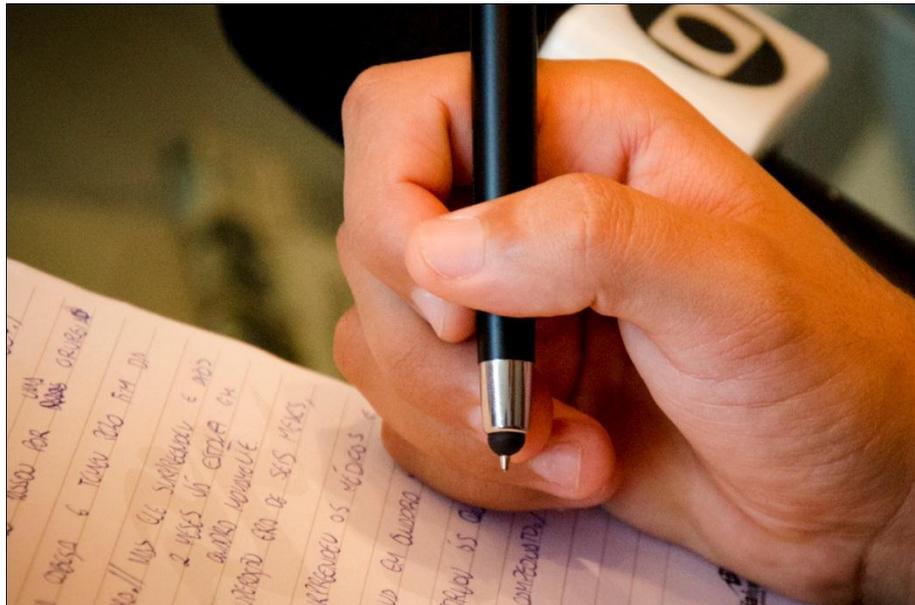
Voltando ao processo de construção da fotorreportagem, na sua definição tradicional, reúne normalmente cinco tipos de fotografias: (1) planos gerais totalizantes que mostram os principais elementos significativos; (2) planos médios e de conjunto das ações principais; (3) grandes planos e planos de pormenor de detalhes significativos; (4) retratos dos personagens; e (5) fotografia de encerramento (SOUSA, 2002, p. 129). Na narrativa aqui desenvolvida, verifica-se o uso desses planos, objetivando fortalecer a narrativa, como apresentado nas figuras a seguir:

**Figura 6 – Plano geral**

Fonte: Acervo próprio, 2015.

**Figura 7 – Plano médio**

Fonte: Acervo próprio, 2015.

**Figura 8 – Detalhe**

Fonte: Acervo próprio, 2015.

**Figura 9 – Fotografia de encerramento**

Fonte: Acervo próprio, 2015.

**Figura 10 – Fotografia de encerramento**



Fonte: Acervo próprio, 2015.

Com as fotografias produzidas, parte-se para o processo de pós-produção, que vai além da edição das imagens e engloba a apresentação das mesmas. Andrade e Silva Júnior (2010) afirmam que, as mudanças causadas pelo estabelecimento da *web 2.0* no universo da produção jornalística, transformaram também, a forma do público consumir as fotorreportagens. Os autores explicam um cenário em que é denotado ao leitor o papel de agente passivo, pois, em sua maioria, os *slideshows* limitam a compreensão à simples observação das imagens. Hoje, aplicativos e *softwares* permitem a criação de *slideshows* apenas com a introdução das imagens escolhidas e sem qualquer dificuldade específica.

O fotógrafo, no mercado de trabalho, passa a ser “um analista e construtor de sistemas que integra as tecnologias fotográficas com as digitais, em um mundo que é totalmente binário no que diz respeito à produção, tratamento e circulação de imagens” (ANDRADE & SILVA JÚNIOR, 2010, p. 1-3). No entanto, apesar de reconhecerem a autonomia que o fotógrafo pode ter em relação ao mercado de trabalho, os autores criticam alguns modelos adotados por grupos de comunicação, onde os *slideshows* não possuem texto descritivo que apresente sentido a fotorreportagem, o que vem empobrecendo o gênero.

Por conta do exposto, em concordância com os autores acima citados, quando se referem à qualidade da fotorreportagem no *webjornalismo*, optou-se por apresentá-la em *slideshow*, mas, com características semelhantes à fotorreportagem tradicional, com texto de abertura. De acordo com Sousa (2002), esse texto “de uma forma geral, serve, principalmente para orientar a leitura das imagens, embora também as complemente”. Ao contrário de uma

foto-ensaio, a ideia da fotorreportagem não é marcar uma posição ou ponto de vista, elas apresentam fatos, contam histórias e “vivem, sobretudo, ou de fotolegendas (uma por fotografia) ou, em alternativa, de pequenos textos (geralmente introdutórios) que não se conjugam com uma imagem em particular, mas sim, com todas as imagens da peça” (SOUSA, 2002, p. 131-132).

Sendo assim, o texto utilizado na fotorreportagem deste estudo, foi produzido em janeiro de 2015. A edição das imagens foi feita gentilmente pela fotógrafa Laura Lorenzoti, e o desenvolvimento do *slideshow* por Luiz Humberto, *webdesign* do Sistema Correio de Comunicação, ambos sem a cobrança de encargos.

### 2.4.3 Aplicabilidade do Produto

A reformulação do jornalismo, associada à convergência, trás consigo questões que atravessam as facilidades de acesso à informação, a tecnologia, a *internet*, ao mercado de trabalho e a linguagem, e caem, diretamente, nos bancos das escolas de Comunicação Social.

Segundo Canavilhas (2011, p. 13), com a convergência jornalística, três alternativas se desenharam, para que o setor da informação tivesse em seu quadro de funcionários, jornalistas convergentes. Os cursos técnicos, a autoaprendizagem em contexto de trabalho, e uma terceira opção, que “foi, recrutar jovens licenciados na área da comunicação, mas, as escolas também foram surpreendidas pela forma célere como o digital se impôs no setor e não tinham respostas para o mercado”. As mudanças no currículo das graduações, com a introdução de disciplinas ligadas à inovação tecnológica, e ao jornalismo convergente, “foi mais lenta do que a digitalização dos meios de comunicação, criando-se um desfasamento entre as necessidades do mercado e a oferta formativa deste grau de ensino”.

Calvo, Corpus e Lozano (2011, p. 38-39) apontam que as universidades precisam adaptar seus planos de estudos. É preciso desenvolver no estudante um pensamento crítico em relação às possibilidades da digitalização da informação, atualizando e renovando periodicamente essa discussão e, não somente acrescentando o ensino das tecnologias disponíveis.

Por essas razões, esta pesquisa buscou desenvolver um produto com a intenção de contribuir com o componente formativo das escolas de comunicação. Criou-se assim, uma série de reportagens para ser aplicada em espaços formais de ensino, e dessa forma, se aspira cooperar com a atualização do ensino do jornalismo e, conseqüentemente, da prática profissional. Pretende-se auxiliar, não com conhecimentos instrumentais tecnológicos que a

convergência jornalística impõe, e sim, os ajudando a repensar conceitos fundamentais que estão sendo readaptados com a nova realidade profissional.

A série de reportagens “Muitos meios, um só jornalista” se propõe a apresentar às escolas de comunicação, reportagens que são, ao mesmo tempo, uma experimentação de jornalismo convergente, e ainda, uma opção didática sobre a convergência jornalística.

Navegar nesse universo de natureza teórico-aplicada trará ao estudante uma experiência que ultrapassa o ensino tradicional proporcionado pelos livros, porque apresenta como produto jornalístico, a maneira a qual o mercado de trabalho se prepara para recebê-lo. Assim, é necessário acrescentar ainda, que o público alvo terá a oportunidade de acompanhar a rotina de uma empresa de comunicação que tem um modelo convergente.

O resultado, aqui apresentado, é fruto, não somente de uma observação própria desta pesquisadora, mas também, da prática profissional que a envolve e seus interrelacionamentos. Além disso, o produto final revela o compromisso na difusão do conhecimento, aliado a dinâmica de elaboração da pesquisa e reflexões teóricas. Dessa forma, se acredita que o produto apresentado abre caminho para outras proposições não somente didáticas, mas que, quando apresentadas ao mercado de trabalho, confirmam uma melhoria da qualidade técnica e teórica dos modelos praticados.

Acredita-se assim, cumprir a finalidade prevista por este Programa de Mestrado Profissional, unindo a pesquisa teórico-prática ao mercado de trabalho e ao ensino, não só analisando e identificando modelos e perspectivas, como também, a partir de pesquisa de referencial teórico e prática profissional, contribuindo diretamente com as discussões em torno da temática. Discussões estas, que giram tanto em torno do aspecto científico, quanto do aspecto prático, pois, a partir desse produto, o estudante pode se apropriar do conhecimento compilado, formando assim, um senso crítico sobre a convergência e suas interações.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme explicado no decorrer do estudo, a tecnologia, a digitalização da informação, e as habilidades multitarefas e colaborativas do público reconfiguraram a produção e transmissão da notícia, transformando a prática jornalística.

Baseada na revisão bibliográfica e observação de modelos convergentes, esta pesquisa experimentou os processos de produção de discursos transmidiáticos, voltados para uma ambiência convergente, pela via da elaboração de reportagens multiplataformas didáticas que apresentam a introdução e o impacto da nova “onda” convergente no Núcleo Integrado de Esportes da Rede Paraíba de Comunicação. Dessa forma, por ser uma pesquisa de natureza teórico-aplicada, além de produzir conteúdos para diversas plataformas- respeitando as linguagens de cada meio, que é uma das questões significativas desse tipo de produção- este estudo conta a história da implantação de um processo, procurando compreender na experimentação, as questões relacionadas ao fazer, descrevendo a prática para que outros futuros profissionais entendam e pensem processos jornalísticos de produção de notícias convergentes.

Nosso trajeto, finalizando a pesquisa e produção de um produto convergente, está abalizado por etapas que necessitam ser indicadas. A primeira delas está relacionada às correspondências que foram feitas entre os conceitos e modelos de redação convergentes já existentes, com o que está sendo experimentado no núcleo de esportes em estudo. Num segundo momento, na busca de desdobrar as múltiplas questões que envolvem a cultura da convergência no jornalismo, apresentou-se (baseados nas análises feitas ao longo deste estudo e na produção do produto ao qual resulta esta pesquisa) a compreensão de convergência jornalística; e finalmente, fechamos esta incursão, com uma ponderação crítica sobre a prática de jornalismo convergente.

Fazendo um paralelo com a revisão bibliográfica, percebem-se, na análise do núcleo em estudo, padrões, e também desvios em relação aos modelos de convergência jornalística. Como padrão, pode-se começar pela polivalência funcional, onde o jornalista convergente apresenta característica multitarefa. Garcia Áviles e Salaverría (2008), Scolari (2008), Barbosa (2009). Kischinhevsky (2010), entre outros pesquisadores, apontam como atributo da convergência jornalística, a polivalência funcional, fato confirmado no Núcleo Integrado de Esportes estudado. Em verdade, os jornalistas que compõem o Núcleo, praticamente, só enxergam esse aspecto da convergência, o da polivalência, como se a implantação do modelo só significasse que eles trabalham equilibrando ferramentas e fazendo o cruzamento de mídias com a expansão do conteúdo, ou seja, sendo *platformagnostic*.

Outra questão que é apontada como aspecto fundamental para a convergência, e que é característica do Núcleo, diz respeito à narrativa transmidiática. Jenkins (2008) apresenta esse tipo de narrativa no entretenimento, conferindo a seu significado o desdobramento de conteúdos, mostrando assim, uma narrativa tão interessante e rica, que não consegue se encerrar em uma única mídia. Pernisa Júnior (2010), Martins e Soares (2011), Scolari (2011) e outros estudiosos, posicionam esse tipo de narrativa na convergência jornalística, colocando a transmídia como etapa natural de qualquer processo convergente. No Núcleo estudado, os jornalistas consideram a narrativa transmidiática (histórias que caminham de um meio de comunicação para o outro, acrescentando conteúdos, mas também existindo de forma separada) como a única opção de sucesso e qualidade dessa forma de passar a informação para o público, o que confirma mais um padrão.

No quesito desvio, apontam-se duas características: a redação integrada e a polivalência como fator negativo. Discutindo, em princípio a redação integrada, em alguns modelos apresentados na pesquisa, como O Globo, *New York Times* e Clarín, existem na convergência jornalística, uma redação que esta pesquisadora passou a chamar de redação “fisicamente” integrada. O “fisicamente” foi incluído, pois foi observada no Núcleo de Esportes, uma redação que é apenas “virtualmente” integrada. A editoria de esportes da Rede Paraíba de Comunicação, sendo considerado um núcleo convergente, executa parte do processo de trabalho, das discussões de pauta, observações a respeito das reportagens, gerenciamento de informações e até reuniões de pauta, de forma “virtual” (através de *e-mail*, relatórios e redes sociais), sem, necessariamente, estarem todos juntos em um mesmo espaço físico, em uma mesa “H”, como acontece no Clarín.

Alguns dos profissionais do Núcleo apontam esse desvio do padrão em relação a outras redações convergentes, não como um fator negativo do modelo experimentado, e sim, como uma evolução, e, ou, adequação, o que pode até contribuir com soluções e outros modelos.

A outra questão relacionada ao desvio, diz respeito à polivalência funcional como marca negativa da convergência jornalística. Ao contrário do apontado por Kischinhevsky (2010), Garcia Áviles e Salaverría (2008), Moretzsohn (2015) e outros, que criticam a imposição de jornalistas multifuncionais (questionando a ausência de compatibilidade salarial e efeitos negativos quanto à qualidade do conteúdo), a pesquisa e a produção do produto permitiram identificar sintomas de entusiasmo com o modelo multifuncional. Ainda que a produção multimídia seja tímida com relação ao corpo completo do Núcleo, com 15 profissionais, incluindo a redação de Campina Grande, os profissionais entrevistados e

observados, não se sentem explorados por executarem tantas tarefas ao mesmo tempo - as quais antes eram designadas a mais de um profissional - eles acreditam estarem na vanguarda do jornalismo, e por isso, se sentem “especiais” com a exigência da multitarefa, e não “usados” pelos executivos de mídia do grupo.

A partir da observação das rotinas produtivas de jornalismo no Núcleo Integrado de Esportes e execução do produto transmidiático, chegou-se, ainda, a outras considerações, que podem contribuir com estudos futuros, e desdobrar as características complexas da convergência jornalística. A consideração reflexiva que norteará essas conclusões é a percepção que se teve, de que a convergência jornalística, pode ser dividida em conceito, processo e ferramenta.

**Sobre o conceito**, o jornalismo distribuído na *web* pela Rede Paraíba de Comunicação, no portal Globoesporte.com Paraíba, é, no dizer desta pesquisadora, jornalismo de convergência, pois marca a interação de diferentes linguagens e, apresenta ao público, um produto derivado de esforços profissionais convergentes.

Observa-se que, Gradim (2007, p. 87) define *webjornalismo* como “aquele jornalismo que se publica na *web* – seja em formato de texto, seja no mais sofisticado produto multimídia”, tendo como principal característica, a convergência de meios, “materializados em produções multimídia, meios estes que, antes eram exclusivos de determinado meio”: **texto** advindo dos jornais impressos, **hiperlink** proveniente das antigas enciclopédias, **som** proveniente do rádio, **imagens** em movimento, provenientes da televisão, “e a não-linearidade, proveniente dos jornais e ausente em rádio ou televisão – meios que se associam para criar um produto novo”. A definição de Salaverría, García Avilés e Masip (2010, p. 59) para convergência jornalística, em muito se assemelha ao *webjornalismo*: é um processo multidimensional facilitado pela implantação generalizada das tecnologias digitais de telecomunicações e pode afetar aspectos tecnológicos, empresariais, profissionais e de conteúdo. O conteúdo desenvolvido pelos jornalistas é distribuído através de múltiplas plataformas e as linguagens de trabalho que antes eram dispersas agora, seguem agrupadas.

Comparando o que é apresentado no Globoesporte.com Paraíba, com o conceito de convergência jornalística, percebeu-se que o portal não é só um incentivador da prática, como apontado nas primeiras percepções sobre o Núcleo. Ele é na verdade, o resumo do que vem sendo praticado, tendo essa prática sido adotada pela Rede Paraíba de Comunicação, graças às mudanças culturais (*internet*, surgimento e explosão das redes sociais, por exemplo, com um público interagente), econômicas (redução de custos na empresa, redução do interesse dos assinantes do jornal impresso, etc.), tecnológicas (a TV digital, o acesso a tecnologias da

informação, dispositivos móveis, etc.) ou empresariais (seguir o fluxo mundial).

Ainda justificando o paralelo entre o conceito de convergência jornalística e o *webjornalismo* do Globoesporte.com Paraíba, Kolosky (2009 *apud* LONGHI, 2010, p. 3) explica que a convergência jornalística é também uma forma de pensar a notícia, produzi-la e distribuí-la, assim como o *webjornalismo*, no dizer desta pesquisadora. O conteúdo desenvolvido pelo Núcleo de Esportes estudado tem sido cada vez maior (usando o termo para explicar a extensão de texto para as reportagens), desde a sua criação, como apontado pelos jornalistas que integram o Núcleo. A cobertura dos acontecimentos tem sido feita de forma cada vez mais ampla, o que impossibilita que a história seja contada em um único veículo. Ela precisa fluir de um lugar para o outro, acompanhando o comportamento da audiência, e o resumo desse cruzamento de mídias está disponível em um único lugar: o portal de notícias.

Exemplo disso é que, o vídeo disponibilizado é a reportagem realizada para televisão, ou, até mesmo, o programa na íntegra, com a sua linguagem específica (de televisão), só que, distribuído na *web*. Assim como a TV, várias outras técnicas tradicionais dos manuais de jornalismo, estão presentes no uso da ferramenta multimídia do portal. As fotografias disponibilizadas em *slideshow* foram feitas, muitas vezes, para compor a foto da manchete do jornal impresso, ou a reportagem da *web*. O áudio exclusivo pode ser utilizado no rádio. Não são apenas possibilidades que o Globoesporte.com apresenta ao jornalismo convergente. O que está sendo distribuído (o *webjornalismo* praticado) é a definição de jornalismo convergente em sua totalidade. Uma notícia representada em imagem, texto, vídeo ou áudio, pode estar reunido no *site*, mas continua existindo em separada, na TV, no jornal impresso, na *web*, etc.

Acredita-se que a afirmação feita por esta pesquisadora é corroborada pelos autores citados, quando se diz que o resultado final dos esforços convergentes do Núcleo, apresentado no Globoesporte.com Paraíba, é convergência jornalística. Dessa forma, é possível afirmar que, convergência jornalística, e o atual *webjornalismo* praticado por inúmeros portais conhecidos, são similares. No entanto entendemos que, *webjornalismo* pode ser chamado de convergência jornalística, mas convergência jornalística não pode ser chamada de *webjornalismo*, visto que, a convergência jornalística independe da *web* para existir.

No entanto, o paralelo não pode ser descartado, afinal, de acordo com o exemplo usado, o resultado da junção de métodos de trabalho está materializado no portal, assim como, as linguagens, os espaços, os veículos e as narrativas. Se a convergência dos meios é

característica do *webjornalismo*<sup>18</sup>, a convergência jornalística não é um simples aspecto, e sim, exprime similaridade conceitual e prática, e vice-versa. Ou seja, ao versar sobre um, necessariamente, tem-se que incluir o outro.

Pode-se correlacionar esta conclusão à afirmação de Longhi (2010, p. 3), quando diz que, “o jornalismo distribuído pela *internet* é jornalismo de convergência no dizer desta autora, por que marca diferentes elementos de narrativa”.

**Sobre processo**, durante o desenvolvimento do produto final “Muitos meios, um só jornalista”, refletiu-se a respeito das influências que a convergência tem tido sobre o jornalista, afinal, sem o profissional não existiria um conjunto de atos que resultaria na chamada convergência jornalística e seu conteúdo. Por esta razão, foi considerado importante, compreender as razões que levam o jornalista a mergulhar neste terreno desconhecido.

Observar o Núcleo de Esportes estudado e também realizar uma série de reportagens transmidiática, vivendo na prática a experiência de realizar jornalismo convergente, possibilitou perceber a importância de conhecer a motivação dos profissionais, a qual interfere diretamente no conteúdo apresentado. Compreender a razão do estímulo permitiu formular várias questões que são norteadoras deste tema: por que, mesmo diante de tantas críticas, existem profissionais entusiasmados, para não dizer encantados, com essa nova forma de fazer jornalismo? Porque colocar, acima de questões salariais, a disposição do envolvimento completo com a nova prática jornalística? Qual a razão de ser um jornalista convergente, multitarefa, polifuncional, *platformagnostic*? Na verdade foi percebido, diante do fervor que envolve os profissionais do Núcleo, que as perguntas deveriam ser outras: por que perder a oportunidade de fazer história? De ser parte de algo transformador no jornalismo? Por que perder a chance de aumentar o portfólio, de se valorizar para o futuro, de adquirir múltiplas experiências em uma só?

Diante dessas perguntas que se encerram em respostas, enxergou-se que, na Rede Paraíba de Comunicação, o incentivo tem a ver com satisfação de fazer parte do novo. Constatou-se que o aprazimento de estarem fazendo algo construído por eles, com a possibilidade de relevância no mercado de trabalho paraibano, é o que serve de motivação para um crescente interesse em acompanhar a ressignificação do jornalismo.

Além disso, foi notado que o profissional inserido em uma prática convergente, aceita fazer tantas tarefas ao mesmo tempo, por que estas funções melhoram as habilidades dele em

---

<sup>18</sup> “Multimedialidade/Convergência – No contexto do *webjornalismo*, multimedialidade, trata-se da convergência dos formatos das mídias tradicionais (imagem, texto e som) na narração do fato jornalístico” (MIELNICZUK, 2008, p. 4).

tempo recorde. É como se ele estivesse aglutinando várias experiências profissionais em uma só, conseguindo assim, a oportunidade de poder apresentar um portfólio multimídia, que será um recurso para uma valorização financeira futura. É possível apontar tais razões, como sendo o revés do salário inadequado, ou do cansaço.

Durante a produção das reportagens que compõem o produto final, experimentando o jornalismo polifuncional e *platformagnostic*, esta autora foi tomada pelo mesmo entusiasmo dos colegas jornalistas. O desafio de desenvolver um conteúdo para mais de um veículo, pesquisar, compreender e conceituar cada especificidade da linguagem, formatação e público, revisitar os conteúdos aprendidos ainda na graduação – e que foram deixados de lado com o direcionamento profissional a um veículo específico, no caso desta pesquisadora, a TV –, aprender novas técnicas da prática jornalística, conhecer melhor tecnologias e ferramentas, foram elementos prontamente associados à melhora profissional. O resultado desse ganho laboral foi a possibilidade de aplicar os conhecimentos adquiridos no seu atual exercício profissional: editora de conteúdo do programa televisionado “*Lead! na TV*”. Por conta da experimentação ao desenvolver o produto resultante desse estudo, foi possível à autora, produzir discursos transmídiaicos, expandindo o conteúdo da atração para a *web*, no “*Lead! Portal*” e redes sociais como o *Facebook* e *Instagram*, prática que rendeu maior aproximação com o público, interesse no conteúdo desenvolvido pelo programa e consequentemente valorização profissional para a autora, conferida por gestores da empresa. Dessa forma, mesmo que o exercício do jornalismo multitarefa não tenha provocado uma melhora salarial imediata, o aprimoramento profissional causado pela necessidade de produção de conteúdo convergente e a adequação aos processos jornalísticos transformados com a convergência, foram, assim como para os colegas analisados no estudo, estímulo diante da imposição de ser polifuncional e *platformagnostic*.

À conclusão semelhante chegou Agnez (2011, p. 143) quando relatou que,

Vimos que há uma questão voltada para o perfil do profissional, que não advém somente de características pessoais, como conseguir fazer várias atividades ao mesmo tempo, e sim do fato desse profissional estar diante da possibilidade de desenvolver novas habilidades e se ele está motivado para isso. O risco de perder o emprego pode forçá-lo a cumprir algumas atividades, mas ele deve estar convencido a ser multimídia, parte de um processo em construção, capaz e interessado em atuar nessa reconfiguração do próprio jornalismo.

Ainda sobre processo, é relevante destacar a metodologia criada pelo Núcleo para a reunião de pauta em modelo convergente. Para os integrantes, um modelo que faz uso das tecnologias da informação para produzir conteúdo, também deve fazer o uso dessas

tecnologias dentro dos métodos de trabalho.

A reunião de pauta do Núcleo estudado, não é feita de maneira física, e sim, de forma virtual. Relatórios são enviados por *e-mail*, ou armazenados no *software* de notícias *Easynews*<sup>19</sup>, e discutidos através de redes sociais como *Facebook* e *Whatsapp*. Dessa forma, a reunião de pauta do Núcleo é contínua, acompanhando as notícias que hoje também são ininterruptas.

Outro ponto, que diz respeito ao processo laboral, e que se faz necessário indicar, é o sistema de trabalho adotado por Lucas Barros no papel *platformagnostic*. Ao produzir um conteúdo que cruza mídias, promovendo e expandindo a narrativa, o jornalista ordena a sua ação, de acordo com uma metodologia que ele criou diante de várias experimentações.

O método consiste em, segundo relatos do repórter, “apagar da mente” o primeiro olhar sobre a notícia, ao precisar ter outro. Ou seja, para trazer informações relevantes, com um olhar que subdivide a notícia em vários aspectos, é preciso “esquecer” o que foi escrito para um veículo, na hora de construir o texto seguinte. É como se essa necessidade de atravessar mídias, o fizesse retornar a cena do acontecimento, para observá-la novamente e escrever um novo texto. Ele recorre a sua memória, e também, as gravações e anotações, para imprimir um novo olhar sobre a notícia. É um exercício constante, que consiste em revisitar da redação, os momentos que viveu na “ida à rua”.

Durante o processo de produção da série de reportagens transmídiaica (resultado da pesquisa), sentiu-se a mesma necessidade. Não apenas por seguir um “conselho” de alguém que o faz há algum tempo, mas, por não conseguir, em um primeiro momento, abordar o mesmo acontecimento, com tantos olhares diferentes. É como se houvesse a necessidade de explorar vários lados da própria personalidade e interesses, para assim, explorar informações que possam provocar inquietações de diversas formas, e transformar isto em inquietações para a audiência.

Foi destrinchado o processo, o ponto de partida, ou seja, a primeira reportagem que foi desenvolvida, feita para a TV, teve duas vantagens em relação às outras. A primeira delas foi o fato de ter abarcado os conhecimentos profissionais da autora, facilitando o desenvolvimento do conteúdo. A segunda vantagem, diz respeito ao fato de ser o primeiro olhar sob a apuração. Assim, como já abordado, a primeira matéria é mais generalista e apresenta à audiência os conceitos de convergência jornalística, o funcionamento no Núcleo, além de reflexões acerca da multifuncionalidade dos profissionais e narrativas transmídiaicas.

---

<sup>19</sup> *Easynews* é “o *Software* de Automação de Redação de Telejornalismo mais utilizado no Brasil” (EASYNEWS, 2015).

Depois de concluída a primeira reportagem, foi posto em prática a metodologia de trabalho observada na análise do Núcleo. Para desenvolver as outras reportagens apresentadas neste estudo, que exigiram a expansão do tema, numa apresentação de angulações diferentes, foi preciso “seguir” a fórmula apresentada por Lucas Barros. E mesmo com o conhecimento da técnica, percebeu-se na aplicação, tratar-se de um processo difícil. Inicialmente foram revistos os depoimentos gravados em vídeo (para a reportagem da TV), além de anotações e conversas em redes sociais (a exemplo do *Facebook* e *Whatsapp*) feitas no processo de pesquisa exploratória e produção da série. No entanto, neste primeiro reexame da apuração, não foi possível identificar outras angulações diferentes, necessárias para a produção da série. Assim, seguiu-se em um processo, que parecia interminável, de busca de subtemas e palavras chave para a expansão da narrativa, que precisava respeitar as características de um discurso transmidiático.

Depois de um longo período e de exercícios constantes, surgiram novos olhares para abordar o tema na segunda reportagem desenvolvida, para a *web*: um texto que orbite em torno de discussões relacionadas à prática polifuncional e a apresentação da notícia para o público. Concluí-se também ser indispensável conceituar a convergência jornalística, ainda que de forma resumida e diluída, além de trazer elementos da rotina do Núcleo de Esportes da Rede Paraíba de Comunicação (respeitando a característica de convergência jornalística, onde o conteúdo pode ser consumido pela audiência em separado).

Na última reportagem para veículo impresso, a decisão de abordar ângulos ainda não explorados foi mais fácil, por conta do procedimento de revisitação da apuração feito durante a execução da reportagem para *web* e por ser imprescindível trazer a tona inquietações que motivaram a pesquisa, como por exemplo, de que forma as escolas de comunicação encaram as novas exigências de um mercado de trabalho. Assim, a reportagem foi desenvolvida de forma a abordar os subtemas ainda não apresentados, e por essa característica conclusiva, foi feita de forma descomplicada.

A reflexão que se objetivou incentivar, depois deste relato, diz respeito às dificuldades de um processo de trabalho iniciado diante das necessidades transmidiáticas. Compreende-se a experiência na execução deste processo, como uma chance de compreender a realidade da prática jornalística transformada com a convergência. Entendendo as diferenças entre a produção de um produto acadêmico e de um produto do dia a dia jornalístico, considerou-se que em um ambiente como o que foi estudado é ainda mais profusa a dificuldade de um só jornalista elaborar um produto tão complexo quanto o é uma reportagem que atravesse mídias.

Assim, conclui-se que é um processo extremamente difícil. Foi complexo para esta

pesquisadora, que conforme já explicitado, não sofria pressões empresariais e nem estava sob a tirania do deadline de uma redação (mas que tinha responsabilidades científicas e prazos a cumprir), tanto quanto o é para quem é funcionário de uma empresa de comunicação. Afinal, sabe-se que no jornalismo não se é autônomo, e mesmo com *status* social e responsabilidade de filtrar acontecimentos para a comunidade, não é possível deixar de lado a necessidade de audiência, e também, o fato de estar sendo submetido a estruturas empresariais, ou seja existe um patrão, um empregado e a necessidade de manter-se empregado. Segundo Agnez (2011, p. 148), “não é possível ignorar que os meios de comunicação precisam de audiência. O jornal é uma empresa que, como em qualquer outro segmento, precisa de lucro e rentabilidade”.

Além da pressão de manter o emprego, o jornalista convergente enfrenta o quesito tempo, pois lhe é exigido que a notícia seja divulgada em tempo real. O fato de, durante a produção do produto final não se estarmos em um cenário que exige velocidade na publicação da notícia, possibilitou-nos concluir que, ser *platformagnostic* é ainda mais complexo do que a experiência transmidiática dessa pesquisadora pôde aferir.

Acredita-se que estas conclusões, e percepções destas técnicas, assim como sua eficácia, podem cooperar com estudos futuros, visto que, compreendem um movimento o qual precisa ser amplamente pesquisado no campo do jornalismo profissional e acadêmico.

Refletindo um pouco mais sobre a metodologia utilizada por Lucas Barros, aponta-se como possível facilitador para a técnica (“apagar” o conteúdo feito para um veículo para posteriormente escrever outro), a criação de mecanismos que possibilitem o acesso em rede, aos dados obtidos na “apuração única”, o que tornaria mais fácil revisitar a apuração *in loco*, favorecida pelo acesso em rede a sonoras, fotografias, gravações e anotações feitas pelo repórter convergente.

Dessa forma, o repórter não teria o raciocínio “quebrado” por conta do deslocamento de redação em redação, de computador em computador, para construir seus textos. Como já foi visto, até o momento dessa pesquisa, a redação do Núcleo não é fisicamente integrada, e, por essa razão, por exemplo, o repórter tem que “descarregar” as fotografias na redação do Globoesporte.com Paraíba, as sonoras na ilha de edição da redação da TV Cabo Branco, salvar o *off* da reportagem da TV em um *software* específico, que está nos computadores da redação, também da TV. Ou seja, para rememorar o que foi feito, ele também precisa se deslocar fisicamente. Por isso, diante deste fator que atrapalha a eficácia, e, na observação do modelo de redação integrada “virtual” adotado, foi concluído que esse compartilhamento em rede sugerido, poderia solucionar as dificuldades apontadas.

**Sobre a ferramenta**, se a convergência jornalística pudesse tomar corpo, ela se

traduziria em uma única ferramenta: o *smartphone*. Qual o dispositivo que cabe no bolso e permite ao jornalista ser transmidiático? Permite ao jornalista acompanhar o comportamento e a velocidade da notícia, fazer vídeos, fotografias, áudio e texto, consultar editores, fazer reunião de pauta, enviar material a redação, e ainda fazer a divulgação da informação na *web*? Tudo isso em um equipamento fácil de carregar em qualquer circunstância?

Durante a produção da série “Muitos meios, um só jornalista” a autora se viu as voltas com muitas ferramentas laborais, que poderiam ser facilmente substituídas por um *smartphone* de última geração com *internet* eficaz, que não era o que se dispunha. Mesmo assim, diante da precariedade do telefone, foi possível fazer consultas à *internet*, registrar momentos em áudio e imagem durante a reportagem, etc.

Compreende-se então, que o *smartphone* é essencial na convergência jornalística, tornando-se o instrumento principal para reportagens multiplataformas. Se o repórter estiver em uma cobertura sem todos os instrumentos necessários para fazê-la de forma transmidiática, basta ter um *smartphone* carregado, para a cobertura ter eficácia. Ou seja, na ausência de câmera de vídeo e microfone para captar as sonoras para a TV; câmera fotográfica, para fazer as fotografias para o impresso ou portal; gravador, para as entrevistas do rádio, entre outros equipamentos, basta ao jornalista ter um *smartphone*. Pois, através dele é possível registrar um fato e transformá-lo em notícia transmidiática, até de forma mais eficiente do que equilibrando tantos equipamentos.

O uso do *smartphone* pelo jornalismo é objeto de estudo para muitos pesquisadores, e a prática é chamada de jornalismo móvel, que na definição de Firmino (2013, p. 358), é “uma modalidade de prática jornalística baseada no uso de tecnologias móveis digitais, como *smartphones*, *tablets* e similares, conectados em redes sem fio (3G, 4G ou *WiFi*)”. Segundo o autor, no local do acontecimento, é permitido ao jornalista, através de um *smartphone*, apurar, editar e publicar “a reportagem para multiplataformas em diferentes formatos. Uma das características do jornalismo móvel é a concentração de funções em um único profissional, que se utiliza da estrutura móvel dos dispositivos para a rotina de trabalho” (FIRMINO, 2013, p. 358).

Constatou-se que, mesmo que o jornalista não publique a notícia em tempo real, ele ainda pode ter concentrado, em um único lugar, as possibilidades de divulgação daquela notícia em várias plataformas. A modificação na linguagem dos meios tradicionais, por conta da audiência colaborativa, permite, por exemplo, que vídeos feitos pela câmera de um celular (que não tem a mesma qualidade que câmeras específicas de televisão), sejam veiculados na televisão, ou fotografias em um portal, ou até mesmo, entrevistas completas gravadas pelo

celular, disponibilizadas na rádio.

Por essa razão, conclui-se que, a partir das transformações tecnológicas, num futuro não tão distante da convergência jornalística, não seja mais preciso equilibrar equipamentos para se conseguir uma narrativa *crossmídia*. Ao jornalista, não será mais imposto um perfil de malabarista, basta ter, junto dele, um *smartphone* de “ponta”, um sistema de conexão eficiente e um carregador de bateria.

Por conta das mudanças de estruturas e características dos meios de comunicação, causadas pela convergência jornalística, e ainda, diante de possíveis alternativas já apontadas para algumas problemáticas percebidas, notou-se que é imprescindível que outros estudos, possam abordar diferentes processos dos estudados nesta pesquisa. Endereçamos os quesitos: à recepção do conteúdo produzido em ambiência convergente, tecnologias utilizadas, acordos empresariais e sindicais, ensino de jornalismo convergente entre outros, os quais são fundamentais para progredir o debate sobre o que virá no jornalismo.

Ao jornalismo convergente, há uma longa estrada a ser percorrida. Muitos entraves tem dificultado a implantação com qualidade, do modelo. Como consumidores de notícia, percebeu-se que o público se depara com informações transpostas, o que subestima a inteligência de muitos, além da habilidade multitarefa recém-adquirida. Como pesquisadores, percebeu-se que o estímulo observado no estudo, pode não ser suficiente para que a ressignificação do jornalismo com a convergência, seja uma evolução do mesmo, e não, um processo de deterioração da prática. Como jornalistas, aferiu-se, diante da experiência na produção do produto transmídia, que existe uma necessidade, urgente, de capacitação para os profissionais, e uma mudança curricular, para os estudantes. Pois segundo a concepção desta pesquisadora, baseada nas teorias, experimentações e conceitos, a autoaprendizagem com a prática pode ser prejudicial, tanto ao profissional, quanto para a audiência, podendo interferir diretamente, e prejudicar a eficácia da comunicação. Afinal, enquanto jornalistas desejam-se não só ser eficazes na comunicação, como úteis nos debates sociais.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Jorge; BRANCO, Vasco. **A convergência TV-web**: motivações e modelos. Portugal: BOCC – Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação, 1999.

AGNEZ, Luciane Fassarela. **A Convergência Digital na Produção da Notícia –** Reconfigurações na Rotina Produtiva dos Jornais Tribuna do Norte e Extra. 2011. 166. p. (Mestrado em Comunicação). Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, Natal, 2011.

ALZAMORA, Geane; TÁRCIA, Lorena. Convergência e transmídia: galáxias semânticas e narrativas emergentes em jornalismo. **Brazilian Journalism Research**. v. 8, n, 1, p. 22-35. 2012. Disponível em <file:///C:/Users/Windows/Downloads/401-1797-1-PB%20(1).pdf>. Acesso em 05/03/2015.

AMADO, Guilherme; CASTRO, Juliana; OLIVEIRA, Rafael. **Redação integrada**: desafios e perspectivas (parte 2). 04/11/2009 Disponível em <<http://oglobo.globo.com/blogs/amanhanoglobo/posts/2009/11/04/redacao-integrada-desafios-perspectivas-parte-2-237597.asp>>. Acesso em 04/08/2014.

AMJ – Associação Mundial dos Jornais. **Inovação nos Jornais**. 2001. Disponível em <<http://www.convergencia.jor.br/inovacoes.htm> >. Acesso em 01/06/2014.

ANDRADE, Rafael Moura de; SILVA JUNIOR, José Afonso da. **Usos e características do fotojornalismo digital na contemporaneidade**: a convergência no fotojornalismo digital. XVIII CONIC e II CONITI. UFPE I CTG, 24 A 25/11/2010. Disponível em <[http://www.contabeis.ufpe.br/propesq/images/conic/2010/conic/pibic/60/Resumo\\_CONIC\\_10060057PO.pdf](http://www.contabeis.ufpe.br/propesq/images/conic/2010/conic/pibic/60/Resumo_CONIC_10060057PO.pdf)>. Acesso em 20/02/2015.

BARBOSA, Suzana. **Aspectos da convergência jornalística em empresas informativas brasileiras**. In: Actas 6º Congresso Sopcom, 8º Congresso Lusocom e 4º Congresso Ibérico. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. ISBN. 2009a. p. 978-972.

\_\_\_\_\_. **Convergência jornalística em curso**: as iniciativas para integração de redações no Brasil. In: RODRIGUES, Carla (Org.). *Jornalismo Online: modos de fazer*. Rio de Janeiro: Ed.PUC-Rio: Sulina, 2009b. p. 35-55.

\_\_\_\_\_. **Aspectos da convergência jornalística em empresas informativas brasileiras**. In: 6º Congresso Sopcom, abril de 2009c, p. 4260-4275. Disponível em <[http://conferencias.ulusofona.pt/index.php/sopcom\\_iberico/sopcom\\_iberico09/paper/viewFile/391/387](http://conferencias.ulusofona.pt/index.php/sopcom_iberico/sopcom_iberico09/paper/viewFile/391/387)>. Acesso em 05/03/2015.

BARBOSA, Suzana; SILVA, Fernando Firmino da; NOGUEIRA, Leila. **Convergência jornalística em curso**: as iniciativas para integração de redações no Brasil. In: RODRIGUES, C. (org.). *Jornalismo online: modos de fazer*. Rio de Janeiro: Ed. PUCRio: Editora Sulina, 2009.

\_\_\_\_\_. Análise da convergência de conteúdos em produtos jornalísticos com presença multiplataforma. **Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano**, v. 2, n. 2, p. 241-264, 2013.

BARBOSA, Suzana Oliveira; TORRES, Vitor. **Extensões do Paradigma JDBD no Jornalismo Contemporâneo: modos de narrar, formatos e visualização para conteúdos.** In: Anais XXI Encontro Compós. n. 21, v. 1. Juiz de Fora, MG: UFJF, 2012.

BARROS, Lucas. **Lucas Barros: depoimento** [agosto, 2014]. Entrevistadora: Mariah Araújo. João Pessoa: Rede Paraíba de Comunicação, 2014. 1 arquivo de vídeo (19 min.).

BATISTA, Rodrigo. **A cibernotícia como reconfiguração da atividade jornalística no ciberespaço.** In: NUNES, Pedro (Org.). Mídias digitais & interatividade. João Pessoa: Ed. da Universitária da UFPB, 2009. p. 233-254.

BAUMAN, Zygmunt. A sociedade líquida. **Folha de São Paulo.** p. 4-9, 19 out 2003. (Entrevista).

BECKER, Beatriz; TEIXEIRA, Juliana. **Narrativas jornalísticas audiovisuais: um estudo dos efeitos de convergência no JN e no UOL.** 2009a. Disponível em <file:///C:/Users/Windows%207/Downloads/2686-5893-1-PB.pdf>. Acesso em 03/08/2014.

\_\_\_\_\_. **Um panorama da produção jornalística audiovisual no ciberespaço: as experiências das redes colaborativas.** Revista FAMECOS. Porto Alegre. v. 1, n. 40, dezembro de 2009b. Disponível em <[http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/6316%20\[%20L](http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/6316%20[%20Links%20])>. Acesso em 03/08/2014.

BENETTI, Márcia; STORCH, Laura Strelow. Jornalismo, convergência e formação do leitor. **Matrizes.** v. 4, n. 2, 2012.

BRASIL. Presidência da República. Secretaria de Comunicação Social. **Pesquisa Brasileira de Mídia 2015: Hábitos de consumo de mídia pela população brasileira.** Brasília: Secom, 2014. Disponível em <file:///C:/Users/Windows/Downloads/Pesquisa%20Brasileira%20de%20M%C3%ADdia%20-%20PBM%202015.pdf>. Acesso em 19/12/2014.

CALDAS, Phelipe. **Phelipe Caldas: depoimento** [agosto, 2014]. Entrevistadora: Mariah Araújo. João Pessoa: Rede Paraíba de Comunicação, 2014. 1 arquivo de vídeo (42 min.).

CALVO, Santiago Tejedor; CORPUS, Roberto Silva; LOZANO, Fernando Esquivel. **La formación Del ciberperiodista 2.0: retos, competencias y habilidades Del comunicador 2.0.** In: QUADROS, Claudia; CAETANO, Kati; LARANJEIRA, Álvaro (Orgs.). Jornalismo e Convergência: ensino e prática profissionais. Covilhã: Livros LabCom, 2011. p. 27-46.

CANABARRO, Diego Rafael; BORNE Thiago. 19/05/2013. Disponível em <<http://mundorama.net/2013/05/19/ciberespaco-e-internet-implicacoes-conceituais-para-os-estudos-de-seguranca-por-diego-rafael-canabarro-e-thiago-borne/>>. Acesso em 19/01/2015.

CANAVILHAS, João. **Webjornalismo: Da pirâmide invertida à pirâmide deitada.** BOCC–Biblioteca online de ciências da comunicação, 2006.

\_\_\_\_\_. **Ensino do jornalismo: o digital como oportunidade.** In: QUADROS, Cláudia; CAETANO, Kati; LARANJEIRA, Álvaro (Orgs.). Jornalismo e convergência: ensino e práticas profissionais. Labcom Books, 2011.

CARMO ROLDÃO, Ivete Cardoso do. **A linguagem oral no telejornalismo brasileiro.** Tese de Doutorado. 2003. USP (Universidade de São Paulo). Escola de Comunicações e Artes. 2003.

CORRÊA, Elizabeth Saad. **O jornalismo Contemporâneo no Brasil: as mídias digitais como elo entre a crise e a busca de uma nova identidade.** 2011. Disponível em <<http://www.razonypalabra.org.mx/anteriores/n49/bienal/Mesa%206/elizabethsaad.pdf>>. Acesso em 05/03/2015.

CORREIA, Danilo; FILGUEIRAS, Lúcia. **Introdução à mídia cruzada.** in: Grupo de Estudos em Interação do LTS, Escola Politécnica da Universidade de São Paulo, 2008. Disponível em <<http://lts-i.pcs.usp.br/xgov/pub/TutorialMidiaCruzada.pdf>>. Acesso em 18/09/2013.

COSTA, Luciano Martins. **O espelho quebrado da mídia.** In: Observatório da imprensa. n. 272, acesso em: 13 abr. 2004.

\_\_\_\_\_. **O fim do jornalismo puro-sangue.** 25/02/2015. Disponível em <[http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/o\\_fim\\_do\\_jornalismo\\_puro\\_sangue](http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/o_fim_do_jornalismo_puro_sangue)>. Acesso em 05/03/2015.

CYBERJOURNALIST.COM Editor. **Behind the scenes of The New York Times integrated newsroom.** November, 27, 2007. Disponível em <<http://www.cyberjournalist.net/behind-the-scenes-of-the-new-york-times-integrated-newsroom/#sthash.5u9nFymd.aEeZ2Dof.dpbs>>. Acesso em 31/08/2014.

DUPAGNE, M.; GARRISON, B. **The meaning and influence of convergence** – a qualitative case study of newsroom work at the Tampa News Center. Journalism Studies, vol.7, n. 2, 2006.

EASYNEWS. **Quem somos.** [s.d.] Disponível em <[http://easynews.com.br/index.php?cmd=section:quem\\_somos](http://easynews.com.br/index.php?cmd=section:quem_somos)>. Acesso em 08/03/2015.

EBC – Empresa Brasil de Comunicação. **Manual de Jornalismo da EBC.** 2013. Disponível em <[http://www.ebc.com.br/sites/default/files/manual\\_de\\_jornalismo\\_ebc.pdf](http://www.ebc.com.br/sites/default/files/manual_de_jornalismo_ebc.pdf)>. Acesso em 01/09/2014.

ERBOLATO, Mário L. **Técnicas de codificação em jornalismo: Redação. Captação e Edição,** Editora Vozes, 1991

ESTADÃO, Agência. **New York Times pode desistir de edição impressa em 5 anos.** 2007. Disponível em <<http://www.estadao.com.br/noticias/geral,inew-york-timesi-pode-desistir-de-edicao-impressa-em-5-anos,20070208p13614>>. Acesso em 02/08/2014.

FENAJ – Federação Nacional dos Jornalistas. **Quem é o jornalista brasileiro.** Perfil da profissão no país. 2012. Disponível em <[http://www.fenaj.org.br/relinstitu/pesquisa\\_perfil\\_jornalista\\_brasileiro.pdf](http://www.fenaj.org.br/relinstitu/pesquisa_perfil_jornalista_brasileiro.pdf)>. Acesso em 01/09/2014.

FIRMINO, Fernando. **Jornalismo móvel digital: uso das tecnologias móveis digitais e a reconfiguração das rotinas de produção da reportagem de campo.** 20 de set de 2013. UFBA. Disponível em <<https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/13011>>. Acesso em 06/11/2013.

FRANCO, Guillermo. **Como escrever para web**. Elementos para a discussão e construção de manuais de redação *online*. Traduzido por: Marcelo Soares. Uma iniciativa do Centro Knight para o Jornalismo nas Américas da Universidade do Texas em Austin. 2008. Disponível em <[https://knightcenter.utexas.edu/como\\_web\\_pt-br.pdf](https://knightcenter.utexas.edu/como_web_pt-br.pdf)>. Acesso em 10/12/2014.

G1. **Sem anúncio, jogo e artifício, app Whatsapp chega a 430 mi de usuários**. 2014. Disponível em <<http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2014/01/sem-anuncio-jogo-e-artificio-app-Whatsapp-chega-430-mi-de-usuarios.html>>. Acesso em 20/01/2014.

GAZZOLA, Ana Lúcia Almeida. **Considerações iniciais sobre os conceitos de Mestrado Profissional e de Especialização**. 2014. Disponível em <<http://direcionalescolas.com.br/2014/08/07/consideracoes-iniciais-sobre-os-conceitos-de-mestrado-profissional-e-de-especializacao-1/>>. Acesso em 04/08/2014.

GIL, Antônio C. **Métodos e Técnicas de pesquisa social**. São Paulo. Editora Atlas S.A. 2008.

GLOBO ESPORTE. **Confira a íntegra do Globo Esporte desta terça-feira (26/08/2014)**. 2014. Disponível em <<http://globoesporte.globo.com/pb/videos/t/edicoes/v/confira-a-integra-do-globo-esporte-desta-terca-feira-26082014/3588715/>>. Acesso em 27/08/2014.

GOMES, Helton Simões. **Rival do Whatsapp, Viber ganha 1,5 milhão de novos usuários em 7 dias**. 2014. Disponível em <<http://g1.globo.com/tecnologia/tem-um-aplicativo/noticia/2014/02/rival-do-Whatsapp-viber-ganha-15-milhao-de-usuarios-em-7-dias.html>>. Acesso em 28/02/2014.

GRABER, Dean. **Clarín.com é usado como estudo de caso em universidade do México**. 11/03/2009. Disponível em <<http://knightcenter.utexas.edu/archive/blog/?q=pt-br/node/5690>>. Acesso em 31/08/2014.

GRADIM, Anabela. Webjornalismo e a profissão de jornalista: alguns equívocos sobre a dissolução do 4º poder. In: **Jornalismo Digital de Terceira Geração**. Covilhã: Labcom, 2007.

\_\_\_\_\_. Os géneros e a convergência: o jornalista multimédia do século XXI. **Agora Net**. ed.2, 2011. Disponível em <<http://www.labcom.ubi.pt/files/agoranet/02/gradim-anabela-generos-convergencia.pdf>>. Acesso em: 12/01/2015.

HAUBERT, Mariana, 2014, **Para brasileiros, jornal impresso e televisão tem mais credibilidade**. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2014/12/1564853-brasileiro-tem-mais-acesso-a-internet-e-passa-cada-vez-mais-tempo-conectado.shtml>>. Acesso em 19/12/2014.

HOHLFELDT, Antônio; MARTINO, Luiz Carlos; FRANÇA, Vera Veiga. **Teorias da Comunicação: Conceitos, Escolas e Tendências**. Petrópolis: Vozes, 2010.

IBOPE. **Pesquisa Brasileira de mídias**. 19/12/2014. Disponível em <<http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2015.pdf/view>>. Acesso em 19.12.2014

INGRAM, Mathew **Jornalismo online não é atualização, é transformação**. 15/10/2013. Disponível em

<[http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/\\_ed768\\_jornalismo\\_online\\_nao\\_e\\_atualizacao\\_e\\_transformacao](http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/_ed768_jornalismo_online_nao_e_atualizacao_e_transformacao)>. Acesso em 12/12/2014.

JENKIS, Henry. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Aleph, 2008. (Edição em português)

JORNAL DA PARAÍBA. **Rede Paraíba de Comunicação**. [s.d.] Disponível em <<http://www.jornaldaparaiba.com.br/institucional/grupo>>. Acesso em 13/03/2014.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Convergência nas redações**: Mapeando os impactos do novo cenário midiático sobre o fazer jornalístico. In: RODRIGUES, Carla (org.). *Jornalismo On-Line: Modos de fazer*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Sulina, 2009.

KOTSCHO, Ricardo; DIMENSTEIN, Gilberto. **A aventura da reportagem**. São Paulo: Summus editorial, 1990.

\_\_\_\_\_. **O discurso da convergência inevitável**. A construção do jornalista multitarefa nas páginas de O Globo. *Revista Eptic Online*, v. 12, n. 3, 2010.

LAGE, Nilson. **Ideologia e Técnica da Notícia**. São Paulo. Ed. Vozes, 1979.

\_\_\_\_\_. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

\_\_\_\_\_. **Estrutura da notícia. rev. e atual.** São Paulo: Ática, 2006

LAWSON-BORDERS, Gracie L. **Media organizations and convergence: case studies of media convergence pioneers**. Routledge, 2006. This edition published in the Taylor & Francis e-Library 2008.

LEMOS, André. **Cultura da mobilidade**. In: FAMECOS. Porto Alegre, nº 40, dez. 2009

LONGHI, Raquel Ritter. **Formatos de linguagem no webjornalismo convergente: a fotorreportagem revisitada**. 2010. Disponível em <[http://www.academia.edu/2284431/Formatos\\_de\\_Linguagem\\_no\\_Webjornalismo\\_Convergente\\_a\\_fotorreportagem\\_revisitada](http://www.academia.edu/2284431/Formatos_de_Linguagem_no_Webjornalismo_Convergente_a_fotorreportagem_revisitada)>. Acesso em 20/02/2015.

LUSVARGHI, Luiza. **O cinema na era digital**: a consolidação dos conteúdos cross-media no Brasil, de Big Brother ao caso Antônia. In: XXXCongresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Intercom Nacional, Santos, 2007. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R1059-2.pdf>>. Acesso em 03/05/2014.

MACHADO FILHO, Francisco; THOMAZ, Patricia. **A videorreportagem como tendência na convergência digital**. 2008. Disponível em <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2008/resumos/R9-0067-1.pdf>>. Acesso em 01/09/2014.

MADRUGA, Expedito. **Expedito Madruga**: depoimento [agosto, 2014]. Entrevistadora: Mariah Araújo. João Pessoa: Rede Paraíba de Comunicação, 2014. 1 arquivo de vídeo (23 min.).

MANTA, André. **O Jornalismo na Era Digital**. 1997. Disponível em

<<http://www.facom.ufba.br/pesq/cyber/manta/Guia/cap02.html>>. Acesso em 10/03/2014.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Comunicação e jornalismo: a saga dos cães perdidos**. São Paulo: Hacker Editores, 2000.

MARQUES, Kako. **Kako Marques**: depoimento [agosto, 2014]. Entrevistadora: Mariah Araújo. João Pessoa: Rede Paraíba de Comunicação, 2014. 1 arquivo de vídeo (27 min.).

MARTINS, Allysson. **Crossmídia e transmídia no jornalismo: Convergência, memória e hipermídia no Globo Esporte (e-book)**. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2011a.

\_\_\_\_\_. **Experiência das narrativas cross e transmidiáticas no webjornalismo**. Logos, ed. 34, v. 18, n. 1, 1º sem. 2011b.

MARTINS, Allysson Viana; SOARES, Thiago. **As narrativas cross e transmídia e as características do webjornalismo no Globo Esporte**. Conexão-Comunicação e Cultura, v. 10, n. 20, 2012.

MASSAROLO, João Carlos; MESQUITA, Dario. Narrativa transmídia e a Educação: panorama e perspectivas In: **Revista Ensino Superior Unicamp**. 09 abril 2013. Disponível em <[http://www.revistaensinosuperior.gr.unicamp.br/edicoes/edicoes/ed09\\_abril2013/NMES\\_3.pdf](http://www.revistaensinosuperior.gr.unicamp.br/edicoes/edicoes/ed09_abril2013/NMES_3.pdf)>. Acesso em 05/03/2015.

MIELNICZUK, Luciana. **A Pirâmide Invertida na época do Webjornalismo**: tema para debate. Artigo apresentado ao Núcleo de Pesquisa Tecnologias da Informação e da Comunicação, no XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação–Intercom. 2002.

\_\_\_\_\_. **O estudo da narratividade no ciberjornalismo**. In: DÍAZ NOCI, Javier; PALACIOS, Marcos. Metodologia para o estudo dos cibermeios. Estudo da arte & perspectivas. Salvador: EDUFBA, 2008. p. 161-175.

MORETZSOHN, Sylvia Debossan O jornalismo sem jornalistas ,2015 Disponível em <[http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/\\_ed833\\_o\\_jornalismo\\_sem\\_jornalistas](http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/_ed833_o_jornalismo_sem_jornalistas)>. Acesso em 15/01/2015.

NUNES, Pedro. **Hipermídia**: diversidades sígnicas e reconfigurações no ciberespaço. In: NUNES, Pedro (Org.). Mídias digitais & interatividade. João Pessoa: Ed. da Universitária da UFPB, 2009, p. 219-232.

OLIVEIRA, Luciana Ribeiro de. **“A pesquisadora do crime”**: notas antropológicas de uma arriscada observação participante com mulheres praticantes de atividades ilícitas. In: Caderno Espaço Feminino – Uberlândia (MG), v. 25, n. 2, julho/dezembro, 2012.

PACHECO, Gabriela de Resende Nóra. A convergência e os impressos: possibilidades contra-hegemônicas. **Revista Alterjor**. v. 2, n. 4, 2012

PATERNOSTRO, Vera I. **O Texto na TV**: manual de telejornalismo. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.

PERNISA JÚNIOR, Carlos. **Jornalismo Transmidiático ou Multimídia?** Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXXIII Congresso

Brasileiro de Ciências da Comunicação. Caxias do Sul?RS, 2 a 6 de setembro de 2010. Disponível em <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-1472-1.pdf>>. Acesso em 06/03/2015.

PORCELLO, Flávio; VIZEU, Alfredo; COUTINHO, Iluska. **O Brasil (é) ditado**. Coleção Jornalismo Audiovisual, v. 1, 2012.

QUINN, Stephen; FILAK, Vincent. **Convergent Journalism: An Introduction**. Nova York: Focal Press, 2005.

RAZÊRA, Marcella. **Convergência Jornalística: uma proposta de definição do termo**. Publicado no XI Congresso da Comunicação da Região Sul, Novo Hamburgo, 2010. Disponível em <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2010/resumos/R20-1377-1.pdf>>. Acesso em 05/03/2015.

REDE GLOBO DE TELEVISÃO. **Manual de Redação da Central Globo de Telejornalismo**. Rio de Janeiro: Rede Globo, 1988.

RIBAS, Beatriz. **Infografia Multimídia: um modelo narrativo para o webjornalismo**. Anais do II SBPFor (CD-ROM). Salvador-BA/Brasil, 2004.

SALAVERRÍA, Ramón; GARCÍA AVILÉS, José Alberto. **La convergência tecnológica em los médios de comunicación: retos para el periodismo**. Trípodos, número 23, Barcelona, 2008.

SALAVERRÍA, Ramón; GARCÍA AVILÉS, José Alberto; MASIP, Pere. **Concepto de Convergencia Periodística**. In: LÓPEZ GARCÍA, X.; PEREIRA FARIÑA, X. *Convergencia Digital Reconfiguración de los Medios de Comunicación em España*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, 2010.

SALAVERRÍA, Ramón; NEGREDO, Samuel. **Periodismo integrado: convergência de médios y reorganización de redacciones**. Barcelona: Editorial Sol 90, 2008. 188p.

SANTAELLA, Lúcia. **Comunicação e pesquisa: projetos para mestrado e doutorado**. São Paulo: Hacker Editores, 2001.

SANTI, Vilso Junior. **Convergência de funções: jornalismo, publicidade e games**. *Revista Contracampo*. n. 21, p. 69-83, 2010.

\_\_\_\_\_. A “cultura da convergência” e o processo de apuração no Webjornalismo. *Refista de Estudos de Comunicação*. Curitiba, v. 12, n. 28, p. 141-152, maio/ago, 2011. Disponível em <<file:///C:/Users/Windows/Downloads/comunicacao-5800.pdf>>. Acesso em 06/03/2015.

SCOLARI, Carlos A. **Hipermediaciones: elementos para una teoría de la comunicación digital interactiva**. Barcelona, España, Editorial Gedisa, 2008.

SCOLARI, Carlos A. **Transmedia storytelling: más allá de la ficción**. 2011. Disponível em <<http://hipermediaciones.com/2011/04/10/transmedia-storytelling-mas-alla-de-la-ficcion/>>. Acesso em 05/03/2015.

SCHIARETTA, T. **Qualidade editorial em um mercado multimídia**. In: Seminário Internacional Imprensa Multimídia/ as redações de terceira geração. Brasília, 2006.

SEIBT, Taís. Uma equipe, diversas linguagens. Apontamentos para uma reflexão sobre os novos modos de narrar do jornalismo no contexto multimidiático. **Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação da Faculdade Cásper Líbero**. v. 5. n. 1. 2013.

SILVA, Fernando Firmino da. **Reportagem com celular: a visibilidade do jornalismo móvel**. In: SOSTER, Demetrio de Azeredo; SILVA, Fernando Firmino da (Orgs.). *Metamorfoses jornalísticas 2: a reconfiguração da forma*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2009. p.90-106.

SILVEIRA, Mauro César. A história da independência do Clarín.com e as mudanças no processo de convergência com o jornal impresso. **Intexto**, n. 21, 2009.

SIMÃO, João. **Manual de jornalismo impresso – o informativo**. Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, 2009.

SIQUEIRA, Fabiana Cardoso de. **O telejornalismo em transformação- Os formatos da notícia na era digital**. In: COUTINHO, Iluska ; PORCELLO , Flávio ; VIZEU, Alfredo (org.). *O Brasil (é) ditado*. Coleção Jornalismo Audiovisual. Florianópolis, Insular, v.1, 2012.

SOUSA, Jorge Pedro. **Fotojornalismo: uma introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa**. Porto: Bocc, 2002.

STRELOW, Aline. **Análise Global de Processos Jornalísticos: uma proposta metodológica**. Porto Alegre: Editora PUCRS, 2010.

TNS. **Connected Life**. 2014. Disponível em <<http://www.tnsglobal.com/news-center/video/connected-life>> Acesso em 19/12/2014.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo: porque as notícias são como são**. Florianópolis: Insular, 2004.

TUDO SOBRE TV. S. [s.d.] Disponível em <[http://www.tudosobrevtv.com.br/glossa/gloss\\_s.htm](http://www.tudosobrevtv.com.br/glossa/gloss_s.htm)>. Acesso em 27/08/2014.

VERWEIJ, Peter. Making Convergence Work in the Newsroom A Case Study of Convergence of Print, Radio, Television and Online Newsrooms at the African Media Matrix in South Africa During the National Arts Festival. **Convergence: The International Journal of Research into New Media Technologies**, v. 15, n. 1, p. 75-87, 2009.

WARD, Mike. **Jornalismo online**. São Paulo: Roca, 2007.

WHATSAPP. **Como funciona**. [s.d.] Disponível em <[http://www.Whatsapp.com/?l=pt\\_br](http://www.Whatsapp.com/?l=pt_br)>. Acesso em 31/08/2014.

## **APÊNDICE**

## APÊNDICE A

### PRINCIPAIS IMPRESSÕES – CADERNO DE CAMPO

#### **21 de outubro de 2013**

Percebi conteúdos transpostos de um veículo para o outro. Do portal para o Jornal, por exemplo. Eles ainda estão em processo de construção sem estratégias para dar continuidade ao conteúdo e adequação da linguagem entre uma plataforma e outra. É do portal de onde tudo parte, é o principal incentivador da convergência de conteúdo. Talvez por ser o lugar de atualização contínua da notícia. Na verdade, é o primeiro lugar onde a notícia é publicada. A TV Cabo Branco e o Jornal da Paraíba utilizam como ponto de partida.

É no GE.com que os conteúdos das outras plataformas são disponibilizados – a digitalização do impresso, os vts da TV, etc.

#### **23 de outubro 2013**

Desisti da ideia de cobrir um grande acontecimento para acompanhar o Núcleo, por que, em conversa com Phelipe Caldas, via *Facebook*, percebi que em grandes coberturas eles acabam mandando um repórter para cada veículo. Ou seja, não ia conseguir acompanhar a rotina de redação integrada, de jornalista convergente, por que eles não estariam desempenhando esse papel. A sacada é que, em grandes coberturas, eles “temem” que o jornalista não consiga perceber tudo que acontece ao mesmo tempo.

#### **23 de abril de 2014**

Grande mudança! Eles têm adequado à linguagem de um veículo para o outro! A transposição não acontece. Cada reportagem parece ser um desdobramento diferente, um foco diferente. A notícia no portal é mais pura, assim como na TV, mais resumida. E no Jornal eles conseguem fazer uma análise dos fatos.

Os jornalistas parecem conhecer mais o que é uma redação integrada e convergência jornalística.

#### **26 de agosto de 2014**

A primeira reunião de avaliação sobre o Núcleo aconteceu em 23 de agosto de 2014. Os integrantes de Campina Grande participaram. Cadu Vieira vai ceder uma foto desse dia.

Os integrantes do Núcleo não ficam a vontade em definir a convergência jornalística. Parecem estar pisando em terreno minado. Eles só conseguiram destacar a questão editorial e o fato de estarem fazendo várias atividades. Depois, ao longo da entrevista eu fui abordando outros temas, como concorrência e questões econômicas e eles reconheceram esses aspectos também.

No Núcleo, a redação não é fisicamente integrada, eles consideram a integração virtual. E assim é, por que eles fazem muitas discussões de pauta, por exemplo, através do *Whatsapp*, ou *Facebook*. Também usam o *email* e o *EasyNews*. Eles não ficam todos juntos. Expedito fica na redação da TV Cabo Branco pela manhã e a tarde vai para o Globo Esporte. Mesmo editando o Jornal da Paraíba, ele acha mais conveniente fazer esse processo perto dos outros jornalistas do Núcleo, e eles vão discutindo abordagens. Expedito fica na redação do GE a tarde, é o mais perto que eles chegam de uma redação fisicamente integrada. Ele se dividem entre três redações: a do Globoesporte.com Paraíba, TV Cabo Branco em João Pessoa, e a redação da TV Paraíba em Campina Grande.

A apuração do jornalista responsável por tratar e distribuir a informação de maneira correta para o impresso, *web*, e TV é única. Na rua o jornalista realiza uma única apuração, que serve de base para a produção do texto de cada reportagem. É uma saída só à rua, e tudo o que ele descobrir lá será dividido nos textos.

Talvez o fato de estarmos fazendo as entrevistas na empresa tenha deixado os jornalistas tímidos para fazer reclamações, como questões salariais. Eles pediram para eu não abordar isso.

Os jornalistas não se opõem a carregar vários equipamentos para construir as reportagens. Eles acham um processo comum, uma tendência normal.

O critério que o jornalista usa para escolher qual reportagem vai ser escrita primeiro é a urgência que a plataforma exige. Se os editores optaram pela divulgação inicial no portal de notícias, a reportagem é escrita primeiro para o portal. Se a reportagem é especial para televisão, o jornalista se debruça inicialmente sobre o texto *off*, e, da mesma forma, com o jornal impresso.

## **27 de agosto de 2014**

Lucas Barros revê as sonoras várias vezes para construir o *off*. Ele olha as anotações, mas também acha necessário relembrar o que foi dito nas entrevistas. Com um certo tempo ele faz uma decupagem.

### **14 de janeiro de 2015**

Importante! Mudei de opinião. Os jornalistas do Núcleo estão extremamente satisfeitos com o trabalho que estão exercendo. Eles percebem estar fazendo algo novo, que vai influenciar no mercado de trabalho de forma positiva. Eles estão realmente animados com a possibilidade de estarem à frente da concorrência, de serem unidos e conectados.

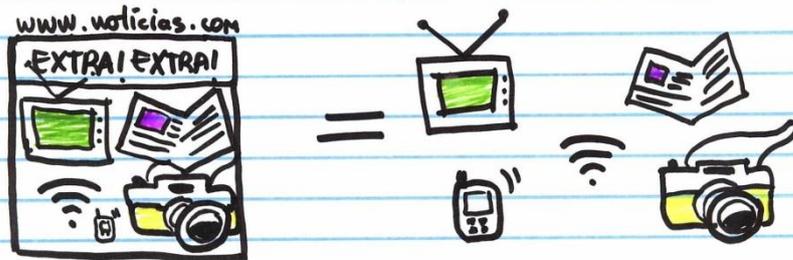
### **24 de fevereiro 2015**

Lucas Barros me informou via *Whatsapp* que houve várias reuniões com todo o núcleo. Uma delas aconteceu ontem, foi via teleconferência com os integrantes do Núcleo lá de Campina Grande.

## APÊNDICE B

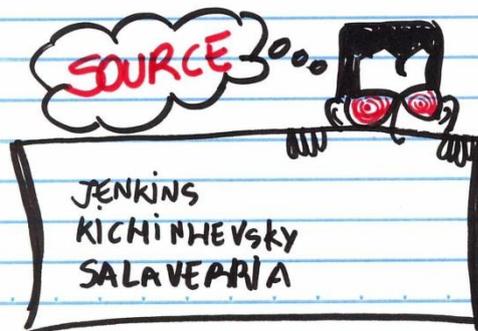
### ESBOÇOS INFOGRÁFICO E BOX

#### • CONVERGÊNCIA JORNALÍSTICA •



Uma notícia representada em imagem, texto, vídeo ou áudio pode estar reunida em um site mas continua....

Numa perspectiva  
ETAPISTA | A CONVERGÊNCIA  
JORNALÍSTICA



Marich  
maujo

Múltiplos sistemas midiáticos coexistem e o conteúdo para eles flui de maneira



## CONVERGÊNCIA JORNALÍSTICA

• CONVERGÊNCIA •

MUDANÇAS TECNOLÓGICAS  
MERCADOLÓGICAS, CULTU...  
E SOCIAIS NO MODO  
COMO AS MÍDIAS  
CIRCULAM



CONVERGÊNCIA TECNO..



CONVERGÊNCIA EMP. (WALTON) PENNY  
+  
P & X AR

CONVERGÊNCIA CULT



CONVERGÊNCIA SOCIAL





CONVERGÊNCIA =

CONVERGÊNCIA JORNALÍSTICA

## APÊNDICE C

### OFF REPORTAGEM PARA TV

<p><b>- 1 FOTO DE DINOSSAUROS(TELA TODA)/ 1 FOTO COMETA</b></p> <p>ESCALA DA EVOLUÇÃO DO HOMEM(ANIMADAS) <b>(PASSA A BORRACHA)-----&gt;</b></p> <p><b>FOTO HOMEM (ANTIGA..PEB)</b></p> <p>- FUNDO BRANCO, CAIXA PRETA</p> <p>- IMAGENS DOS APARELHOS, DEPOIS JOGA ELES TODOS NA CAIXA PRETA</p> <p>- FOTO JENKIS\FOTO LIVRO “CULTURA DA CONVERGÊNCIA-</p> <p>- UM GRITO DE NÃO!<b>(ÁUDIO COM O GRITO)</b> ALGUÉM DESESPERADO. AQUELA MENINA DE HITHCOC NO BANHO,</p>	<p>NO PRINCIPIO</p> <p>– NÃO, NÃO</p> <p>NESSE PRINCIPIO-</p> <p>O HOMEM ACHAVA QUE CONVERGÊNCIA</p> <p>ERA PÔR TUDO NUMA ÚNICA CAIXA PRETA.</p> <p>SABE AQUELE SEU APARELHO DE DVD, O DECODIFICADOR DA TV A CABO, MODEM WIRELESS, VÍDEO GAME; \ENTÃO: TUDO NUMA CAIXINHA SÓ.\</p> <p>MAS UM CARA, HENRY JENKIS DISSE</p> <p>NÃO!\ TÁ TUDO ERRADO!</p>
--	--

**- APAGA TUDO**

**(PASSA UMA BORRACHA NA TELA  
APAGANDO A MENINA)**

- DAÍ COLOCA UMA CABEÇA COM UM  
BALÃOZINHO E VÁRIAS INFORMAÇÕES...UMA  
TVZINHA, UMA REVISTA, LETRAS...

- PEGA AQUELES APARELHOS (DVD, ETC) E  
FAZ A IMAGEM EM REW VOLTANDO E TUDO  
SAINDO DE DENTRO

FOTO SALA DE ESTAR

- ALGUMA COISA...UM PRINT DO GLOBO  
ESPORTE PB (TV) COM O ENDEREÇO DO SITE-

**FOTO DO JORNAL DA PARAÍBA E DE UMA  
TV ANTIGA**

UMA MULHER UMA TV COM COMIDA UM  
TABLET

EURECA(**ESCREVE A PALAVRA EURECA  
ENTRANDO NA TELA**)- UMA LÂMPADA

A PALAVRA CONVERGÊNCIA ENTRA NA TELA,

- NÃO COM TANTO DRAMA\

ELE DISSE QUE A CONVERGÊNCIA  
ACONTECIA NAS NOSSAS CABEÇAS.\

E QUE AS CAIXINHAS PRETAS IRIAM  
CONTINUAR SE MULTIPLICANDO

NA SALA DE ESTAR\

AS PESSOAS SÃO INCENTIVADAS A  
PROCURAR INFORMAÇÕES

E A FAZER LIGAÇÕES *COM*  
*CONTEÚDOS MUDIÁTICOS DISPERSOS.*\

SABE QUANDO SUA MÃE VÊ UMA  
RECEITA NA TV E

INSTANTANEAMENTE PEGA O  
SMARTFONE PARA ANOTAR

DIREITINHO OS INGREDIENTES;\

É ISSO! \

CONVERGÊNCIA É UMA  
PALAVRINHA QUE CONSEGUE  
EXPLICAR AS TRANSFORMAÇÕES

<p>DEPOIS AS OUTRAS (TECNOLOGIA\MERCADO\CULTURA\SOCIEDADE) <b>FONTE MAIS DIVERTIDA-ENTRANDO, CAINDO</b></p> <p>UNIVERSO E JORNAIS CAINDO</p> <p>BANDEIRA DA ESPANHA(<b>FOTO DA BANDEIRA TOMA A TELA TODA E DEPOIS ENTRA AQUELA IMAGEM QUE JÁ ESTÁ</b>), NOMES DOS CARAS <b>FONTE MAIS DIVERTIDA</b> Salaverría, García Avilés e Masip</p> <p>IDÉIAS + <b>FOTOS DOS PRIMEIROS COMPUTADORES EM P&amp;B-TOMA A TELA TODA</b></p> <p>AQUELAS PRENSAS DE JORNAIS(<b>FOTO ANTIGA</b>) SÓ QUE SAINDO JORNAIS, <b>TV ANTIGA</b> E SMARTFONES</p> <p>ILUSTRA COM IMAGEM DO TABLET UM JORNAL SENDO “COLADO” NELE</p> <p>IDÉIA + EXTRA!EXTRA!(O QUE JÁ TÁ+ AQUELE MESMO JORNAL QUE CAIU NO</p>	<p>TECNOLÓGICAS, MERCADOLÓGICAS, CULTURAIS E SOCIAIS.\</p> <p>MAS COMO FOI PARAR NO UNIVERSO JORNALÍSTICO;\</p> <p>UNS ESPANHÓIS ESPERTOS ESPLICAM:SALAVERRIA\AVILES\MASIP\</p> <p>CONVERGÊNCIA JORNALÍSTICA É UM PROCESSO FACILITADO PELA IMPLANTAÇÃO DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS DE TELECOMUNICAÇÕES. \</p> <p>AS NOTÍCIAS</p> <p>VEM SENDO PRODUZIDAS PARA ATENDER DEMANDAS MULTIPLATAFORMAS\</p> <p>É MAIS OU MENOS ASSIM: O TABLET APARECEU, E COM ELE AS NOTÍCIAS FEITAS PARA SEREM CONSUMIDAS NO TABLET\</p> <p>NESSE PROCESSO, TUDO CONVERGE:</p>
---	--

UNIVERSO)

ENTRA AS FOTOS EM TELA TODA

EXTRA!EXTRA!(OQ JÁ TÁ AQUELE MESMO  
JORNAL Q CAIU NO UNIVERSO)

**RECORTE JORNAL + TV + TABLET**

QUER VER COMO FUNCIONA; **(FONTE  
DIVERTIDA CAINDO...ENTRANDO)**

**ENTRA EBRtura GLOBO ESPORTE**

**COLOCA KAKO VOLTANDO DA FRENTE DAS  
CÂMERAS**

**IMAGENS DA REDAÇÃO GE**

AS FERRAMENTAS,OS ESPAÇOS\

O CONTEÚDO DESENVOLVIDO PELOS  
JORNALISTAS\A NOTÍCIA\

É DISTRIBUÍDA ATRAVÉS DE  
MÚLTIPLAS PLATAFORMAS, COM AS  
LINGUAGENS PRÓPRIAS DE CADA  
MEIO

.\QUER VER COMO FUNCIONA;\

SEGUE OFF REPORTAGEM

NÃO, PERAÍ, VOLTA

ISSO, AGORA.

UMA DAS FERRAMENTAS PARA A  
CONVERGÊNCIA JORNALÍSTICA  
FUNCIONAR É A REDAÇÃO  
INTEGRADA. / É ASSIM Ó

**CONGELA- CLICK FOTO – DESCONGELA-  
ELE FALA**

**CONGELA- CLICK FOTO – DESCONGELA-  
CAMERA SEGUE- CAMERA VOLTA**

**CONGELA- CLICK FOTO – DESCONGELA (NO  
CAMPO, QUANDO ELE FICA CALADO CORTA  
ELE FALANDO QUE É LUCAS BARROS)**

**IMAGEM REDAÇÃO PORTAL/JORNAL/TV  
(DIVIDINDO A TELA EM TRÊS)**

**PASSEIA, APARECE NA TELA APARATOS  
TECNOLOGICOS**

Esse jornalista

“ EU SOU EXPEDITO MADRUGA “  
é editor da tv.e do jornal. E do portal.

SONORA EXPEDITO DIZENDO  
FUNÇÕES

Esse outro aqui

“EU SOU PHELIPE CALDAS”  
é editor do portal. E do jornal.e da tv.

Esse aqui, é produtor repórter da tv.e do  
portal.e do jornal.

Ah, claro, pode se apresentar tb.

SONORA LUCAS BARROS “EU SOU  
LUCAS BARROS”

Eles trabalham numa redação integrada. /E  
é assim mesmo, a redação não é fisicamente  
integrada mas, /os jornalistas são.

Outra ferramenta importante para que a  
convergencia jornalística funcione sao os  
aparatos tecnologicos./ Sim!Camera  
fotogr,celular,internet,microfone,filmador.

E tem também as plataformas de veiculacao  
da noticia :

**IMAGENS TV CABO BRANCO/GLOBO  
ESPORTE.COM/JORNAL DA PARAÍBA**

**SOB SOM DELES TRABALHANDO NA  
REDAÇÃO + LETTERING EXPLICANDO QUE  
SÃO 15 JORNALISTAS NA REDAÇÃO  
INTEGRADA**

**IMAGENS REDAÇÃO + IMAGENS EDITORES  
CONVERSANDO, CHECANDO WHATSAPP TB.  
LUCAS NO CAMPO TIRANDO FOTOS**

**LUCAS SAINDO DA REDAÇÃO, COM SEUS  
VÁRIOS EQUIPAMENTOS**

Televisao/portal/jornal.

SONORA EXPEDITO MADRUGA  
DIZENDO QUE DESENVOLVE O  
CONTEÚDO PRA TV, JORNAL E  
PORTAL

Agora vamos ver como eles trabalham.

SOB SOM DELES TRABALHANDO

A REUNIÃO DE PAUTA,/ETAPA QUE  
ELES DECIDEM O QUE É NOTÍCIA E  
QUAL NOTÍCIA MERECE COBERTURA/  
FUNCIONA ASSIM:

SONORA EXPEDITO EXPLICANDO A  
REUNIÃO DE PAUTA  
SONORA PHELIPÃO EXPLICANDO A  
REUNIÃO DE PAUTA.

DEPOIS, O PRODUTOR REPÓRTER VAI  
A CAMPO/  
AS VEZES LITERALMENTE.

O TRABALHO DE UM JORNALISTA EM  
UMA REDAÇÃO CONVERGENTE É  
DESENVOLVER A NOTÍCIA PARA  
MAIS DE UMA PLATAFORMA./O QUE  
NÃO É FÁCIL

SONORA LUCAS BARROS  
EXPLICANDO QUE FOI DESAFIADO,  
QUE ACHA DIFÍCIL, MAS QUE HOJE

**IMAGEM LUCAS COM O MICROFONE,  
CAMERA FOTOGRAFICA + FAZENDO FOTO  
E SONORA**

FAZ NATURALMENTE

E DURANTE A REPORTAGEM, O  
JORNALISTA EQUILIBRA FUNÇÕES /E  
INSTRUMENTOS DE TRABALHO

SONORA PHELIPÃO DIZENDO QUE O  
JORNALISTA TEM QUE SE  
ACOSTUMAR COM ISSO, QUE QUEM  
NÃO TÁ NESSA ONDA TÁ FORA

DEPOIS DA COBERTURA, É HORA DE  
PRODUZIR O CONTEÚDO E  
ENCAMINHAR PARA A EDIÇÃO./

SONORA LUCAS DIZENDO QUE  
CHEGA E FAZ PRIMEIRO O TEXTO DO  
PORTAL, DEPOIS O DA TV E DIZENDO  
QUE ISSO É BOM PQ OUTROS  
REPORTERES PODERIAM ESTAR  
COBRINDO OUTRAS MATÉRIAS

OS EDITORES TAMBÉM APOSTAM  
NESSE MODELO DE REDAÇÃO./

SONORA EXPEDITO DIZENDO QUE É  
BOM E TAL, QUE NÃO TIRA EMPREGO  
QUE NINGUÉM/

SONORA PHELIPÃO DIZENDO QUE É  
BOM E TAL E TAL

COM O CONTEÚDO PRONTO, TODAS  
AS PLATAFORMAS JÁ PODEM  
VEICULAR A MESMA NOTÍCIA./

**IMAGENS LUCAS CHEGANDO NA REDAÇÃO,  
CONVERSANDO COM EDITORES , EDITORES  
NO COMPUTADOR**

**IMAGENS VINHETA GE + KAKO OLÁ  
PESSOAL + TRECHO DO VT + REPORTAGEM  
DO PORTAL**

**DIVIDE A TELA E COBRE COM IMAGENS DO  
GE KAKO CHAMANDO O GLOBO  
ESPORTE.COM (EM MAIS DE UM  
PROGRAMA)**

**+ SOBE DELE CHAMANDO NO TELÃO +**

SOB SOM

A REDE PARAÍBA DE COMUNICAÇÃO  
INVESTE NA CONVERGÊNCIA  
JORNALÍSTICA DESDE 2012

SONORA PHELIPÃO OU EXPEDITO  
EXPLICANDO COMO COMEÇOU

ALÉM DE PRODUZIR O CONTEÚDO  
CONVERGENTE, OS PROFISSIONAIS  
DA REDAÇÃO INTEGRADA  
DESENVOLVEM UMA NARRATIVA  
JORNALÍSTICA QUE DIRECIONA A  
AUDIÊNCIA A CONSUMIR A NOTÍCIA  
EM OUTRO VEÍCULO DO GRUPO DE  
COMUNICAÇÃO. / ASSIM O RECEPTOR  
PODE ACOMPANHAR O  
DESDOBRAMENTO DA TEMÁTICA. /  
NESSE CASO, DA TELEVISÃO PARA O  
PORTAL DE NOTÍCIAS. /  
SONORA KAKO MARQUES  
EXPLICANDO QUANDO USA

É isso.

NÃO entendeu?

(Imagem de aperta o replay) .

ALGUNS AGRADECIMENTOS

**SONORA EXPLICANDO**

(no modelo do video do desing grafico)

**KAKO SE DESPEDE DO GLOBO ESPORTE**

## APÊNDICE D

### REPORTAGEM WEB

#### ENTRE MALABARES, LIQUIDIFICADORES E MIMOS

*Como a convergência transformou o jornalista.*

##### **Malabares jornalísticos**

Com a desenvoltura de um malabarista, Lucas Barros saca a câmera fotográfica, enquanto coloca temporariamente no bolso o microfone que acabou de usar para entrevistar. Mas os outros bolsos da calça não ficam sem utilidade, já que nesse trabalho, se não for bom na arte de equilibrar e trocar objetos de mãos é preciso lugar para guardar outros instrumentos laborais. E são muitos: câmera e microfone já citados, além de smartphone, pauta, caneta e qualquer outra coisa necessária para desempenhar o exercício da profissão. Parece treinamento de circo, mas não é, na verdade essa é a rotina de trabalho do jornalista Lucas Barros, integrante do Núcleo de Esportes da Rede Paraíba de Comunicação.

O trabalho descrito acima faz parte de um modelo de comunicação que vem sendo adotado em redações de todo o mundo, e se chama convergência jornalística. Uma forma de produzir e publicar notícias para atender a transformação cultural que mudou a forma de consumir conteúdo: a audiência busca a notícia em mais de uma plataforma. É a exigência de um jornalista multitarefa para atender a uma audiência multiplataforma. Confira o infográfico abaixo com as definições do termo.

##### INFOGRÁFICO

Clique [aqui 1](#) para ver o vídeo que mostra a rotina em uma redação convergente.

##### **Liquidificador de competências**

“Para as reportagens convergentes, tenho uma receita. Faço a captação ao mesmo tempo, mas não jogo os ingredientes de cara no liquidificador. Primeiro escrevo o texto para a web, que pode ser aproveitado no Jornal da Paraíba e depois ‘apago’ tudo da cabeça, para escrever o off da televisão” E a fórmula descrita por Lucas Barros parece funcionar, as reportagens produzidas no dia da construção desta matéria, você pode conferir [aqui 1](#) e [aqui 2](#).

O termo convergência vem sendo utilizado para nomear uma infinidade de coisas, mas aqui assumimos que para explicar uma reportagem de liquidificador, a definição se aplica bem. O que está acontecendo com os telejornais carrancudos de bancada, senão uma total transformação para atender aos novos públicos? Parece realmente que misturaram todas as formas de contar uma história. Não se sabe mais nada sobre a personalidade de cada veículo, ou se aquele jornalista tem expertise em TV ou impresso. Na televisão, por exemplo, as reportagens que assistimos diariamente parecem uma junção de vídeo postado no *Facebook* com infográfico do portal de notícias. O jornalismo está claramente se adaptando ao contexto de sociabilidade global e tecnologia da informação, onde a cobertura dos acontecimentos pode ocorrer fora das redações, através de postagens nas redes sociais, por exemplo. Isso descaracterizou os veículos tradicionais de comunicação trazendo a eles características próprias da *internet*, onde postagens escritas, vídeos, comentários e compartilhamentos brotam sem interrupção. E para esse jornalismo adaptado, existem jornalistas se adaptando em todo o mundo. Profissionais de veículos tradicionais, como a televisão e o impresso, passam a produzir e divulgar a notícia simultaneamente, para qualquer lugar onde o telespectador-leitor-ouvinte-internauta direcionar os sentidos.

Na Paraíba, a Rede Paraíba de Comunicação segue essas transformações em escala global e, em um processo de “sinergia” integrou a editoria de esportes criando um Núcleo que está eliminando a separação entre os *webjornalistas*, impresso e TV. E é exatamente onde Lucas Barros está inserido. “O meu estágio começou no ano de 2011, mesmo ano do lançamento do Globo Esporte.com. Então eu praticamente fui aprendendo a rotina de jornalista em meio às tentativas de junção das redações”, lembrou o jornalista.

Phelipe Caldas, um dos editores do Núcleo de Esportes, conta que o investimento na produção de conteúdo em dinâmica multiplataforma surgiu em março de 2011 com o lançamento do Globo Esporte.com Paraíba. “A integração do núcleo de esportes começou a ser introduzida em março de 2011, e continuou nos anos seguintes com a junção gradativa da turma do on e offline. Hoje, os jornalistas esportivos da TV Cabo Branco, caderno de esportes do Jornal da Paraíba e Globo Esporte.com trabalham na perspectiva de que cada jornalista é responsável pela cobertura da notícia para as plataformas impressa, digital e TV”.

### **Mimando a audiência**

Ao que parece, o jornalista convergente funciona como um pai exageradamente zeloso: está em uma tentativa constante de atender a qualquer necessidade que a audiência tenha, mimando-a. Mas será que na hora de agradar o público, mostrando a notícia em qualquer

plataforma que ele queira acessar (a reportagem está no celular, na TV, na web, no jornal), a qualidade é levada em consideração; Ou os jornalistas convergentes agem como aquele pai que enche a criança de doces para aplacar o choro constante;

“Se a gente não souber, pergunta”, afirmou Phelipe, semelhante a um pai de primeira viagem que consulta a mãe na hora de tomar decisões, e seguiu um discurso de quem não tem receio de recorrer à família inteira “O que pega é a forma de produzir a informação. Mas, nós temos, digamos assim, especialistas em cada veículo. Temos alguns aqui que têm a formação mais específica em TV, outros aqui que são da escola do jornal, e também quem nasceu no portal. E esses estão sempre dialogando. Por isso que eu digo, se a gente não souber, pergunta. Daí (*eu*) acho que a notícia não perde a qualidade, por que o diálogo não é só entre mídias, é entre colegas”.

A discussão sobre a qualidade da notícia está diretamente atrelada também a possível transposição de reportagens de um meio para outro, sem a adequação da linguagem “O espaço é totalmente diferente em cada um, então sempre estamos adequando as matérias para outro veículo, no nosso núcleo não existe essa de *control c, control v*. Já fizemos texto para *internet* enormes e tivemos a missão de diminuir para o jornal, ou transformar numa notinha para a TV. O espaço na *internet* é cada vez maior e no jornal é cada vez mais minguado”, observou o editor, explicando também que a *internet* serve como catálogo para as diferentes plataformas “é que na *internet* eu ainda posso resgatar a memória da notícia, e disponibilizar uma infinidade de vídeos e fotos, fazendo uma vitamina de informações”, acrescentou.

Mas nem tudo é dado à audiência “de mão beijada”, às vezes o público vai precisar de mais de um clique para ter acesso a outras informações sobre aquela notícia veiculada. Kako Marques, um dos integrantes do núcleo, ressalta que, muitas vezes, uma notícia pode ser destrinchada para os veículos. “A matéria é exibida na TV, mas eu não tenho tempo para usar todas as entrevistas naquele VT, então eu encaminho o telespectador para *web*, onde ele pode ver entrevistas inéditas e outros pontos de vista, já que não existe a limitação do espaço”. Marques conta também que além de completar reportagens, a convergência jornalística ajudou a disfarçar os possíveis furos. “Por conta do imediatismo da *internet*, muitas vezes é difícil você ter uma equipe (de TV) no local onde o fato aconteceu. Na *internet* não, você precisa de uma foto, um texto e às vezes tem até um vídeo de celular. Então se a apuração do Globoesporte.com for bem feita, você acaba sendo ajudado, por que tem uma notícia, ilustra essa notícia na TV com um *printscream* da matéria do portal, e ainda divulga o endereço do portal”, acrescentou.

Na convergência jornalística, muita coisa parece novidade, mas garantir o furo continua prioridade. Quando é um caso de factual, o Globoesporte.com divulga primeiro a notícia, para evitar que uma empresa de comunicação concorrente torne a notícia pública em primeira mão. “A TV então dá a matéria no próximo telejornal e o Jornal da Paraíba no dia seguinte. Aí não tem jeito, um fura o outro, mesmo sendo veículos da mesma casa”, explicou o editor. Já quando o assunto é reportagem produzida, Caldas conta que o furo vem em conjunto “se é uma matéria especial mais bem trabalhada, que é uma coisa só nossa, produzida por nós, e que a concorrência não tem acesso, a gente às vezes adia a publicação no Globo Esporte.com e na TV, para dar junto com o jornal, e assim não tem dica para a concorrência”, assinalou. Entre malabares, liquidificadores e mimos, parece que os desafios do mercado estão aí não só para os empresários resolverem, ou os jornalistas. Essas mudanças precisam se configurar em desafio também para as escolas de comunicação. Na nossa versão impressa, as discussões em torno de um jornalismo multiplataforma, em tempo real e de qualidade continuam.

Clique [aqui](#) para ver a fotorreportagem com um dia na redação integrada.

\*\*\*\*\*

aqui 2

<http://globoesporte.globo.com/pb/noticia/2014/08/vilar-ressalta-equilibrio-da-serie-c-e-afirma-nao-tem-nenhuma-surpresa.html>

aqui 3

<http://globoesporte.globo.com/pb/videos/t/edicoes/v/confira-a-integra-do-globo-esporte-desta-terca-feira-26082014/3588715/>

#### **FONTES PARA INFOGRÁFICO:**

SALAVERRÍA, Ramón; GARCÍA AVILÉS, José Alberto; MASIP, Pere. **Concepto de Convergencia Periodística**. In: LÓPEZ GARCÍA, X.; PEREIRA FARIÑA, X. Convergencia Digital Reconfiguración de los Medios de Comunicación em España. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, 2010.

JENKIS, Henry. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Aleph, 2008 (Edição em português)

KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Convergência nas redações**: Mapeando os impactos do novo cenário midiático sobre o fazer jornalístico. In: RODRIGUES, Carla (org.). **Jornalismo On-Line: Modos de fazer**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Sulina, 2009.

## APÊNDICE E

### REPORTAGEM IMPRESSO

#### A TV NÃO ESTÁ MORTA

*Nem o rádio, nem o jornal e nem o jornalista. Pesquisas mostram que, mesmo com o crescimento da internet, os meios tradicionais de comunicação continuam em alta, e consequentemente o jornalista também.*

Tereza Rosália parou na banca, comprou o jornal e sentou no banco da praça. Parece história antiga e até seria, se, dez minutos depois ela não sacasse o celular do bolso para checar o *Facebook*. Outro hábito de Tereza que parecia estar com os dias contados depois da chegada do novíssimo *smartphone* que comprou no Natal, é assistir televisão todas as noites, “e não é que continua?” assinalou a vendedora de móveis.

Sim, estamos cada vez mais conectados, mas nem por isso perdemos o velho hábito de jantar em frente à TV. Foi isso que mostrou o estudo *Connect Life*, desenvolvido pela TNS Brasil que entrevistou mais de 56 mil internautas em 52 países. E sim, os jornalistas podem comemorar, por que assim como Tereza, o brasileiro não está interessado apenas em novela. Outra pesquisa realizada pelo Ibope para a Secom (Secretaria de Comunicação) da Presidência mostrou que, por mais atrativa que a *internet* seja, quando o assunto é informação, as fontes mais confiáveis são a televisão e os jornais impressos. “Eu acompanho algumas notícias pelo computador ou celular, mas na hora de confirmar, saber se é verdade mesmo, eu corro para ver o repórter na TV” afirmou a vendedora.

As duas pesquisas, divulgadas em dezembro do ano passado mostram que no quesito abrir o jornal para ler as notícias, ou assistir o jornal da noite para manter-se bem informado, o brasileiro continua firme e forte: 58% dos entrevistados confiam muito nos jornais, 54% na TV e 52% no rádio. No entanto, outros hábitos tem se juntado a rotina dos brasileiros, acompanhado a caminhada mundial de acesso à informação: o surgimento de uma audiência “multitelas”.

A pesquisa *Connect Life* além de mostrar a permanência dos veículos tradicionais de comunicação na rotina do público, apresentou também uma audiência que busca entretenimento e informação em mais de um veículo de comunicação, plataforma ou dispositivo. De uma só vez. Mundialmente 41% dos internautas fazem outras atividades

enquanto assistem TV: 7% fazem compras, 11% se comunicam e 11% buscam notícias e entretenimento online. No gráfico 1, acompanhe os dados no Brasil.

## **BOX 1**

### **Gráfico que mostra o comportamento do internauta no Brasil**

Fonte : <http://connectedlife.tnsglobal.com/>

Essa transformação cultural que Tereza Rosália e muitos outros brasileiros vêm passando, agregando às antigas rotinas de consumo de informação as novas possibilidades que a tecnologia possibilitou, é chamada de convergência. Em linhas gerais é a forma como as mídias circulam na nossa cultura, e como nós nos comportamos diante da oferta de dispositivos tecnológicos e acesso à informação.

## **BOX 2**

### **Definições de convergência e convergência jornalística.**

**Convergência: Fluxo de conteúdos através de múltiplas plataformas de mídia, com a cooperação de múltiplos mercados midiáticos, aliados ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação, os quais vão a quase qualquer parte em busca das experiências de entretenimento que desejam (JENKINS, 2008).**

**Convergência jornalística: É um processo multidimensional facilitado pela implantação generalizada das tecnologias digitais de telecomunicações, que afeta os aspectos tecnológicos, empresariais, profissionais e de conteúdo, promovendo a integração de ferramentas, espaços, métodos de trabalho e linguagens que antes eram dispersas, e agora, seguem agrupadas, de modo que o conteúdo desenvolvido pelos jornalistas é distribuído através de múltiplas plataformas, com as linguagens próprias de cada meio (SALAVERRIA, GARCIA ÁVILES & MASIP, 2010).**

## **E SE A TV ESTÁ VIVA, O JORNALISTA PRECISA RESSUCITAR**

Se diante dos estudos já se pode parar um pouco com pensamentos apocalípticos sobre a profissão do jornalista, afinal entendeu-se que mesmo no contexto convergente os meios de comunicação tradicionais estão vivos e na *web* também se faz notícia por jornalistas, o profissional dado por alguns como morto, precisa ressuscitar. É que agora, as técnicas aprendidas nos bancos de universidade serão ainda mais úteis, só que readaptadas. E não adianta “nadar contra a maré”. A cultura da sociabilidade global e tecnologia da informação

deu uma cara diferente à notícia, pois mesmo com a credibilidade daquele jornal tradicional ainda em voga, a cobertura dos acontecimentos pode ocorrer fora das redações- através de postagens nas redes sociais, por exemplo. Tudo isso também descaracterizou os veículos tradicionais, trazendo a eles características próprias da *internet*, onde postagens escritas, vídeos, comentários e compartilhamentos brotam de forma descentralizada.

E aí, com a linguagem dos meios em constante adaptação, é preciso um jornalista reanimado, adaptado. “Quem não tiver pronto para todas essas plataformas vai perder espaço, não tem jeito”, explicou Phelipe Caldas, editor do Núcleo de Esportes da Rede Paraíba de Comunicação, redação integrada que foi criada em 2011 para atender o cenário convergente. Lá, por conta de todas essas transformações que a internet trouxe, os jornalistas precisam ter habilidades para desenvolver reportagens para três veículos da casa: TV, Jornal impresso e é claro, web. E ele defende outra prática que surgiu com a convergência: o jornalista “multifuncional”, que é aquele que ao mesmo tempo, atende aos três veículos. O editor afirma que para atender as Terezas da vida, mesmo sendo da “escola do impresso” hoje desenvolve a mesma notícia para o jornal, a TV e o portal de notícias, sem percalços.

Tem jornalista antigo se adaptando, mas tem foca que já chega ao mercado com experiência multifuncional no currículo. Lucas Barros, graduado pela Faculdade Maurício de Nassau, está animado com a convergência e percebe nesse modelo de trabalho uma chance de atuar em várias áreas. “No estágio eu já fazia tudo ao mesmo tempo, ia para a rua com a câmera fotográfica, o gravador e o microfone. Agora, com a carteira assinada eu sigo com esse estilo de trabalho, e me sinto um jornalista completo trabalhando nesse núcleo multiplataforma” explicou o jornalista, que hoje também atua no Núcleo de Esportes da Rede Paraíba de Comunicação.

E se o surgimento de um exército de jornalistas multifuncionais parece não assustar quem está no mercado, nas escolas de comunicação é visto com cautela.

### **Ensino do Jornalismo em tempos de convergência**

Quando a discussão chega aos bancos das escolas de comunicação, parece que questões que eram feitas a exaustão décadas atrás reverberam hoje as escolas de jornalismo. As universidades preparam o estudante para o mercado de trabalho? Prepara os futuros jornalistas não somente para desempenhar esse papel multifuncional, como para exigir condições físicas e financeiras para tal feito? E ainda, sem esquecer da qualidade da notícia? “Parece discussão que não se acaba, por que já era feita quando eu era estudante, e bem antes, e segue agora com as novas pressões do mercado de trabalho. Jornalismo em revolução, mas

as questões da preparação para praticar esse novo jornalismo não são revolucionárias, são as mesmas de sempre: na academia, o que está sendo considerado? A capacidade de contar a história? A capacidade de pensar na história? A capacidade de ser um bom empregado? Ou a capacidade de ser ousado? De empreender?”, questiona Agda Aquino, professora da Universidade Estadual da Paraíba, que já passou também pela Universidade Federal da Paraíba e faculdades particulares, a exemplo da Maurício de Nassau. “De certo, se qualquer alternativa for priorizada, o jornalista que sair da universidade vai encontrar um mercado multiplataforma, e sim, terá que ser multi também. Multitarefa, multifuncional, que seja. Um “Bombril” para transformar aquilo que vê, ouve e questiona em aquilo que a audiência vê, lê, ouve e questiona- ao mesmo tempo” concluiu Aquino.

Marcelo Rodrigo, coordenador do Curso de Jornalismo da Faculdade Maurício de Nassau levanta outra discussão, que vai além do preparo “Acredito que a discussão sobre o domínio da competência multimídia é muito válida enquanto qualificação e preparo profissional, ou seja, o profissional está preparado para atuar em um ambiente ou mercado multiplataforma. Contudo, acho delicado estimular ou corroborar com a ideia de que esses profissionais tenham que atuar em vários suportes midiáticos ao mesmo tempo sem discutir questões trabalhistas”, observou Marcelo, defendendo ainda que para a academia desenvolver seu papel com excelência, o profissional tem que concluir o curso apto a exercer qualquer função de jornalista, mas se for exercê-las ao mesmo tempo precisa avaliar condições físicas e financeiras.

Os desafios do mercado estão aí não só para os jornalistas resolverem, ou os professores. Essas mudanças precisam se configurar em desafio também para as empresas. O que os jornais impressos vão virar com a concorrência da *internet*? E se todos estiverem buscando informações na internet, mas ainda assim manterem seus antigos hábitos? Como sustentar um jornalismo rápido, em tempo real e de qualidade? Na nossa versão *online*, as discussões em torno de um jornalismo multiplataforma, em tempo real e de qualidade continuam.

## **APÊNDICE F**

### **FOTORREPORTAGEM**

#### **MALABARES JORNALÍSTICOS**

*A rotina de um jornalista convergente em fotorreportagem*

Com a desenvoltura de um malabarista, Lucas Barros saca a câmera fotográfica, enquanto coloca temporariamente no bolso o microfone que acabou de usar para entrevistar. E não há motivo para espanto, essa é a realidade do jornalismo: um só jornalista, muitos veículos de comunicação. O jornalista foi remodelado a partir de um novo cenário de transformação cultural, onde as tecnologias mudaram a forma de acesso à informação e consequentemente o comportamento do público. É a chamada convergência jornalística.

A fotorreportagem a seguir contempla a rotina de trabalho do jornalista Lucas Barros, integrante do Núcleo de Esportes da Rede Paraíba de Comunicação. Em um primeiro momento, acompanhamos o jornalista em uma reportagem sobre a rerepresentação do Botafogo da Paraíba. Na segunda parte da fotorreportagem, o jornalista realiza uma matéria sobre o goleiro paraibano de futsal João Neto.